



# A VIDA É UM TEXTO

POR POESIA, CONTO,  
CRÔNICA E DEPOIMENTO

---

2ª EDIÇÃO DO PRÊMIO NACIONAL DE LITERATURA  
PARA MAGISTRADOS



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Vida é um texto por poesia, conto, crônica e depoimento [livro eletrônico] : 2º edição do Prêmio Nacional de Literatura para Magistrados / organização Associação dos Magistrados Brasileiros. -- Brasília, DF : AMB - Associação dos Magistrados Brasileiros, 2022.  
PDF

Vários autores.  
ISBN 978-65-81003-05-0

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas brasileiras - Coletâneas 3. Depoimentos - Coletâneas 4. Direito e literatura 5. Poesia brasileira - Coletâneas I. Associação dos Magistrados Brasileiros.

22-135260

CDD-B869.8

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

# Prefácio

Há conversas que não se findam entre o Direito e a Literatura, as quais fluem da intimidade existente na arte com a realidade. Nesta relação tão próxima, é possível perceber que tanto a Ciência Jurídica quanto a Literária se cruzam precipuamente no caminho onde estão o sujeito e os seus conflitos. Na ausência de literatura não há epifania – a lei puramente seca produz pouco entendimento. É preciso literar para ter o desvelamento do mundo vivido – um aprendizado com a experiência do outro, uma fusão de horizontes que amplia a visão do indivíduo sobre a verdade.

Na Literatura há palavra, no Direito, a palavra é ordem. Substancialmente, ele se apresenta por ela, se exprime e constrói as mais variadas compreensões que só se tornam verossímeis pela palavra. Trata-se da condição de que o Jurídico é, pertence e está na Literatura.

No exercício do pensar, a Ciência Literária revela o passado, projeta o futuro e problematiza o presente. São missões fundamentais que prefiguram a vida por meio da narrativa. É o colo que acolhe o Direito, que essencialmente faz parte das Ciências Humanas, por esse prisma, é autopoietico, interdisciplinar, belo e arte.

Por compreender a importância da Literatura para o ofício de julgar, sob essa ótica, a Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) realiza o II Prêmio Nacional de Literatura aos associados à entidade. Trata-se de uma plataforma impulsionadora de talentos da arte da escrita, bem como a oportunidade de promover o estudo da Ciência Literária entre magistrados.

Esta obra é um espaço de compartilhamento e aprimoramento de juizes que mostram a interdisciplinaridade entre o Direito e a Literatura. Por meio dos gêneros poesia, contos, crônicas e depoimentos, os autores impressionam com a sua sensibilidade em face das histórias, que traduzem a realidade de um recorte experimentado.

Esta obra faz parte do Projeto Direito e Literatura, realizado em parceria com a Academia Paulista de Letras (APL), e cumpre uma das finalidades da AMB desde a sua criação: a de formular ações em prol do aperfeiçoamento cultural, jurídico e humanístico dos magistrados.

Pelas páginas, há de se contemplar o amor dos escritores pela vida, a benevolência da alma, o espírito público, a empatia com o próximo e a paixão pela Magistratura. Por outras tantas, a Justiça se mostra essencialmente

**Renata Gil**  
Presidente da AMB

# Sumário

## POEMAS

As duas viagens do meu pai   Primeiro lugar Odilon de Ávila Flores   Belo Horizonte – MG.....	09
Escrever   Segundo lugar Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima   Salvador – BA.....	11
Haiti   Terceiro lugar José Antonio Barretto   Ouro Preto do Oeste – RO.....	13

## Menções honrosas

Eu quero ver o verde na Amazônia Sarah C B Monteiro Rodrigues   Belém – PA.....	16
Versos acres Adelino Augusto Pinheiro Pires Vitória – ES.....	18
Irmãos Naves (O processo) José Jorge de Amorim   Recife – PE.....	19

## Indicados para publicação

Primeira lágrima Sandro Lúcio Barbosa Pitassi   Rio de Janeiro – RJ.....	21
Quem sou? José Manoel Ribeiro de Paula   Itapetininga – SP.....	23
A náusea Luiz Carlos Lopes Brandão   Macapá – AP.....	24
Solilóquio Alexandre Roque Pinto   João Pessoa – PB.....	25

## CRÔNICA

Tinha uma felicidade no caminho...   Primeiro lugar Felipe Morais Barbosa   Leopoldina – GO.....	27
Sapico da Paraúna   Segundo lugar Waltides Pereira dos Passos   Goiânia – GO.....	30
Museu a céu aberto   Terceiro lugar Cláudio Antônio de Carvalho Xavier   João Pessoa – PB.....	33

## Menções Honrosas

Quando a fome apaga o trauma Patrícia Persicano Pires   São Paulo – SP.....	36
A casa do Ribeirão e o quibe da bacia Marcelo Elias Naschenweng   Florianópolis – SC.....	37
Quitinete Ana Paula Azevedo Gomes   Rio de Janeiro – RJ.....	39

## Indicados para Publicação

Esperança Antonio Jurandir Pinoti   São Paulo – SP.....	41
Competência delegada Marcus Renato Nogueira Garcia   Londrina – PR.....	43
Sonora seja nossa missão Luciana Gonçalves Nunes   Irati – PR.....	45

## CONTO

Fantasma – trio para piano, violino e violoncelo   Primeiro lugar Rui Guilherme de Vasconcellos Souza Filho   Rio de Janeiro – RJ.....	47
---	----

Retrovisor | Segundo lugar  
Danielle Martins Cardoso | São Paulo – SP.....51

Jangadas ao mar | Terceiro lugar  
Carlos Henrique Garcia de Oliveira | Fortaleza – CE.....54

## **Menções Honrosas**

O diabo embaixo da cama  
Vanilson Rodrigues Fernandes | Belém – PA..... 60

A janela  
Marcelo Mesquita Silva | Teresina – PI.....65

O que nos desperta  
Danilo Fontenele Sampaio Cunha | Fortaleza – CE.....70

## **Indicados para publicação**

Dois Elefantes  
Carolina Nabarro Munhoz Rossi | São Paulo – SP.....75

O casamento dos sonhos  
Flavia Fabiane Nascimento Figueira | Recife – PE.....80

Esboço de Severino  
Luiz Carlos Ribeiro Borges | Campinas – SP.....84

Moleques de brinquedo  
Bruno André Silva Ribeiro | Brasília – DF.....88

O Julgamento de Friedrich Nietzsche  
Fabricio Reali Zia | Campinas – SP.....93

Boiadeiros  
Edmeu Carmesini | Dois Córregos – SP.....98

## **DEPOIMENTO**

Estupro de vulnerável e o aborto | Primeiro lugar  
Paula Fernanda de Souza Vasconcelos Navarro | São Paulo – SP.....103

É como andar de bicicleta | Segundo lugar  
Juliana Pinheiro de Toledo Piza | Rio de Janeiro – RJ.....107

Esmalte nas unhas e justiça no coração | Terceiro lugar  
Genaceia da Silva Alberton | São Leopoldo – RS.....109

## **Menções Honrosas**

De Antiguidades Judicantes  
Getúlio Marcos Pereira Neves | Vila Velha – ES.....112

O juiz que falou demais  
Otavio Tioiti Tokuda | São Paulo – SP.....115

Mãe nossa de cada dia  
Joana Sarmento de Matos | Boa Vista – RR.....116

# Poemas

**As duas viagens do meu pai | Primeiro lugar**

Odilon de Ávila Flores | Belo Horizonte – MG

**Escrever | Segundo lugar**

Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima | Salvador – BA

**Haiti | Terceiro lugar**

José Antonio Barretto | Ouro Preto do Oeste – RO

## As duas viagens do meu pai

Canoeiro, canoeiro,  
Que levou meu velho pai.  
Não era do rio  
Nem era do mar  
– De onde que era?  
Levou meu pai.

Numa longa viagem  
De três dias e três noites  
Levou-o tão alto, aos páramos siderais...  
Eram lindas paragens, tranquilas, serenas,  
Onde a dor e a tristeza não tinham vingado  
Onde ninguém envelhecia  
Onde meu pai viu o dele  
E viu tanta gente mais  
Que há longo tempo não via.  
Era além, muito além,  
Além da Terra e além do mar.

Canoeiro, canoeiro,  
Que remou um sonho inteiro  
E levou meu velho pai à morada mais distante.  
Lá meu velho o escutou,  
No sonho que me contou:  
– O que vê, será visão.  
Desperte, pise no chão,  
Livre dos males do corpo.  
Viva oito anos mais  
E depois você virá.

Canoeiro enganador...  
Meu pai voltou como estava  
– uma sombra do que fora!  
“Oito anos!” – você disse.  
Só passaram oito dias...

Um domingo luminoso,  
Muito azul, de muito sol,  
Pode ser um belo dia  
Para a grande travessia...  
Mas que dor vê-lo partir!

*Odilon de Ávila Flores*

## Escrever

Desossar palavra  
vértebras e ais  
nas lavras reter  
abissais e plenas  
emoções ideias  
e nas suas crinas  
dizer sempre o quanto.

Descaroçar palavra  
grãos bagos e vagem  
recolher o sopro  
desta sua aragem.

Desfiar seu pelo  
desmontar seu nome  
destelhar o medo  
lava que consome.

Destinar seu ermo acolher seu pranto  
e no ossuário  
dizer sempre o quanto.

Decifrar a senha  
das suas vogais  
desnudar a lenha  
voz luzes vestais  
mais bagagem venha  
permanente cais  
e em cada ordenha  
dizer sempre o quanto.

Desposar palavra  
veias e umbrais  
em argila e canto

descerrar a margem  
inundar canais  
dissipar espanto  
e de cada imagem  
dizer sempre o quanto.  
Desatar as leis  
águas no estuário  
desvelar as sinas  
despir enxovais  
descolar arenas  
noites e sinais  
sempre e sempre além  
dizer sempre o quanto  
e mais ainda sempre  
dizer sim ao quanto  
dizer sim ao quanto  
dizer sim  
enquanto.

*Isabel Maria Sampaio Oliveira Lima*

## Haiti

É tarde, tá na hora de o sono não vir.

A mente naquela gente tangida como bestas rio adentro,  
 Chicoteadas por homens (homens?) montados em seus garbosos cavalos,  
 Valentes caubóis com suas cabeças à sombra das abas dos largos chapéus,  
 Consciências tranquilas por se acharem absolvidos em cumprirem ordem dada.

Gente preta, crianças pretas, mulheres pretas, homens pretos,  
 Olhares suplicantes lançados aos impávidos feitores,  
 Imunes ao mugir lamuriendo das bestas,  
 O sonho da Terra Prometida, Canaã ilusória,  
 Onde jorra leite da terra, mas só em Hollywood.

E que mesmo assim não as quer,  
 As bestas que ousam desafiar os muros.  
 Não quer essa gente preta sujando o precioso paraíso.  
 Vão! Vão-se embora, voltem de onde vieram.

Voltem para a fome, para a desgraça, para a tragédia constante.  
 Voltem, vivam com o que não têm,  
 Ruminem o pasto mal crescido, aguentem.  
 Esperem famintas a próxima missão humanitária,  
 Esperem as rações, lambam o sal mineral, aguentem,  
 Ou então, se não quiserem, morram, bestas-feras!  
 Tá na hora de o sono não vir,  
 E de a mente vagar inquieta,  
 A hora de chorar de vergonha,  
 Vendo-me também montado em garboso cavalo,  
 Mas e amanhã, chorarei?

É só um bando de gente preta.  
Crianças pretas,  
Mulheres pretas,  
Homens pretos.  
Bestas-feras acostumadas ao estalar dos chicotes no lombo.

É só gente do Haiti,  
É o Haiti, ao contrário do que cantou o poeta, não é aqui.  
Talvez amanhã eu durma,  
Sim, amanhã dormirei.

*José Antonio Barretto*

## Menções Honrosas

**Eu quero ver o verde na Amazônia**

Sarah C B Monteiro Rodrigues | Belém – PA

**Versos acres**

Adelino Augusto Pinheiro Pires Vitória – ES

**Irmãos Naves (O processo)**

José Jorge de Amorim | Recife – PE

## **Eu quero ver o verde na Amazônia**

Eu quero ver o verde na Amazônia  
e ver os pássaros, na sublimidade  
do azul, hasteando seus louvores,  
entoando cânticos de amor.

Eu quero ver a Amazônia verde  
e ver o Sol, senhor das tardes e manhãs,  
despertar para a intimidade das formas  
e das cores de cada manto sereno  
de graças abençoados.

Quero do verde, da verde Amazônia,  
todo o dulçor de seus postais,  
despertados, como a poesia que se hospeda  
nos rios – águas e águas para a sede  
singular da vida.

Da Amazônia (verde coração) eu quero:  
a divindade colossal dos ventos coreografando  
o dançar das folhas, onde se manifestam perfumes,  
onde se acendem as harmonias,  
onde se apagam as palavras.

Quero (ver de) perto o verde da Amazônia  
como as estações dos sonhos que a vida tece  
e ter em cada olhar um retrato.

Quero ver o verde te cobrir de encantos  
com seus palácios de festa e de magia.

Eu quero ver as pedras das cachoeiras  
remar nas águas e velejar no vento,  
sem lágrimas, sem dor ou despedidas.

Quero desvendar teus verdes mistérios  
do encontro dos rios que não se misturam  
e ver o verde que te abraça e o azul que te procura.

Quero caminhar nessa selva verde, minha Amazônia.  
Poder descobrir todo o teu sabor,  
no exotismo dos teus frutos,  
pescar e mergulhar nos teus rios.  
Quero ver o teu verde na moldura dos corações,  
e na consciência de cada ser.  
Para que te preserve sempre verde  
e perceba que o teu verde respira a humanidade.

*Sarah C B Monteiro Rodrigues*

## Versos acres

Qual ladrão que abre um cofre com alarme,  
mergulho em mim, procurando encontrar-me,  
sentindo o assomo de uma culpa escusa.  
Ao adentrar o íntimo território,  
penso ouvir um libelo acusatório.  
A minha própria sombra é quem me acusa.

Ante a desolação dos meus escombros,  
E tendo por balança os próprios ombros  
vergados pelo peso do meu fardo,  
capto, em meio à tranquilidade escassa,  
a magnitude plúmbea da desgraça  
e a dimensão dessa culpa que guardo.

Com a expressão serena de um defunto,  
respondo, toda vez que me pergunto,  
acerca de meu pecado congênito,  
que o herdei no momento em que eu nascia,  
vestindo-o de anacrônica empatia,  
fazendo-o meu defeito primogênito.

Na qualidade de réu putativo levado  
a julgamento intempestivo,  
antecipo-me à esperada sentença  
adormecendo e retornando ao Nada,  
até que minha essência condenada  
tenha num sonho a própria renascença.

*Adelino Augusto Pinheiro Pires Vitória*

## **Irmãos naves (o processo)**

Tangidos pela espada  
Em que águas naufragaram  
Os ineptos irmãos Naves?

Naufragaram (culpados de crime  
Sem vítima) na massa líquida  
De sangue, lágrimas e urina

Os dois, à deriva, chegaram ao cais  
De pedras extraídas das Minas Gerais

O cais onde naves jamais atracaram  
Feito de pedras de imolar aprisionados

Tão longe dos mares e da vida náutica  
Em que águas navegaram os irmãos Naves?

Singraram a água benta dos injustiçados...

*José Jorge de Amorim*

## Indicados para Publicação

### **Primeira lágrima**

Sandro Lúcio Barbosa Pitassi | Rio de Janeiro – RJ

### **Quem sou?**

José Manoel Ribeiro de Paula | Itapetininga – SP

### **A náusea**

Luiz Carlos Lopes Brandão | Macapá – AP

### **Solilóquio**

Alexandre Roque Pinto | João Pessoa – PB

## Primeira lágrima

(E dos noturnos de Chopin se fez o amor, deitando-se sobre a música esplêndida da  
sombra de Deus que levemente passou pela sala)

E uma leveza incrível invade a alma  
E já não há mais corpo e matéria  
Tudo é espasmo e libertação

As asas se abrem gigantescas e preciosas  
O ritual da purificação dos pecados foi deflagrado.  
E o homem e a carne se arrastam  
Caídos e doloridos.  
Aos olhos nada mais resta  
Salvo a contemplação divina.  
E tudo gira, gira, gira.  
Anjos levitam e cantam.  
Notas cortam o espírito  
Afugentando fantasmas.  
Não façam barulho.  
A levantada dos mortos é possível.  
Tudo é alma  
Nada mais.

E assim caminho Levito  
Imploro:  
– Ouçam os santos meus apelos.  
– Cravem as verdades divinas na matéria  
esparsa que já não existe e agora agoniza.  
Mas nada disso importa.  
Posso saltar os sombrios porões  
Caminhar por jardins suspensos de imaginação celestial.

E tudo ao branco se joga  
E corpos já não andam apenas.  
E mãos se cruzam no bailado do encontro.  
E lágrimas suavemente limpam as rugas:  
– Deus, desça até meus delírios.  
– Reverta ao pó o supérfluo resíduo da incompreensão.  
– Dê ordens aos arcanjos para que  
espalhem aos ventos milagres infantis e  
lindos de inocência pura.

E da música faço meu palco imaginário.  
Respirando loucura e mágica.  
Trocaria a imundície dos veludos  
Pelos luares desesperados da solidão.  
E cada toque no piano faz a alma transbordar  
Na tempestade do eterno  
Colocando a música lama nos braços  
Surgindo do barro esperança e luz  
Enquanto um silêncio absoluto condena os sepulcros dos vivos.

*Sandro Lúcio Barbosa Pitassi*

## Quem sou?

Eu... eu me sinto feito  
 Autêntico adolescente  
 Imberbe, imbecil,  
 Inseguro, intragável,  
 Insatisfeito, insuportável,  
 Impetuoso, imprecitado,  
 Intrépido, infalível,  
 Inoportuno, impassível,  
 Intenso, insaciável,  
 Impulsivo, imperativo,  
 Impaciente, imbatível,  
 Improvável, insuperável,  
 Inteligente, importante,  
 Insano, insensato,  
 Impossível, inviável,  
 Incoerente, incapaz,  
 Inalcançável, inaudível,  
 Indolente, incipiente,  
 Insipiente, ímpar, incauto,  
 Infeliz, inoperante,  
 Irreverente, insolente,  
 (In)competente...  
 Enfim, quase tudo  
 de prefixo “in” e “im”,  
 menos “indiferente”,  
 Fraco e forte  
 a um só tempo,  
 Homem, ainda menino...  
 Quem sou? Serei [im]perdoável?!?

*José Manoel Ribeiro de Paula*

## **A náusea**

Essa hora cinzenta  
solsombra  
em que indivisas aves gritam  
e seu voo  
(pelo gosto de aço deixado na língua)  
se sabe mais cortante.

...

A luz imprecisa  
não ilude: o sofá, os livros,  
o tapete, tudo  
exatamente o que parece.  
Nada detrás ou além.  
Burguesmente me instalo  
entre as coisas  
como esperasse a morte: mas a porta  
se mantém silente.

...

(Um suposto sagitário  
se desmancha:  
apenas jóquei  
e cavalo).  
Apenas existo.

...

Como bananas numa fruteira  
como um cavalo morto ao sol  
(moscas zunem sobre ambos)  
tudo apodrece nesta tarde.

*Luiz Carlos Lopes Brandão*

## Solilóquio

Oh! vida miserável, quando enfim  
Poderei apagar o teu pavio?  
Em que porto meu lúgubre navio  
Esmagará seu último motim?

Até quando as palavras que eu recrio  
Destruirão as orlas do arlequim  
E o pouco que restou dentro de mim  
Só servirá de mote e de assobio?

Quando essa seiva de mortal matéria  
A transportar patética miséria  
Vai desistir desse mover tão fútil

E aqueles vermes que encerram a história  
Vão apagar a última memória  
Do que restou de um chimpanzé inútil?

*Alexandre Roque Pinto*

# Crônicas

**Tinha uma felicidade no caminho... | Primeiro lugar**

Felipe Morais Barbosa | Leopoldina – GO

**Sapico da Paraúna | Segundo lugar**

Waltides Pereira dos Passos | Goiânia – GO

**Museu a céu aberto | Terceiro lugar**

Cláudio Antônio de Carvalho Xavier | João Pessoa – PB

## Tinha uma felicidade no caminho...

Há tempos me pergunto o motivo pelo qual diminuí os ensaios de poemas. Escrevia com determinada frequência no passado. Gostava do “ofício”. Não há uma resposta técnica, ou acabada. Inclino-me a acreditar que fases da vida são elementos de fomento e singularização.

Solidão, paixões de verão, distanciamentos espaciais, afastamentos emocionais, enfim, turbulências afetivas cotidianas são exímios gatilhos para a criatividade da escrita dramático-emotiva.

Saudades do que viveu, do que não viveu, da nostalgia da gravura exposta no retrato em preto e branco na casa de “Itabira”.

Muitas vezes os textos poéticos advêm de presunçosos sentimentos agudos, profundos e doloridos, pelo olhar momentâneo de quem tem para si que “vive enfim um grande amor” **buarquiano**. (“Mentira”)!

Em essência e em regra, é um reles sentimento rarefeito e efêmero, se observado pelo ângulo da Águia Albatroz oceânica, que em seu voo alto desvenda as impropriedades do repugnante Navio de **Castro Alves**.

Nas linhas de **Neruda** em “Poema 20”, tão permanente neste ano que duplica seu título, “o amor é tão curto e tão longo o seu esquecimento”. Picadeiro perfeito ao “melhor amigo do uísque”, que se aventura por estas “bandas que cantam o amor”.

Personalidades, pessoalidades, individualidades, que vêm e vão (mas nunca em vão!), trazem poemas ao escritor. É mais fácil poetizar a solidão, a nostalgia, a dor da perda, a paixão não correspondida, a partida, o fim do amor! Ainda que este seja previsível, “posto” que é “chama”, e não eterno, segundo **Vinícius de Moraes**.

Já dizia o próprio **poeta camarada**, a mulher precisa ter “qualquer coisa de triste, qualquer coisa que chora, qualquer coisa que sente saudade”. A dor faz parte da inspiração, quando não seu conteúdo principal. Consternação e poesia caminham lado a lado. Em seu poema mais emblemático, ao tratar do juramento da fidelidade, **Vinícius** aponta a “solidão” como o fim imperioso de quem ama.

Ardiloso mesmo é tecer linhas aromáticas sobre relacionamento, ao olhar para a página em branco, e a vida caminhar retilínea e harmoniosa. É necessário ter coragem e paciência. Inspiração e muita transpiração. Olhar a tela que reflete todas as cores, uma

vez, duas, três, quatro, dezenas, “quarentenas”... quisera eu... ser **Quintana!**

Mais prudente imitar **Manoel Bandeira** e ir embora pra Pasárgada. E não se olvide que, uma vez em Pasárgada, a inspiração textual seria a saudade das terras de **Gonçalves Dias**, lugar “repleto de palmeiras e onde canta o sabiá”.

**Ferreira Gullar** acrescentou o “seio” em seu ensaio sobre a “Nova Canção do Exílio”. Modernizou, sensualizou, concretizou, inda assim, suplica a Deus com medo do futuro longe da amante.

Fosse proibido ou desinteressante documentar a dor, o pessimismo, **Álvares de Azevedo** seria somente um (des)conhecido no AA, pedindo vênias ao trocadilho das iniciais.

Olhos felizes diante dos “olhos” intimidativos do papel em branco não produzem o campo fértil da imaginação dos “Olhos nos Olhos” de **Chico Buarque**. A obra de arte retrata o monólogo sobre um “ex” casal precariamente vinculado, ainda que tenha a negativa reticente do eu lírico em sentir algo sobre o “de cujus” amoroso. Maria Bethânia deixa a obra “ainda mais eterna”, sem o menor remorso do pleonasmo.

**Drummond** foi além em “Quadrilha”, pois “João amava Teresa, que amava Raimundo, que amava Maria...” e seguiu-se o ciclo infinito do desencontro. E ao menos nas fontes das poesias, contrariando **Vinícius**, a vida, definitivamente, não é a arte do encontro.

Talvez ainda mais fácil e inspirador ao instrumentista das vogais e consoantes seja situar a mulher no estilo renascentista **Camoniano**. O sexo “frágil” como um ser ideal, supremo, intangível. A mulher angelical do rosto rosado. A materialização do intocável e da perfeição. O sentimento do amor e desejo como metonímia do pecado. Sem dúvidas, uma singular mola propulsora para o sofrimento em redondilhas maiores. **Olavo Bilac**, Príncipe dos Poetas, assina embaixo.

**Fernando Pessoa** não precisou de nenhum heterônimo para cravar em “Autopsicografia” que “o poeta é um fingidor. Chega a fingir que é dor. Dor esta que ele realmente sente”.

O problema do “escritor”, e aqui me situo na descrição mais elementar aureliana, “aquele que escreve”, e não o autor de obras literárias, quiçá um “arquiteto de signos ou palavras” (definição que melhor se aplica a **Leminski**), é a harmoniosa normalidade.

O atrito do materializador de sentimentos não advém “do riso que fez-se o pranto” no

“Soneto da Separação” do **Poetinha**, mas quando “do pranto fez-se o riso”.

Me pergunto, **poeta itabirano**, “E agora, José”? Seria um gauche capaz de responder?

Seria um desajuizado, que cria um emaranhado de palavras perdidas, capaz de escrever, sem que se perca no avesso, do avesso, do avesso, do avesso de **Caetano**?

Seria necessário o **Nascimento** de outro **Milton**?! Responda-me antes de partir, Amigo(s)!

A tarefa é árdua, mas não impossível, em que pese incommum. O perito das sílabas já o fez com maestria. Palmas efusivas a **Chico Buarque** ao escrever “Valsinha”.

Uma simples noite de dança de um casal já desgastado, não pelo amor em si, mas pelo tempo, transformada em um espetáculo digno de *Soleil*. “O resto é sombra de árvores alheias”. Que me desculpem **Ricardo, Álvaro e Alberto Caetano**, porque ele ainda traduz a “Construção” poética em música. O resultado artístico chega a ser injusto!

Abriendo novas aspas em um texto já aspeado... convenhamos, Chico é Chico, “né”?! “Nosso Guri”. Ao pormenorizar suas ideias e musicalizá-las, basta “olhar seus moços... dificilmente ele não chega lá”!

Me identifico mais com o retrato do artista pós-moderno de **Manoel de Barros**, que reconhece que “a maior riqueza do homem é sua incompletude, e nesse ponto, sou abastado”.

Traduzir a paz amorosa seria tão dispendioso quanto enfrentar “Gigantes Adamastores”, principalmente porque os pensamentos, ao cabo, não atormentam... trazem paz!

Reconheço que possa estar exagerando (faz parte da poesia, ainda que desconstruída)! Estaria eu agindo como um poeta eloquente?! (Perdoe-me, **Castro Alves**). Seria a tentativa de elaborar uma “poesia leve” no máximo o desfoque “Quixoteano” dos Moinhos de Ventos de **Cervantes**?

Será que o homem atrás do bigode não é tão feio assim? Há uma face bonita dentre as sete?! “A Máquina do Mundo” deve saber.

Quisera eu responder! E não será desta vez que irei me arriscar.

Faço minhas as palavras de **Tom Jobim**, “quem me dera ser um poeta para cantar doces frases de amor”.

Amor sem despedida, sem altos e baixos, amor puro e simples, amor camponês com o incremento da sexualidade modernista. Amor “Cotidiano”, com menos oscilações diárias. Quando “o todo dia ela faz tudo sempre igual” é mais que o suficiente para a felicidade diária.

Porque metade de mim é amor, **Oswaldo!** E a outra metade sempre me espera singelamente com um “sorriso pontual” indescritível de tanta beleza. E quando abro a porta de casa, após um dia de trabalho, Ela me indaga alto, exalando felicidade, uma pergunta que só tem uma simples resposta: “Quem chegou?!”

Uma ternura que transforma em pó o poema com o mesmo título de **Vinícius de Moraes**.

Essa cena, quase que diária, é a poesia mais linda que já vi.

E antes que me esqueça.....Ela não me deixa mudo o violão!!!

*Felipe Morais Barbosa*

## Sapico da Paraúna

Uma das poucas condições pessoais de que me orgulho é ser goiano. Mais ainda: ter nascido em Paraúna. Sou apaixonado pela pequena e querida cidade onde nasci e vi a primeira luz do mundo.

Por ter saído de lá ainda no colo de minha mãe (*ela diz que eu já era meio grandinho, não me lembro*), evoco sempre as lembranças da infância que passei na “terrinha”, durante as férias escolares, por vários anos seguidos, na casa de meus avós maternos. E são muitas e saudosas passagens. Guardo-as na memória, envoltas em uma ternura inebriante, capitosa. Algumas dessas peripécias já relatei em crônicas publicadas nos jornais. Outras não me atrevo a tornar públicas. Nem pensar.

Já faz algum tempo que a figura exótica do Sapico insiste em vir, entrar e permanecer, martelando, em meus pensamentos, permeando a seara mais recôndita das minhas recordações.

Hoje decidi contar sua história.

Embora fosse ainda muito pequeno – na época com cinco a sete anos – lembro-me perfeitamente do seu tipo: alto, magro, pele muito clara (*quase albino*), cheio de pintas e sardas. Talvez em virtude destas, o apelido: “**Sapico**”. Com certeza uma corruptela de salpico, ou salpicado (*de manchas, de pintas*). Todavia, o que mais chamava a atenção de um moleque sapeca e curioso como eu (*aliás, como todo menino*) eram seus cabelos: vermelhos como fogo em brasa, um topete atrevido, apontado para frente. Com o corpo meio arqueado, andava em largas e abruptas passadas, desfilando seu semblante exótico pelas ruas da cidade, num sobe e desce cadenciado e constante do vulto branco, de topo avermelhado. Sem pressa. Sempre.

Apesar de que alguns o achassem um mentecapto, meio retardado, outros admiravam sua capacidade de criação artesanal, vez que construía diversos utensílios domésticos, tais como lamparinas, ralos de cozinha, litros com alça, para mensurar alimentos (*líquidos e grãos*). Tudo isso feito com folha de flandres. Fazia ainda vassouras, rodos e outros pequenos objetos, que as donas de casa geralmente usam (*ou usavam antigamente*), e saía vendendo seus produtos, de porta em porta.

Um detalhe curioso, do qual não me recordo muito bem, certamente devido à pouca idade naquela época, mas que me foi contado por alguns parentes que até hoje moram em Paraúna, chama a atenção: todo ano, durante os três dias de carnaval, Sapico passava por uma transformação radical. Percorria toda a cidade como um truão carnavalesco, metido em roupas espalhafatosas, de cores vivas e variadas, carregando bandeiras vistosas, que,

tremulando freneticamente ao vento, espalhavam uma alegria louca, sem qualquer compromisso com nenhuma causa.

Um espetáculo de causar inveja aos seguidores mais fanáticos da Portela. Ou da Mangueira.

Portava ainda um comprido bastão de madeira enrolado em fitas multicoloridas, com argolas e guizos na ponta. Ao ser brandido como uma lança, produzia um som alegre e bizarro. Para a molecada, um convite à fuzarca, à alegria pura e simples. Seguido por um bando de meninos, conduzia, como um maestro, o alegre séquito pelas ruas íngremes da pequena Paraúna, durante os três dias de folia, brincando com todos que encontrava pelo caminho.

Ainda possuía outra marca própria de um tipo diferente e folclórico: falava meio enrolado e era um tanto surdo. Talvez por isso falasse alto, mas não gostava que lhe falassem em tom de voz mais elevado. Em virtude de todos esses detalhes, podia até ser considerado meio amalucado. Bobo, nunca. Diziam também que não era muito chegado ao banho e à troca de roupas, digamos assim, diariamente. Morava em uma casinha de pau a pique nos fundos da residência do Caseca, comerciante de gado da região. Ali exibia, orgulhoso, inúmeras imagens e bandeiras de vários santos.

Segundo as más línguas, nosso personagem seria filho bastardo de um figurão da cidade, que o trouxera, ainda garoto, de algum lugar da região sul do estado (*possivelmente Morrinhos*), junto com uma boiada adquirida naquela cidade. Seu nome verdadeiro ninguém jamais soube, embora alguns arrisquem o palpite de que poderia ser, talvez, Joaquim.

Levado por uma associação de ideias e por simples intenção de gozação (brincadeira de adolescente), há muito tempo sapequei o apelido “*Sapico*” em um primo meu, Dr. Edson de Moraes, na época também adolescente e companheiro de aventuras. Um amigo do peito. Não é que o apodo vingou, pelo menos entre a maioria de nossos parentes comuns?! Hoje, o meu primo “Sapico” é um renomado médico urologista em Goiânia. Entretanto, posso garantir a ele: longe de mim qualquer intenção de menoscabo. Muito pelo contrário, respeito a ambos. Fui um garoto admirador do verdadeiro Sapico e sou, desde sempre, amigo fiel do primo Sapico. Ou melhor, Edson. Só lancei o cognome visto que o último possuía, na época, cabelos ruivos, meio avermelhados. Só!...

O que me entristece, de maneira doída, é o final desta história.

Já velho e alquebrado, sem serventia alguma, carregando apenas o peso da idade

nos costados, desprovido de bens e parentes declarados, Sapico foi deixado em um asilo na capital goiana. Dizem que esse albergue seria o antigo “Abrigo dos Velhos”, que há muitos anos existiu no local onde hoje está o prédio do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, no Setor Oeste. Por certo, naquele lugar ele não conhecia ninguém.

Tampouco se tem notícia de que tenha, alguma vez, recebido qualquer visita de algum paraunense.

Segundo os mais velhos que o conheceram melhor, morreu de tristeza, por se sentir só e abandonado, carente da liberdade de zanzar pelas ruas de Paraúna, a cidade que o adotara desde criança e que fora adotada por ele como a própria terra natal. Lá, era conhecido, respeitado e querido por todos.

\* \* \*

*Waltides Pereira dos Passos*

## Museu a céu aberto

Estou à procura de inspiração para escrever, observando a natureza ao meu redor. Aproxima-se o Natal e os ciprestes anunciam a chegada do inverno no Hemisfério Norte e do frio, que já se faz sentir no rosto e nos bancos gelados do parque. O dia está ensolarado e tudo está muito calmo. Os pássaros parecem que estão mais à vontade e se aproximam de mim sem fazer cerimônia, como se soubessem que domingo é um dia de descanso. Um cachorro se diverte pela praça sem a guia e praticamente sorri para as pessoas que passam. Mais à frente, os pombos cruzam o horizonte em revoada, procurando abrigo nas sacadas dos prédios. Não há vento e as folhas caídas das árvores permanecem imóveis no chão.

O canto harmonioso das aves contrasta com o barulho dos automóveis e, exceto pelo grito de algumas crianças que brincam descontraidamente no parque, mesmo assim o silêncio da natureza é quase inquebrantável. Parece paradoxal, mas a natureza produz um silêncio que a natureza humana está longe de compreender, e fico a me perguntar por que nos tornamos tão ruidosos, e por que algumas pessoas não conseguem ficar longe do barulho.

Escrever para mim é como plantar roseiras. As palavras são como as pétalas das rosas e cada texto contém o seu próprio aroma. Mas sobre o que escrever? Depois de visitar tantos museus, monumentos e igrejas, me dou conta de algo tão elementar: nada se compara à natureza viva. A natureza é um museu a céu aberto, é por excelência a obra-prima da criação. Tudo que a humanidade construiu e esculpiu ao longo dos anos é apenas uma pálida imitação e não são poucos os artistas que nela buscaram inspiração para criar suas obras. Podemos admirar as telas de pintores famosos como Monet, mas nenhuma delas retrata com absoluta perfeição a exuberância da natureza e, a menos que se faça uso de recursos tecnológicos, elas não reproduzem o som relaxante das águas, o sussurro do vento, o calor abrasador do sol, a brisa suave da noite ou o fino orvalho da manhã.

Por mais bela que seja, nenhuma cúpula de igreja se compara à abóboda celeste de uma noite estrelada. Alguns povos perceberam isso. Os celtas, por exemplo, não erigiram templos de pedra. Amavam a natureza, e seus cultos e atos religiosos eram realizados em clareiras nas florestas, a céu aberto. Não havia paredes de pedra, nem tampouco se demoliam as árvores.

São Francisco teve essa sensibilidade. Conta-se que falava com os animais e que fazia

pregações ao ar livre, inclusive para as aves, como no Sermão aos pássaros, em que ele expressa seu amor e gratidão à natureza e a todas as criaturas vivas.

E o que me leva a escrever tudo isso? Talvez o desejo de compartilhar um pouco deste momento particular de colóquio íntimo com a natureza.

*Cláudio Antônio de Carvalho Xavier*

## Menções Honrosas

**Quando a fome apaga o trauma**

Patrícia Persicano Pires | São Paulo – SP

**A casa do Ribeirão e o quibe da bacia**

Marcelo Elias Naschenweng | Florianópolis – SC

**Quitinete**

Ana Paula Azevedo Gomes | Rio de Janeiro – RJ

## Quando a fome apaga o trauma

Minha vizinha ganhou uma galinha viva e queria prepará-la para o jantar. Sabia que eu havia vivido muitos anos na zona rural e acreditou que com isso eu saberia matar um frango.

– Claro que sei – respondi. – Onde está o bicho?

Fui à casa de D. Julieta. A galinha, daquelas caipiras, imensa, gorda, com penas grandes e grossas, estava amarrada pelas pernas no quintal.

Eu tinha visto a minha avó matar muitas e muitas galinhas. Conhecia a técnica. Era só puxar o pescoço da galinha, dar um tranco para deslocá-lo, pendurar a galinha de cabeça para baixo e pronto.

E lá fui eu, cheia de convencimento, mas também com as melhores intenções, para ajudar a D. Julieta.

Peguei a galinha e comecei a puxar o pescoço. Nada. Estiquei até onde meu braço alcançava. “Có, có, có, ri, cóóó...” A galinha continuava viva. Coloquei a cabeça da galinha entre meus joelhos, prenei e com as duas mãos eu puxava o corpo da ave. “Có, có, có, ri, cóóó...” O bicho batia as asas, mas continuava vivo.

Olhei para a D. Julieta meio sem graça. Àquela altura, ela devia desconfiar que aquele era meu primeiro frango.

Eu já suava de tanto cansaço. Torcia o pescoço da galinha, puxava de um lado, do outro, dava nó, rodava a galinha e ela N-Ã-O M-O-R-R-I-A!

Pisei na cabeça da galinha, torci o corpo dela – era uma questão de honra, não podia fazer feio para a D. Julieta, que já estava branca feito leite, talvez pela pressão que caía –, mas a super galinha continuava viva.

Depois de muita luta, com o pescoço da penosa contando com mais de metro, desisti. Pedi uma faca à D. Julieta e passei no pescoço da galinha. Era o fim.

D. Julieta não teve forças para agradecer. Ela estava pálida, quase desmaiando. Pedi desculpas. Justifiquei que aquela galinha era muito forte, que há muito tempo eu não fazia aquilo, tentando, com vergonha, explicar a situação.

Eu me despedi de D. Julieta e fui embora.

Passei noites demorando a pegar no sono. Até pesadelos com a galinha eu tive.

– E se alguém descobrir? Vou ser presa por maus-tratos! – pensava.

Passei anos sem comer frango.

Muito tempo depois, eu me mudei para a Capital. Era domingo, havia acabado de organizar minha mudança. Estava muito cansada, morta de fome, mas sem a menor disposição para preparar um simples sanduíche.

Desci do apartamento. Parece que eu tinha visto uma padaria perto do prédio. Fui lá. E logo na entrada dei de cara com uma “televisão de cachorro”. Fiquei olhando para o maquinário e pensando... Voltei para casa com um belo frango assado.

*Patrícia Persicano Pires*

## A casa do Ribeirão e o quibe da bacia

Ontem queimei a máquina de quibe do meu pai. Tinha uma máquina de açougueiro grande e pesada, da família (da firma), cujo uso só se justificava se fosse para muita gente, e uma mais leve e prática, com um motorzinho fraco, mas que servia a substituir o peso e labor das velhas máquinas manuais. Pois foi bem esta, funcional, que queimou ontem.

Devo dizer que aprendi a fazer quibe com minha mãe, ainda adolescente, quando num dia de semana qualquer ela pegou meio quilo de carne, um punhado de trigo que pôs de molho – sempre metade em relação à carne –, somou a cebola, hortelã e salsinha, passou sem cerimônia por duas vezes na máquina manual, corrigiu de sal e pimenta (árabe ou não), amassou numa pequena bacia e estava pronto e aprendido. Diferentemente de meu pai, que a cada vez inventava um desvio ou uma nuance inaudita de modo a tornar inalcançável (tenho que propositadamente) o aprendizado. Todos aprenderam com meu avô Elias Mansur Elias, que, depois de ensinar às filhas e aos genros, entregou as bacias e os encargos. Assim, cada um agregava seu jeito à tradição recebida.

Nas bodas de meu avós, no Ribeirão da Ilha, na casa de madeira de dois andares de frente pro mar onde passávamos os finais de semana, o trabalho foi cometido a quatro mãos, digo, duas pessoas: tio Renato e meu pai. Mas, como referido, cada um tinha suas manias, toques pessoais conjugados à receita: um gosta de salsinha e prefere coxão mole; outro usa patinho e declina da salsinha, maneirando na cebola porque a mulher não gosta, ficando apenas com a hortelã, erva cuja presença, sem dúvida nem controversia, resulta indispensável. E não é só isso, meu tio é mais metódico, com precisão quase cartesiana, medindo e pesando os ingredientes que se sucedem em fases perfeitas e sequenciais, tais como bonecas babuskas; meu pai funciona mais a modo hermenêutico, como disse, modificando em cada caso mais no olhómetro, e na sensibilidade, daquela vez em particular. Mas como conciliar os dois usos? Simples, uma gamela para cada um. Assim, prosseguiram os dois felizes e orgulhosos de suas funções: enquanto um atendia aos trâmites do seu enredo para chegar ao resultado ansiado, o outro se via livre para, com seus desvios, alcançar por outra via o mesmo desiderato.

Afinal e ao final, qual o melhor? Não se sabe, não se soube, nem se quis saber. Concluído o trabalho, minha mãe, com o fito de dissipar a competição, para surpresa de todos e particular espanto dos dois, houve por bem reunir em uma só bacia o produto de duas, metendo o trabalho de um no esforço do outro, macerando, ligando e tornando indivisa a massa agora única e homogênea, resgatando assim a unidade daquela iguaria das arábias. O momento festivo era de celebrar o comum e não de divisar ou acentuar as diferenças. Hoje compramos uma máquina em outra firma (eu, minha mãe e minha

irmã), não só porque importa sustentar a bricolagem e o *quehacer* – o saber prático deve seguir seu fluxo, é melhor aprender o nó do que herdar a gravata –, mas também porque esta não é uma prática egoísta: fazer quibe para três ou para trinta pessoas rende o mesmo trabalho e requer igual dedicação. Mas vale, diga quem já provou o quibe da bacia.

*Marcelo Elias Naschenweng*

## Quitinete

Eram uma mãe e uma filha. Eram algumas casas construídas num terreno. Terreno que era vazio, que não era nem da mãe e nem da filha, mas da avó. Terreno que a avó queria deixar para a neta, mas essa vontade ficou só entre elas... herdado assim desse jeito, meio que deixado pela avó para a neta, onde foram construídas pequenas casinhas, do tipo quitinetes.

Casinhas que foram construídas, como disse a mãe, com o dinheiro que a filha ganhou lá na Itália:

– A senhora sabe, não sabe, doutora, como foi que ela ganhou esse dinheiro? Dinheiro fácil. Dinheiro que ela ganhou enquanto eu fiquei aqui, com o menino dela, meu neto.

E então, quase que sem juízo, mas sem nenhum pré-juízo, uma pequena intervenção da Juíza:

– Esse dinheiro, senhora, só ela sabe o que teve de aguentar para conseguir. O seu neto, a senhora teve a felicidade de ficar com ele, não foi? Quer presente maior? Vamos fazer assim: essas casinhas, construídas com esse dinheiro, esse dinheiro que não foi fácil e que ela ganhou lá na Itália, essas casinhas a senhora esquece. Ficam com ela, com a sua filha. O resto, como a senhora pretende dividir?

E assim, com esse empurrãozinho, foi possível um acordo.

*Ana Paula Azevedo Gomes*

## Indicados para Publicação

### **Esperança**

Antonio Jurandir Pinoti | São Paulo – SP

### **Competência delegada**

Marcus Renato Nogueira Garcia | Londrina – PR

### **Sonora seja nossa missão**

Luciana Gonçalves Nunes | Irati – PR

## Esperança

É difícil, mas, às vezes, com algum reforço extra, até sobra uma graninha no fim do mês. Quando esse milagre acontece, somos tentados a trocar alguns móveis velhos. Foi por esse motivo que ela, sem reclamar, por muitos anos habitou diversos armários.

A vida é cheia de mudanças. Outro dia mesmo, entristecido com o pandêmico presente, resolvi visitar meu passado, a paz de um tempo bem vivido. Ao abrir a nave, que em outras ocasiões já havia me levado até lá, senti sua enorme importância. “Ingrato, só agora você se dá conta disso?”. Envergonhado, fiz a mim essa pergunta recriminatória. Notei que ela estava rota, disforme. Decidi, por isso, substituí-la por uma nova, de plástico, e não me envergonho de admitir o desapontamento sofrido por essa substituição. Imaginem, ela não tinha nem cor definida. Não dava para afirmar se era azul ou verde, sem contar sua irritante transparência. Esse detalhe faria com que, contrariando minha vontade, ela deixasse à mostra seu conteúdo.

Confesso que doeu separar-me da antiga. Mas, paciência, fazer o quê? Rasguei a coitada e joguei os pedaços no lixo. Que brutalidade! Destruí algo sagrado, em cujo ventre eu guardava documentos, fotos, cartas, bilhetes, cartões-postais e outros pequenos objetos. Essas coisas que, ao manusear de vez em quando, nos trazem de volta sustos, alegrias, estranhas emoções e, sobretudo, saudades.

A nova, feinha, sem graça, deve ter se sentido a tal. Orgulhosa, sorrindo, ela percebeu que iria envolver aquele acervo, testemunho de muitos anos da minha vida.

Após arrumar o amontoado de papéis e outros mimos, comecei a depositá-los no deselegante abrigo de plástico. Meu diploma do curso primário desvirginou a pasta. Não escondo, a antipatia que eu sentira por ela aumentava. “Atrevida, não se envergonha de ter usurpado o lugar da sua semelhante mais velha e charmosa?”.

Enquanto enfiava a papelada nela, assaltou-me uma ideia. É bem provável que, posta em prática, ela expiasse um pouco a culpa sentida por ter me desfeito da então já saudosa pasta de cartolina. Eu não podia de jeito nenhum, sem mais nem menos, impunemente, desfazer-me daquela preciosidade.

Tomado por essa ideia repentina, tirei do lixo os retalhos de cartolina e encontrei o que procurava: um pedacinho onde eu grudara uma etiqueta datilografada com a palavra DOCUMENTOS. Assim mesmo, com letras maiúsculas, emolduradas por um

retângulo desenhado com máquina de escrever. Que trabalho me deu essa etiqueta... Para fazê-la precisei comprimir mil vezes a tecla X, ora no sentido vertical, ora no vertical da tira de papel, que eu tirava e punha no rolo da máquina.

O ruído da tesoura recortando a etiqueta do pedaço recolhido do lixo lembrava o ritmo de um samba. Como era um ato de vingança, irado, com força, coleí a etiqueta na feia coisa de plástico. Pronto, foi como se eu tivesse salvado do extermínio a alma da antiga pasta, por mim assassinada. Meu cachorro, esparramado de barriga no chão, concordava com tudo, balançando a cabeça verticalmente enquanto olhava para mim.

Como se tocasse raridades sublimes, retomei o exame do conteúdo da finada. É difícil descrever o que senti ao rever e alisar uma rosa amassada e ressecada pelo tempo. A mesma flor que um dia eu trouxe de volta para casa, porque não consegui entregá-la à garota com quem eu sonhava. Ela não veio àquele que seria nosso primeiro encontro amoroso, numa tarde, quando ainda nem se sonhava com telefone celular, hábil a cobrar de alguém explicações imediatas sobre uma desfeita qualquer.

Ah, mas logo embaixo da rosa ressecada encontrei uma folha de papel dobrada, que na época me livrou da decepção sentida. Lá estava o bilhete que a garota deu um jeito de fazer chegar a mim: “Desculpe, minha mãe não me deixou sair.”

E assim, afagando outros papéis, medalhas, boletins escolares, gibis, catecismos do Carlos Zéfiro, finalizei o trabalho de transpor para a pasta nova tudo o que estava na velha. Mas, outra vez, quem sabe o espírito zeloso que sempre cuida de mim advertiu-me: “Olhe no chão, veja se não caiu nada”.

Olhei. Sim, havia caído. Uma folha de caderno, muito tímida, se escondia atrás de um dos pés da mesa. Era uma letra de música. Na hora, a melodia veio-me à cabeça. Peguei o violão e cantei com a voz um pouco (só um pouco?) diferente daquela que eu tinha décadas atrás, quando compus a canção para a garota.

O papel com a letra da música habitou a pasta antiga por muitos anos. Adquirira o direito de permanecer ali, na posse do seu espaço costumeiro, escurinho, gostoso. Mas eu, ousado esbulhador, penitencio-me, pois despejei-o do leito macio e o atirei, ouvindo seus gritos de protesto, no frio interior da inóspita capa de plástico.

No futuro, não para substituir a nova pasta – sofri demais ao desfazer-me da outra –, mas sim para abri-la e enternecer-me com seu conteúdo, encontrarei também uma máscara. Dessas que hoje nos ajudam a enfrentar mais uma pandemia. Num átimo,

decidi pôr o intruso objeto no meio dos meus velhos guardados. Assim agi na esperança de que, ao tocá-lo de novo, com um sorriso me lembrarei de um tempo sombrio, já então, espero, quase esquecido.

*Antonio Jurandir Pinoti*

## Competência Delegada

Especialmente nos primeiros anos, a judicatura é realmente desafiadora. Não é fácil se adequar ao peso da função e às expectativas de justiça de uma sociedade tão necessitada de bons exemplos, eficiência e retidão de caráter. Nesse cenário, não é raro e nem vergonhoso reconhecer que, em diversos momentos, enrijecemos. É uma espécie de mecanismo de defesa. Todos, acredito, passam por isso.

E foi assim, equidistante e calejado, que me dirigi àquela audiência de instrução e julgamento que até hoje me acompanha. Nada complicado: pedido de aposentadoria; trabalho rural; competência delegada.

Para um juiz atento, toda assentada é, antes de tudo, um testemunho de vida. Naquela tarde, a carreira me apresentou a algo maior: um testemunho de vida plenamente vivida!

Embora não recorde do nome, lembro-me bem daquele senhor de sorriso curto, que durante todo o ato manteve em seus lábios uma expressão serena, de quem parecia ter compreendido o que o mundo nos oferece de incompreensível. Sentada à minha frente estava ela, a tão falada sabedoria do simples...

Havia realmente algo de espiritual naquele senhor, que me contou com orgulho de sua vida de trabalho, inicialmente como boia-fria (“*Desde os 9 anos, sim, senhor*”) e, quando mais velho e já pai de quatro filhas, em um pedaço de terra cedido por seu antigo patrão. Foi ali que viveu a sua vida, cultivou “*pro gasto*” e foi feliz. De suas palavras, lembro-me de algo mais ou menos assim:

*– Sabe, Seu dotô, essas terra daqui são abençoada. Jesus, quando andou por esse mundão de Deus, dormiu uma noitinha aqui. Ele encostou a cabeça nessa terra e dormiu. Essa vida de Deus é muito bonita, Seu dotô. Foi aqui que eu criei minhas quatro fia e hoje crio, junto com os marido delas, os meu sete neto!*

Seu depoimento foi intenso, simples e sincero. E quando terminou, nada mais precisava ser dito. Trouxe-me saudade dos tempos de menino, quando ouvia, atento, as histórias de onça contadas pelo meu avô.

Os segundos de silêncio que se seguiram não pareceram apressar o sempre apressado procurador do INSS, que combatia o tempo perseguindo as audiências da região. Não pude deixar de notar, porém, quando ele, emocionado, respirou fundo e pediu uma pausa antes de prosseguirmos com a oitiva das testemunhas.

Ao cabo dos depoimentos e das alegações finais (remissivas), não houve surpresa quando lhe concedi, ainda em audiência, o pedido de aposentadoria. Tampouco hesitação quando o gentil patrono do INSS anunciou, também em audiência – e face à evidência do direito –, que não tinha intenção de recorrer. Sabia o sábio senhor que seria aposentado, como parecia saber tantas outras coisas...

Naquele dia, sei disso, algo em mim mudou. Foi como se a carreira me presentearse, sem aviso prévio, com uma doce brisa capaz de dissipar as névoas da rotina e da arrogância. A vida pode, enfim, ser simples e bela. Basta sermos gratos!

De noitinha, já com a cabeça no travesseiro, lembrei-me de Almir Sater e Renato Teixeira: *“Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha e ir tocando em frente. Como um velho boiadeiro levando a boiada, eu vou tocando os dias, pela longa estrada eu vou, estrada eu sou”*.

*Marcus Renato Nogueira Garcia*

## Sonora seja nossa missão

Queria ser cantora de ópera quando adolescente, mas meu porte pequeno não permitiria. Disseram que eu “sumiria no palco”. A seguinte indagação me acompanhava: poderia trabalhar com música?

Segui outro rumo, por diversos acontecimentos, que caberiam em um livro. Contudo, a pergunta continuou latente. Hoje, encontrei a resposta, a qual compartilho com todos os meus leitores.

A cada decisão se vai uma nota. Nem sempre o tom é maior. Pode ser menor ou mesmo atonal. Se fossem cores, poderia ser um tom de rosa, de azul, cinza. Qual arco-íris é feito de apenas um único tom?

As decisões, assim como a música, são coloridas. O “samba de uma nota só” apenas fica no nome, porque, na prática, são tantas pausas, colorações e compassos que, ao final, pincelar uma sentença é orquestrar um concerto, mesmo que com “s”.

Não importa se a clave é de sol ou de fá. O atuar de um magistrado é posterior ao escutar, e a decisão criada não consubstancia a reprodução de tantos ruídos trazidos, mas a (re)composição, ainda que na forma de uma nova interpretação.

A magistratura é muito musical. É viva! Às vezes, tende a ser uma “obra de arte total” (*Gesamtkunstwerk*), como pretendia Richard Wagner, na tetralogia “O Anel do Nibelungo”; outras, minimalista e atonal, a exemplo da ópera “Wozzeck”, de Alban Berg. Tonal ou atonal, o papel do magistrado é múltiplo: ora compositor, ora maestro, ora mero expectador.

A complexidade não está nas palavras, mas na compreensão de que aquela melodia é única. Se não for acalentadora, não toca. Se não toca, são notas soltas, descompassos.

Sonora seja nossa missão. Não precisa ter rima, só ritmo.

*Luciana Gonçalves Nunes*

# CONTO

**Fantasma – trio para piano, violino e violoncelo | Primeiro lugar**

Rui Guilherme de Vasconcellos Souza Filho | Rio de Janeiro – RJ

**Retrovisor | Segundo lugar**

Danielle Martins Cardoso | São Paulo – SP

**Jangadas ao mar | Terceiro lugar**

Carlos Henrique Garcia de Oliveira | Fortaleza – CE

## **Fantasma – trio para piano, violino e violoncelo**

Ludwig van Beethoven, *Der Geist*, em ré maior, op. 70 n° 1.

### **1º movimento: Allegro vivace e con brio**

Não sei quanto tempo tenho de morto. Aqui onde estou, não dá para contar o tempo.

Aqui, o tempo não conta.

Ainda estou meio atordoado. Onde agora me encontro, as coisas por vezes são muito parecidas com o que eu antes vivia e as deste lugar, que não é um lugar definido. Para começar, as dimensões não são as mesmas, as formas variam em intercambiantes difíceis de descrever, não há divisões estanques entre dia e noite. O tempo, aqui, não conta. Nada obstante, há uma sensação de felicidade, de segurança, de doce acolhimento que prende e conforta. Dá vontade de ficar, de se desprender das lembranças que trazem o fugaz desejo de voltar de onde saí.

Nem sempre estou em contato com outros. Talvez porque ainda tenha de cumprir condições de adaptação que a intuição – a intuição, não o raciocínio – me diz que virão a me ser reveladas. Contudo, me sinto extremamente alegre com pessoas com as quais pude dialogar. Na verdade, os diálogos não são falados. Não há sons, exceto persistentes acordes musicais de sublime harmonia e maviosidade.

Quando vi Beethoven, parte de mim dizia que meu conhecimento da língua alemã não bastaria para poder conversar com o compositor. Além disso, o mau temperamento dele, sua amargura, tudo aliado à surdez, aconselhava-me a não me atrever a tentar falar com o músico. Fiquei surpreso ao perceber que ele me acenava com bondade, chamando-me para perto.

Na verdade, não trocamos palavras, trocamos pensamentos. A telepatia, descobri, derruba toda barreira de linguagem. Torna inútil a habilidade de se expressar em diferentes idiomas. A linguagem falada, a escrita, fazem parte da imperfeição do mundo material. Daí vem a dificuldade do grego, ou do asiático, ou do russo, em ler o que quer que não esteja escrito com os caracteres em que foram alfabetizados, ideogramas ou cirílico, ou o que for equivalente. Na comunicação oral, a diversidade das falas, e até dos diferentes sotaques, bem como a enorme quantidade de dialetos, tudo faz com que o pensamento, a ideia pura, aquela que o cérebro constrói antes de ser vertida em sons, não possa ser livremente compartilhada. Aqui tudo é tão diferente... Beethoven e eu podíamos “co-pensar”: a fala, para nós, libertados da matéria, não era necessária.

– Mestre, sou grande admirador de sua obra. Até pedi que no meu funeral tocassem o terceiro movimento da nona sinfonia. Aquele adágio que precede o coral em que o senhor põe música no poema “Ode à alegria” de Schiller é o que pode haver de mais lindo, de mais inspirador, de mais harmonioso.

– Qual é seu instrumento? – perguntou-me o maestro.

– Eu? Ah, que pena... Sou apenas um grande apreciador da música, de toda boa música, mas infelizmente não sei tocar nenhum instrumento.

Beethoven – coisa rara! – esboçou um sorriso.

– Você ainda tem muito o que aprender nesse seu estágio, meu caro. Nós estamos livres de muitas amarras. Aquilo que tínhamos vontade de fazer e não conseguíamos por causa da matéria, hoje nos é naturalmente possível executar. Eu mesmo ando pensando em refazer algumas coisinhas que eu deixei mal feitas. Uma delas é aquela coisa horrível feita por encomenda, a tal “Vitória de Wellington”. Fiz para pagar algumas dívidas, mas saiu uma traquibórnica! Essa aí não tem jeito pra ela. O que não se pode melhorar, ou, ao menos, tornar menos ruim, melhor não mexer...

– Sabe, continuou, eu já estava muito surdo quando inventei de compor um trio para piano, celo e violino, no qual já imaginava como seria mais livre a vida depois de deixar o mundo material. Conforme você for se adaptando à vida por aqui, que você acha de assumir uma das cordas para examinarmos o trio “O Fantasma”?

## **2º movimento: Largo assai ed espressivo**

A surdez já avançara muito ao tempo em que Beethoven havia composto o trio “*Der Geist*”, “O Fantasma”. Convidara dois músicos para acompanhá-lo num ensaio daquela peça. O depoimento do violinista dava conta de que o piano tocado por Beethoven estava desafinado, e que o pianista – já muito surdo – atravessava na execução, dificultando terrivelmente a performance.

– Eu sei disso tudo, interpôs o maestro ao ler meu pensamento. – Mas você vai ver que já no segundo movimento, quando você for ensaiar comigo, vai sentir que quando eu escrevi o *Largo*, a música já não era mais para aquela dimensão onde estávamos. É como se eu já tivesse me mudado para cá..., suspirou, sonhadamente.

Perguntei a mim mesmo: será possível refazer daqui coisas que fizemos antes de mudar de plano e das quais nos arrependemos? E se forem refeitas, poderão repercutir no mundo material?

### 3º movimento: Presto

No lugar em que não se conta o tempo porque lá o tempo não conta, percebi que poderia tocar piano. Não o violino, plangente e cigano. Não o céu, sisudo ao assumir os acordes graves e gracioso ao cantar os agudos, mas o piano, meu velho sonho, minha acalentada ambição. O piano, o rei dos instrumentos, aquele que se basta a si mesmo, que sola e se acompanha, aquele para o qual a maioria das grandes obras, mesmo as mais complicadas, foram transcritas para serem tocadas. E que limites poderia haver para mim, para as minhas mais elevadas aspirações, se tudo pudesse ser realizado apenas com a força do pensamento!

Nesta minha condição de espectro, de espírito, de fantasma que seja, a matéria não existe. É como o oxigênio no ar que se respira, invisível aos sentidos, imperceptível, mas essencial para a vida enquanto humano encarnado. Liberto das peias da carne, tudo se passa com a fluidez e os atributos do pensamento. Não há distâncias ou proximidades, de lugar, de tempo, passado, presente, futuro. Basta a força do pensamento e os dons que aqui são disponíveis para todos a fim de que se possa comunicar com qualquer ser, deslocar-se para onde o pensamento levar, assistir os mais diferentes episódios, compreender de modo integral o que se contempla.

Inspirado pela música do mestre de Bonn, pelo trio “O Fantasma”, depois do *Largo* no segundo movimento, aquele em que piano e cordas passeiam em harmonia e às vezes quase que competindo entre si, mas sempre com melancólica sonoridade, que transporta o ouvinte para esta dimensão atemporal, chega-se ao *Presto*, com as cordas em vertiginosos acordes e o piano em notas quase dissonantes. Rápido como o pensamento.

Fui para Atenas, à praça do Ágora, para a reunião dos cidadãos naquele espaço nobre cercado de *stoas*, os pórticos colunados; de *prítaneus*, dos gabinetes administrativos; do *buleterio*, onde se reuniam os quatrocentos cidadãos escolhidos pela *eclesia*, a assembleia geral, para elaborar leis que beneficiassem o povo. De lá, fui para uma Alemanha onde um povo que se vangloriava de ser culto e politizado estava reunido e levantava o braço direito galvanizado pela oratória de um maluco, aos gritos de *sieg heil, sieg heil!* Depois, voei para o Japão a tempo de ver cogumelos de fogo lançando morte sobre Hiroshima e Nagasaki. Quanta destruição, quanta crueldade!

Quase ao fim de uma guerra onde o homem experimentava um contra o outro as armas mais impiedosas, como o gás mostarda e a bala dundum, os russos acolhiam o que doutrinaava Lênin e o partido bolchevique, sem se importar com o extermínio de quem não se submetesse à ideologia marxista, com o assassinato de tanta gente, aristocrata ou não.

No Brasil, acompanhei movimentos dos “diretas já” que visavam tirar o país da ditadura militar, distanciando-se de um estado policial que supervalorizava a segurança do Estado em detrimento da segurança do cidadão para enfim restabelecer a democracia.

Vi quando o cego Bartimeu, filho de Timeu, estava à beira da estrada que leva de Jericó para Jerusalém. Ouvira que por lá passaria um profeta. Ao perceber que se aproximava o mestre, Bartimeu pôs-se a gritar: – Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim! Diziam-lhe para se calar, para não perturbar o pregador, mas Bartimeu insistia: – Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim!

Autorizado pelo profeta, o cego foi até ele e repetiu a súplica.

– Que queres?, perguntou-lhe o pregador, que já sabia o terrível suplício que sofreria ao chegar a Jerusalém.

– Quero ver!

– Vai. Tua fé te salvou.

Vi desenhar-se contra o céu enfarruscado as silhuetas das três cruzes levantadas na colina do Gólgota, em aramaico Gūlgatā, lugar de suplício que o romano chamava de Calvário.

O trio *Der Geist* chega à coda. O violino e o violoncelo, num último pizzicato, harmonizam-se com as derradeiras notas pingadas ao teclado do piano.

Neste lugar que não está em um local definido, onde o tempo não conta porque aqui não se conta o tempo, estou feliz, estou à vontade como nunca me sentira antes em lugar nenhum, em nenhuma época. Tudo é fluido, nada é consistente, tudo é leve, mais leve que o ar. As cores, a intensa liberdade, a simpatia para com tudo e com todos, são trazidas pela força deste amor que em tudo paira, que a todos atinge. Amor supremo trazido para estas paragens por aquele homem que, com seus pés empoeirados na estrada de Jericó, não hesitou em sacrificar-se pelo amor universal, caminhando impávido para a cidade onde seria torturado e morto, levado ao suplício final numa colina fora da cidade de Jerusalém que o judeu chamava de Gūlgatā e o conquistador chamava de Calvário, monte da caveira.

*Rui Guilherme de Vasconcellos Souza Filho*

## Retrovisor

Ingeriu bebida alcoólica na data dos fatos? Você pergunta enquanto ele, em olhadelas secas, pisca miúdo. Você insiste, mencionando laudos e exames do processo. Ele cortina-se todo, em pálpebras pesadelo, quando você, finalmente, quer saber da vítima Romário, o chapeiro arrimo de barraco, pai de quatro, que madrugava bicicletas para trabalhar em padaria chique, agora salpicado de tinta sangue, bonezinho azul derrotado no chão, o rosto na quentura do asfalto, olhos esbugalhados, a cabeça empapada, colorindo de rosado a faixa branca contínua e indiferente, o ciclista congelado na foto clique do perito que um dia acreditou-se artista.

E o réu, o motorista réu, camisa xadrez suada embaixo dos braços, em suspiro trêmulo, lábios abertos, buscando o replay antes de baforar álcool, tudo isso você imagina, do alto do tablado, sentada na sua cadeira majestíc preta, apoiando o cotovelo esquerdo na mesa granito, você, de pernas cruzadas, a julgar tragédias.

O homem brilha, testa, têmeoras, pescoço gotejam, mas o homem réu não chora. Ele, réu, motorista, olhos fixos nos tacos soltos do assoalho, diz, sem dizer, a lei do silêncio. Mas você ainda insiste, assegurando que o arrastar correntes pode ser mais doloroso que o assumir fatos e atenuar castigos. Você, que escuta as mesmas correntes, passa a decompor o cidadão, primário, sem ranhuras, uma folha não criminal, ele também pai de família, registrado, empregado, alcoolizado.

Talvez ele nem saiba o que de fato aconteceu e seria possível – a vida deveria nos dar o direito a pause e replays. Uma vez, no estádio de futebol, você piscou. E só descobriu o gol no molejo da rede e nos gritos das gentes. Você gritou também e por um segundo, naquele instante e depois em outros tantos, você desejou controle remoto e sofá macio da sala de casa.

E o homem, o homem réu não quer chorar, não quer falar, muito menos atenuar sua bola de chumbo em confissões frias, afinal, era uma vez um ciclista, uma bicicleta marrom, um barraco de alvenaria e quatro dependentes. E a padaria chique celebrou o luto do chapeiro com gérberas e lisiantos nas mesas dos clientes, que vieram em maior número, perguntando de romários enquanto saboreavam beirutes feitos por ronaldos.

Você imagina o percurso da vítima, que vencia, na virtude natural das pernas e pulmão, os muitos quilômetros diários, enquanto na Justiça acusadores mostram o homem da foto ao homem da audiência, em duelo, ambos duplamente derrotados.

Você recolhe as armas, mas tenta refazer, você também, o seu percurso. Porque a

mulher, a mulher morena de cabelos trançados, a mulher lua, em forma e tamanho quarto crescente, te espia e desenha círculos na foto clique do perito artista. Você, que viu, que não viu – era noite seca, brilhosa? –, e hoje ainda se lembra, havia um reflexo prata na barriga lua da mulher morena, um matiz, uma bela visão antes de tudo escurecer.

E o acontecer das coisas, como molejo da rede gol, o acontecer tão efêmero, sem pause e replay, um baque, um som oco, contuso, confusos olhos no espelho de ângulos retos. Um corpo caído sob um vestido branco, você viu um vestido se colorindo de rosa, sem direito a molduras e cliques, apenas mais um. Em retrovisão.

Era uma vez uma mulher morena na beira de estrada escura. Era uma vez uma outra mulher, que em casa, no sofá macio, batizava copos com destilados. Nesse tempo ela não arrastava correntes, nem carregava bolas de chumbo, ela apenas secava a solidão e aliviava a mente das dores alheias. Que lhe pareciam eternas, e foi também preciso batizar as águas do trabalho, afinal, eram muitas as dores, próprias e alheias.

Você se lembra do último batismo, mais generoso, em cansativas horas noturnas. Você ativa o replay mental, lembra-se de ter desligado o computador, recolhido os copos, os fones de ouvido, a garrafa de vidro, que escondeu atrás. Atrás e atrás de códigos e processos. Mais um gole de café morno, amargos palato e estômago. Você, apertando olhos, lábios, era preciso desconhecer, dentre cinco mil casos esperando um julgar, era preciso desconhecer ideias maternas. E seguir em frente. Havia uma dor. Você se levantou devagar – deve ter sido isso, você sempre se levantava devagar –, segurando o ventre vazio, as cólicas insistiam, pontos falsos não deixam cicatriz, não havia nada a indicar sequelas, dizia a doutora. O café morno amargo pedindo mais uma dose, você ainda buscou, na derradeira vez, a garrafa quase vazia no entre livros e papéis, um gole gordo, de bochecho, de arremate. E seguiu o seu percurso. Ligou o carro, o rádio, escolheu músicas e estradas marginais, o pé no acelerador, postes apagados, faróis piscantes, a cidade escura, adormecente e o baque. O carro revoltado em labiríntico asfalto, você se lembra do volante escorregadio sob os dedos, você firmando pulsos e vigiando os lados, culposamente.

Você pisou no freio? engatou a ré? Você quer acreditar que ao menos titubeou, mas se lembra da força que impulsionava o pé direito, afundando, acelerando. E talvez o vestido não fosse branco, talvez ela não fosse tão grávida assim, e os cabelos rapunzel, a construção do inconcebível? Como você enxergou tranças em noite tão fugidia? Um corpo que levita, em vivo *slow motion*, o vestido bailando rodopios, ou terá sido uma pancada seca, oca, um bicho, uma pomba branca transfigurada, um fantasma incolor que te visita agora e desde.

Nos jornais, na mídia, você procurou, é verdade, procurou um alguém de vestido branco, um corpo lua, um balé noturno, o era uma vez da mulher em tranças. Quem ela esperava, quem a esperava? Você procurou também a garrafa de vidro no detrás e embaixo de papéis, processos, códigos, abandonando-a sem pudor no lixo oval do banheiro público.

É preciso admitir, tornar as correntes mais leves, mas você afundou sua bola de chumbo no fundo do fundo do não esquecimento, e vez ou outra, nas marés baixas do sono, ela ressurgiu ao pé da cama, no canto do travesseiro, manchando lençóis e madrugadas. Se você tivesse retornado, ao menos para espiar, você, que tinha medo do olho da noite, mas insistia em notivagar pelo Fórum, desenhando justiças no escuro do silêncio, optando por velas, fugindo das luzes radares. Boa noite, doutora, foi a última voz, a voz do guarda noturno da Justiça, fechando o portão de aço, um estrondo, um aceno, era preciso. É preciso o revir.

A audiência, há uma fervura agora, que exige um desfecho. O motorista réu, queixo colado ao peito, a persistir silêncios. O ciclista chapeiro, ainda na quentura do asfalto, exausto, imanente. A mulher lua, suspensa, revoante, revoltosa, ela sim clama, exige, grita uma história, um desenrolar, uma sentença. Sequer uma foto clique de um perito que um dia acreditou ser artista, nem ao menos isso. O pouco tudo que você tem a oferecer a ela, ao chapeiro vítima, ao motorista réu, é um espelho. Pequeno e retangular, pleno de ângulos congruentes e linhas que não se cruzam, um retro reverso visor.

*Danielle Martins Cardoso*

## Jangadas ao mar

Eram quatro horas da manhã quando Mestre Antônio despertou, ouvidos aguçados, conhecia todos os sons matutinos e acordava sem precisar de despertadores. Era dia treze de março de mil novecentos e sessenta e dois, em algum pedaço de praia do litoral cearense. Sentou na rede, calçou os chinelos e fez sua prece matinal. Não era de fato religioso, mas, como todo pescador, tinha suas crenças e sua fé em Deus, que sempre o ajudava nos perrengues do mar e na abundância dos pescados. Aquele dia era especial para Mestre Antônio, ele levaria, pela primeira vez, seu neto mais novo, João Raimundo, para aprender o ofício da pesca. “Mundin”, como era conhecido João Raimundo, tinha treze anos, sabia nadar, conhecia os peixes de pesca, sabia manusear a voga (leme) da jangada, armar e aguar a vela, consertar a rede e talhar os remos, enfim, tudo que podia aprender em terra lhe fora passado pelo seu avô, tido como um mestre jangadeiro, que ensinou também a muitos homens daquela região do litoral cearense a arte de pescar. Mestre Antônio teve o cuidado de ensinar tudo ao seu neto, desenvolvendo nele a confiança em seus instintos e sentidos, sabendo fazer a leitura das constelações, o entendimento das marés, a percepção do vento e sua direção e de como agir em algumas situações de risco, que eram comuns aos pescadores.

Mestre Antônio era alto, corpo queimado do sol, marcas da labuta na pesca que se estendiam desde as palmas de suas mãos até a sua testa, riscada pelas rugas de expressão, dos olhos cerrados, que miravam o horizonte, buscando, no espelho d’água, os cardumes.

Seu neto, Mundin, era um moleque alto e magro, ombros largos, que se moldavam ao longo dos anos de nado no mar e na barra do Rio Piabas, que ficava mais abaixo da praia, uns cinco quilômetros, onde ele sempre ia nadar e pescar de tarrafá com seu avô.

O cheiro de café coado ocupava todos os cômodos da pequena casa, dona Dorinha, nascida Maria das Dores, era mulher do Mestre Antônio, acostumada com as dificuldades da vida dura, era uma mulher prendada, cozinhava, costurava e ainda fazia rendas que ajudavam no orçamento familiar, muitas vezes era o que salvava alguns trocados, quando a pesca era ruim.

Era ela quem preparava a marmitta que levavam para os dois dias de pesca, tapioca, baião de dois, água para beber e algumas frutas. Comiam sempre alguns peixes que pescavam, tendo o cuidado de escolherem os menos valiosos ou menores.

Seu neto era filho de Assunção, a única filha que eles tiveram e que se mudou para a capital, Fortaleza, há alguns anos para trabalhar em uma casa de família. Ela sempre vinha nas festas de final de ano e em um ou outro aniversário mais importante.

Todos de pé, Mestre Antônio e seu neto Raimundo comeram e juntaram os itens para a pesca. Mundin pegou a “ligeira”, corda utilizada para prender a vela da jangada, pegou também dois cestos grandes, de palha, os samburás, e uma caixa de isopor, que serviriam para guardar os pescados. Seguiu para fora de casa, seu avô despediu-se de dona Dorinha e carregou o restante do material até chegar à jangada. Foram arrumando cuidadosamente cada detalhe na jangada, todo espaço era utilizado e nada poderia ficar solto, sem lugar certo. Por fim, arrumaram o isopor com gelo comprado no “seu Manoel” em um pequeno compartimento de madeira, na popa da jangada, para conservar os peixes até voltarem à terra firme. Mestre Antônio governaria a embarcação enquanto seu neto seria o proeiro, responsável por subir o mastro e aguar a vela. Iriam somente os dois, Mestre Antônio queria ensinar tudo sozinho para o neto. Jangada na água, o vento logo cumpriu seu papel e impulsionou a pequena embarcação mar adentro, no ritmo das ondas, aos primeiros raios do sol daquela manhã linda de março. Mais de uma hora navegando e Mestre Antônio, observando a linha do horizonte, pediu que o neto aprumasse a voga para a esquerda, o que foi de pronto obedecido, e a jangada mudou o rumo mais para o lado e seguiu. Em um certo momento, uns trinta minutos após mudarem o rumo, Mestre Antônio avistou uma espuma branca, que cobria parte da água verde esmeralda, um pouco mais à frente, ordenou que o neto jogasse a âncora, estavam a cerca de 16 milhas da costa e ele conhecia bem aquelas bancadas de corais, com vários peixes e mariscos povoando aquele local.

Começaram a jogar os espinhéis (linhas com 50 anzóis) conforme a orientação do Mestre. Ali era um excelente local para a pesca, mas eles tinham de ficar espertos, pois com a proximidade dos corais a fartura era grande, porém os riscos eram maiores, eles precisavam ficar bem atentos. Depois de espalharem a rede e o espinhel, aproximaram a jangada um pouco mais da bancada, não muito, apenas o suficiente para atrair as lagostas para dentro das gaiolas, que tinham iscas de peixes dentro e que eles estavam colocando em torno da bancada. Pararam para almoçar, Mestre Antônio armou uma lona do mastro à tranca, criando uma sombra protetora para aquele horário de pico do sol. Ele então abriu as vasilhas com baião e carne seca para dividir com seu neto, que, naquele momento, jogava água na vela.

Começaram a comer, não tinham pressa, pois a maior parte do trabalho já havia sido feita, rede armada, os espinhéis e as gaiolas espalhados, agora era se alimentar e esperar o tempo de Deus. Assim era a arte da pesca, uma espera silenciosa pela captura dos peixes.

O clima estava bem tranquilo, alimentaram-se e se acomodaram para um descanso, até que “o sol esfriasse” – como dizia Mestre Antônio. Em pouco tempo estavam de pé, os dois passaram então a conferir o espinhel, alguns peixes já tinham sido fígados pelos anzóis, os chamados peixes vermelhos, a cioba e o pargo, havia uns dez presos.

– Vai, Mundin, tira os peixes e coloca no isopor, depois bota mais iscas, que é para

pegar mais – disse o Mestre.

– Pode deixar, vô! – respondeu o garoto com segurança.

Assim foi durante a tarde toda, retirando os peixes do espinhel para o isopor, já tinham pescado vários tipos, inclusive algumas valiosas cavalas. Seguiram até a noite cair, quando Mestre Antônio acendeu uma pequena lamparina de querosene, que servia não só para iluminá-los, mas também sinalizar sua posição para outras jangadas ou embarcações maiores. A brisa da noite embalou o sono dos pescadores, cansados do trabalho diurno e pela exposição ao sol, dormiram logo. A jangada balançava no ritmo do mar, a âncora os mantinha fixos naquele local. Mestre Antônio acordou a primeira vez por volta das três horas da manhã, não era de costume acordar tão cedo, olhou um pouco para o mar e deitou novamente, tentando dormir um pouco mais. Foi em vão, não conseguia mais pegar no sono e a cada instante mirava o horizonte, como se sentisse algo, porém não havia nada.

Resolveu então fazer um fogo para passar um café, em breve o sol nasceria e eles teriam muito trabalho a fazer. Molhou as mãos na água do mar, achou um pouco mais fria do que o dia anterior, levantou e olhou novamente para o horizonte, eram quase cinco horas da manhã.

O dia começava a nascer e com ele uma ondulação muito grande, bem maior do que as que costumavam atingir aquela região, marchava imponente na direção da bancada próxima da jangada de Mestre Antônio. Eram as chamadas ondas traiçoeiras. Ainda era imperceptível, mas sua energia já podia ser sentida pelo velho pescador, que demonstrava uma certa inquietação. Acordou o neto para tomar café e iniciar os trabalhos, tinha muitos peixes no espinhel e as gaiolas das lagostas para puxar para a jangada. Comeram tapiocas feitas por Dona Dorinha com café e começaram a pescar. O tempo passava devagar e Mestre Antônio foi para a proa da jangada mais uma vez para mirar o horizonte, ele então avistou algo fora do normal que, a princípio, custou a acreditar, era uma parede de água, enorme, verde clara, de aproximadamente uns cinco metros de altura. A grande onda vinha de uma direção totalmente diferente das direções que costumavam vir. Ela seguia firme em velocidade contínua, bem mais para o lado direito da bancada, numa zona que antes era considerada segura pelos pescadores. Não tinham muito tempo para nada, o Mestre então gritou para seu neto:

– Rápido, Mundin! Amarra a “ligeira” na cintura, que vou aprumar a vela para ganhar velocidade, temos que passar as ondas!

O garoto nunca tinha visto nada daquele tamanho, ficou um tempo paralisado até ouvir o segundo grito do avô:

– Cuida, Mundim! – dessa vez gritou com mais intensidade.

– Está bem, vô, pode deixar! – respondeu.

E assim o garoto fez, amarrou a “ligeira” na cintura enquanto o Mestre acelerava a jangada e os dois apavorados encaravam a parede verde, sólida e assustadora, que agora estava a alguns metros de distância da pequena embarcação.

– Joga água na vela, Mundim! – gritava o Mestre.

No que foi prontamente atendido pelo neto, que pegou a cumbuca e aguava a vela, para que desenvolvesse mais velocidade ainda. A jangada seguia numa trajetória diagonal em direção à onda. Mestre Antônio calculou o percurso e, bravamente, eles se prepararam para enfrentar o poder da natureza em forma de água. A pequena embarcação começava a subir aquela parede líquida, a onda era muito alta e logo a jangada estava com a proa apontando para o céu, totalmente vertical. Mestre Antônio segurava a voga com força na mão direita e a corda da vela com a outra mão. Equilibrava-se com a habilidade de anos de pesca, porém, nunca tinha visto nada como aquilo. Conseguiram enfim passar a ondulação, mas tão logo a jangada aprumou na água, eles puderam avistar a segunda onda, ainda mais alta que a primeira, a poucos metros de distância, ameaçadora. Os dois mantiveram suas posições, pegadas mais firmes ainda, esperando o impacto com a onda. Novamente iniciaram a escalada da parede de água, foram longos cinco metros a transpor, a jangada apontava para o céu, iluminada pelo sol da manhã. O vento cortava a face amedrontada do garoto, que demonstrava toda sua bravura, equilibrando-se enquanto continuava a molhar a vela. Passaram também a segunda onda. O frio na barriga, que sentiam quando a embarcação descia as costas da ondulação, só perdia para o frio na barriga provocado pelo medo, quando vislumbraram a terceira e última daquelas ondas traiçoeiras que os atingiram. Era uma coisa absurda, sete metros de face, a crista da onda já vinha jogando água para frente, começava a se projetar para quebrar. A jangada voava pela linha d’água enfrentando bravamente aquela situação. Começou a subir aquele muro de água, Mestre Antônio e seu neto encaravam a onda com medo e admiração, chegaram até a achar que iam passar aquela onda também, mas qual o quê, por mais que tentassem, ela era muito grande, e, quase no final, a onda quebrou, jogando a jangada para cima, numa trajetória vertical, para depois cair de uma altura de cerca de dez metros.

A corda que amarrava Mundim esticou ao máximo, o garoto foi arremessado e caiu na água, os samburás que estavam amarrados também, mas como viraram na queda, espalharam alguns pescados pelo piso da jangada. Mestre Antônio não teve a mesma sorte, no impacto com a onda fora jogado de costas para a base daquele enorme vergalhão. O “caldo”, como chamam o tempo que ficam embaixo d’água quando caem, foi longo e

assustador. O Mestre foi esmagado pela crista da onda e também pelo forte espumeiro que se seguiu depois que ela quebrou. O silêncio embaixo d'água trazia pânico, o pescador era jogado de um lado para o outro, sem poder respirar. Não tinha a menor noção de onde ficava a superfície, apenas girava com a força da onda. Relaxou o corpo e suportou o castigo, até que, na agonia iminente da morte, encostou o pé no fundo e pegou impulso para subir. Nadou o mais forte que pôde para sair daquela situação, a cada segundo a falta de ar aumentava e ele nadava com mais velocidade ainda, por fim, alcançou a superfície, abriu a boca sorvendo a maior quantidade de ar possível, não enxergava nada, só respirava descompassadamente.

Enquanto Mestre Antônio lutava pela vida, seu neto retomava o controle da jangada, conseguiu subir na embarcação tão logo o mar se acalmou, recolheu os cestos e juntou os peixes caídos. Agora tinha que encontrar o avô o mais rápido possível e sair dali para a segurança da terra, na beira da praia. A onda enorme deixou toda aquela parte do mar esbranquiçada, a espuma perdia força à medida que evoluía para a bancada, de repente o rosto desesperado do Mestre Antônio surgiu em meio ao caos das águas. Mundin assumiu a voga e direcionou a jangada em direção ao avô, que estava a uns cinquenta metros de distância, ofegante, porém vivo. Em pouco tempo a jangada estava ao lado do pescador, que colocou os braços para cima e foi puxado pelo neto, que o ajudou a subir.

Os dois se olharam com a certeza de quem acabara de ter um momento inesquecível, ambos viveram seus pesadelos no mar e conseguiram escapar com vida. Um era batizado na sua primeira pescaria e o outro aprendia mais uma lição do mar, no auge dos seus cinquenta e seis anos. Recuperando-se do sufoco, o Mestre agradeceu a Deus e ao neto pela vida salva. O fôlego voltava, assim como o raciocínio, que fez o Mestre se levantar e decidir os próximos passos. Teriam que recolher o quanto antes o espinhel e as gaiolas, além de puxarem a rede, antes que pudessem ser atingidos por outra ondulação. Assim foi, puxaram as gaiolas para cima da jangada e elas estavam repletas de lagostas e todas de bom tamanho, que podiam ser comercializadas com alto valor. O espinhel tinha ainda muitos peixes, cavalas, pargos, beijupirás e ariacós. A fatura era proporcional ao sufoco vivido, os dois pescadores decidiram retornar mais cedo, ambos queriam pisar em terra firme, e, com todos aqueles peixes e uma história daquelas para contar, não tinha mais por que ficarem ali.

A jangada agora apontava para os coqueiros ao longe, a vela assobiava com o vento, que a impulsionava para frente, voltavam com muitos pescados e uma experiência inesquecível. Nascia um novo pescador do Coqueiral, forjado com a bravura daqueles que enfrentam o mar.

*Carlos Henrique Garcia de Oliveira*

## Menções Honrosas

**O diabo embaixo da cama**

Vanilson Rodrigues Fernandes | Belém – PA

**A janela**

Marcelo Mesquita Silva | Teresina – PI

**O que nos desperta**

Danilo Fontenele Sampaio Cunha | Fortaleza – CE

## O diabo embaixo da cama

O relógio marcava três horas da madrugada quando Lena despertou com um choramingo que vinha do chão. Mas, no quarto escuro, não sabia precisar exatamente o local de onde provinha aquele gritinho, quase um miado ou latido. Era de um sono leve e qualquer pequeno ruído a despertava. Ao contrário, João, o marido, roncava ao seu lado em um adormecimento profundo, o sono era pesado tal qual uma bigorna, nele se resumia o ditado de dormir como uma pedra.

Aos poucos Lena saiu daquele torpor que medeia o dormir e o despertar; começou a identificar melhor o barulho que, agora tinha certeza, vinha de debaixo da cama. Imaginou tratar-se de um animal, um gato talvez, só podia ser, ainda mais àquela altura da madrugada; o ruído assemelhava-se a um miado. Tateou e encontrou o interruptor da luz de cabeceira, ouviu o clique e o quarto ficou sob a penumbra. Com o leve clarão, os ruídos cessaram e Lena distraiu-se ao olhar o corpo inerte do marido emitindo o ronco que ela já conhecia de há muito.

Agora, sob o silêncio da madrugada, imaginou ter sonhado; levantou-se, calçou as sandálias e foi ao banheiro. Olhou-se no espelho e a cara dormida revelava o aparecimento das primeiras rugas. Retornou ao leito, pensou que demoraria muito até pegar no sono novamente, quando o choramingo voltou-lhe aos ouvidos. Dessa vez tinha certeza que não se tratava de um animal, mas sim do choro de uma criança.

A lamúria ressoava de debaixo da cama, certamente, pensou Lena. Ajoelhou-se, levantou as pontas do lençol e se deparou com um belo menino acuado junto à parede; dos olhos graúdos azulados, escorriam lágrimas de abandono; os cabelos eram de um loiro dourado e a pele alva de um algodão sem nódoas. Todo ele pedia proteção, afago e colo. Chamavam a atenção, porém, duas protuberâncias em cada lado da testa e uma pequena ponta feito cauda no fim do cóccix que Lena percebeu quando o menino ficou de lado para evitar o olhar inquietador da mulher. Esses detalhes não tiveram a menor importância para Lena que, encantada com a beleza do garoto, o chamou para si. Apesar da cautela inicial, o menino foi ao seu encontro, afinal, em seu instinto, buscava um ventre para se aninhar. Lena o tomou em seus braços e o cobriu de carinhos.

O que você faz aqui, como veio parar embaixo da cama, quem são seus pais, onde você mora? Todas essas perguntas ficaram sem resposta, porque do menino só se ouviu um pequeno murmúrio incompreensível e nada mais. Quando o garoto se agasalhou no regaço da mulher, ela sentiu um calor percorrer-lhe todo o corpo e ficou inebriada daquele aconchego. Passado aquele torpor e agarrada ao garoto, Lena, a duras penas, conseguiu despertar o marido. João, aos bocejos, indagou-lhe o que queria àquela altura

da madrugada. Veja esse menino que apareceu debaixo de nossa cama, não é lindo? João não notou nada, coçou a cabeça e com um olhar de desdém entortou os lábios, resmungou um “vai dormir, mulher”, virou para o lado e voltou a roncar, agora mais alto do que antes.

Melhor assim, posso aproveitar essa beleza e esse momento, pensou Lena consigo. Aconchegado, o garoto, embalado pelos carinhos de Lena, começou a devolver-lhe as carícias. O quarto voltou a ficar em silêncio e sob a luz do abajur as sombras de Lena e do menino se projetavam na parede. A troca de afagos entre ambos logo tomou outro ar, lascivo, erótico, e Lena não entendeu direito aquilo, mas deixou-se levar. Do calor inicial, seu corpo rapidamente se incendiou, e o menino, agora ávido por uma satisfação carnal, procurou-lhe, com os lábios, os bicos dos seios. Ela abaixou a parte superior do pijama e os entregou sem resistir.

Quando sentiu uma comichão diferente vinda de seu sexo, Lena ainda tentou esboçar uma reação, aquilo estava passando dos limites, mas uma torrente de prazer inundava-lhe o corpo todo e ela se entregou ao prazer daquele momento. Vieram espasmos e contrações. O menino chupava-lhe os peitos e com as mãos percorria suas partes. Um êxtase tomou-lhe conta da alma, era uma sensação intensa que vinha de suas entranhas que em nada se comparava a qualquer outra coisa que já sentira antes. Aquele momento se prolongou por uma eternidade. Paulatinamente o prazer foi diminuindo e o corpo de Lena, agora em bicas, sossegou. A mulher, exausta de prazer, só teve tempo de beijar o garoto na testa e apagou; dessa vez dormiu como uma pedra, tal qual o marido ao lado.

Ao acordar pela manhã, João estranhou a mulher ainda deitada. Tentou em vão despertá-la diversas vezes, mas Lena mal se mexia no leito. Aquilo nunca havia acontecido nos mais de doze anos de casamento: Lena não dormia até tarde, nem sequer tinha sono pesado. Foi verificar se a mulher respirava. Como roncava baixinho e parecia dormir o sono mais gostoso da manhã, João deixou a mulher de lado e foi cuidar de si, tomou banho, arrumou-se e foi trabalhar.

Lena acordou ao meio-dia. Tomou um susto ao olhar o relógio e perceber o quão tarde despertara. Mas, ainda com o corpo entorpecido, deixou-se ficar na cama, sentia-se febril e tentava lembrar dos acontecimentos da madrugada. Imaginou até que tivesse sonhado. Apertou os olhos, espreguiçou-se e resolveu levantar. Sentia todos os músculos do corpo doloridos, mas era uma dor gostosa, de prazer, algo que ela não conseguia explicar. Foi então que a bela imagem do menino veio-lhe à mente. Ajoelhou-se e foi olhar embaixo da cama, mas nada havia. Só pode ter sido um sonho, um sonho maluco, mas muito bom, pensou consigo. Despertou de vez e foi cuidar da vida.

O dia passou, mas Lena ficou com aquela sensação febril no corpo. Os afazeres domésticos foram executados sem a mínima vontade e sua rotina, sempre cumprida à risca há anos, fora quebrada. O marido chegou em casa no fim da tarde e a encontrou deitada no sofá. Logo pensou que a mulher estava doente, mas não quis saber dos pormenores daquela mudança de comportamento, afinal era dia de jogo importante na tevê e ele estava cansado do trabalho estressante.

Era um casal sem filhos, nem tão jovem, mas tampouco velho, estavam ambos na meia idade e o peso da convivência de anos havia se estabelecido entre eles. Tacitamente celebraram um pacto de coexistência pacífica. Lena fingia não ver algumas coisas de João e o marido acreditava que a mulher era feliz. E assim esperavam entrar em uma velhice tranquila, sem sobressaltos, até que a morte os levasse.

Acostumados àquela vida ordinária, nenhum cobrava nada do outro. Ainda bem que João não era homem de encrencar com os serviços domésticos. Não percebeu que a casa estava uma bagunça, a comida salgada e havia muita coisa por fazer, pensou a mulher na cama. Lena não conseguiu se concentrar em nada direito, pois a lembrança do menino e o prazer da noite ainda ressoavam em seus pensamentos.

Depois de jantar e do silêncio rotineiro do casal, Lena se recolheu ao quarto e o marido ficou aos berros na sala xingando o juiz da partida, que supostamente roubava-lhe o time. Antes de deitar-se, Lena olhou debaixo da cama, mas nada encontrou. Queria logo dormir para ver se sonhava de novo, seu corpo já se ressentia e desejava de novo aqueles momentos da madrugada anterior.

A mulher ficou a devanear se teria sido um sonho o que se passara, mas como explicar aquela sensação de embevecimento que permanecia em seu corpo? Como dizer que aquele rosto infantil era um delírio, se tudo pareceu tão real? Enredada nesses pensamentos, Lena rapidamente adormeceu, querendo encontrar o garoto novamente embaixo de sua cama, dar-lhe carinho e aconchegá-lo em seu colo.

Às três horas da manhã, Lena despertou, mas dessa vez não ouvira ruído algum no quarto escuro. O marido roncava ao lado e, após ligar o abajur, foi direto olhar embaixo da cama. Surpreendeu-se agora com um lindo jovem no mesmo local e de rosto igual ao do menino da noite anterior. As protuberâncias na testa estavam maiores e uma cauda inquieta aparecia atrás de si. Agora não parecia mais assustado e seu olhar era de puro desejo. Seus olhos fixaram-se em Lena e ele lambeu os lábios sabendo que era desejado por aquela mulher. Quando Lena o puxou para si, ele se foi e a sessão de carícias teve início. Dessa vez o prazer foi mais intenso e, a despeito do barulho que ambos faziam, João nem sequer despertou.

No dia seguinte, a mulher parecia morta na cama. João pensou que aquela seria uma nova fase da eterna rotina de casal. Levantou-se e foi trabalhar. Lena acordou novamente tarde e mal cuidou das coisas da casa, ainda inebriada com os sentimentos do que havia acontecido. Seu corpo estava dolorido, mas era a dor mais prazerosa que já sentira. Sentia-se viva novamente.

À medida que as noites iam se sucedendo, o antigo garoto embaixo da cama, agora um jovem, ia se transformando em um homem feito, porém, as protuberâncias na testa tinham virado dois enormes chifres e a cauda cada dia ficava maior. Sua beleza era mais esplendorosa e cativante que nunca. Lena já sabia que o ia encontrar às três horas no mesmo lugar. As madrugadas de prazer alucinante, o acordar tardio, as coisas da casa mal feitas logo se tornaram rotina. Foi então que João, que sempre aceitou a medíocre felicidade da vida do lar, começou a se queixar do comportamento da mulher. A comida estava cada dia pior, a roupa sempre mal lavada, a casa era uma bagunça e Lena, segundo ele, recendia a enxofre. Os conflitos domésticos passaram a ser uma tônica naquele casal que em anos de casamento não tivera desavenças.

A mulher agora vivia por aquelas madrugadas, era o que a alimentava, a razão de seu viver, a partir das três horas, entregava-se àquele prazer desmedido, único na sua vida. Seu corpo, porém, se ressentia de tamanho esforço e foi ficando rapidamente envelhecido. As olheiras começavam a tomar conta de todo o rosto e enormes sulcos denunciavam as imensas rugas que se aprofundavam em sua face.

Lena, longe do marido e do homem embaixo da cama, que somente aparecia no horário das três horas da madrugada, lembrava-se de seu sonho de menina. Queria viver um amor de princesa, queria arranjar um príncipe encantado e ser feliz para sempre. Quando conheceu João, achou que ele seria esse homem. Mas depois de anos de casamento, aquela felicidade ordinária se impôs e ela aceitou a mediocridade da vida. Estava conformada até ter se deparado com aquele menino embaixo da cama. Agora, queria viver outras coisas. Queria roupas novas, sapatos, bolsas, maquiagem da moda, joias, jantares e festas de gala. Mas João não era mais o homem que um dia ela sonhou; vivia a resmungar e a exigir-lhe coisas da rotina doméstica. Ficara gordo, barrigudo, roncava, não tinha a mínima elegância e comia feito um porco. Todos os defeitos do marido vieram à tona com o novo modo de viver de Lena. Era preciso pôr um fim àquilo. Ela queria o mundo aos seus pés e, com João do seu lado, nunca seria possível viver tudo que agora desejava.

Uma noite, inquieta com aquela vida junto ao marido, o homem de enormes chifres e cauda inquieta, depois de possuí-la, ratificou-lhe um pensamento que ela vinha remoendo há dias: João precisava morrer. Só assim Lena seria feliz e poderia conquistar o mundo,

tudo seria perfeito e não haveria mais razões para dissabores na vida. Seria a glória e vida voltaria a ter sentido.

Um punhal atravessando o coração de João, foi o que lhe disse, em pensamento, o homem de debaixo da cama, quando lhe entregou a arma. Aquilo só era ideia de Lena, agora era certeza em seu coração. O estorvo que virara João seria eliminado. Não haveria mais motivos para a infelicidade e dali em diante só haveria prazer. O homem com chifres e cauda inquieta possuiu Lena naquela noite, deixando marcas no corpo inteiro.

Na chuvosa noite seguinte, Lena esperou o marido se recolher e logo começou a ouvir seu ronco de porco, como agora se referia a João. Lena olhou o companheiro de tantos anos, montou em seu tronco, ergueu o punhal e sem piedade alguma o cravou no peito. Às três horas da madrugada, o coração de João foi atravessado pela lâmina. Não houve reação alguma e o sangue jorrou abundante. Lena levantou o punhal e lambeu de sua ponta o sangue de João, dando gritos enlouquecedores. O homem loiro, de rabo e chifre, saiu de baixo da cama, pegou Lena pelos cabelos e ambos se refestelaram e se lambuzaram no sangue de João. A mulher experimentou sensações tão intensas que achou que não estava mais em seu corpo, que havia saído de si, imaginou ter chegado ao céu, ou ao inferno, e só ouvia os trovões em meio aos relâmpagos vindo de fora.

Lena acordou às três horas da tarde e seu corpo estava mais envelhecido e quase sem forças. Só sabia que estava grávida e que ia parir uma dezena de meninos loiros, de pele alva e olhos azuis. Depois do sacrifício de João, nem o menino, nem o rapaz, muito menos o homem, apareceram. Lena esperava em vão. Ninguém nunca mais apareceu embaixo de sua cama. Os dias eram mais tristes do que nunca e seu ventre crescia rapidamente.

O corpo, decrepito pelas noites de prazer incomensurável, deu à luz, às três horas da manhã, a doze meninos, todos iguais ao pai. Lena morreu seca na mesma noite do parto, agonizando de dor. Os garotos já nasceram grandinhos, com as protuberâncias na testa e com uma pequena cauda no fim do cóccix. Depois de observarem o corpo inerte e sem vida da mãe, foram saindo do quarto um a um. Devagarzinho, tomaram as ruas e se espalharam pelas casas vizinhas, escondendo-se debaixo das camas dos casais, a choramingar por um colo.

*Vanilson Rodrigues Fernandes*

## A janela

– Vai devagar, vovô! – gritou Teresa na caçamba da velha picape Rural, de cor verde-musgo sem graça.

– O senhor não está levando porco, não! – completou, aos berros, Vanda Cláudia, irmã de Teresa, que se contorcia de tanto rir.

As garotas, invariavelmente, visitavam os avós no interior do estado do Ceará, lá pelas redondezas da Serra Grande, durante as férias escolares de janeiro e julho. Liberdade para correr; escaladas em pés de frutas; adoção de filhotes de toda sorte de bichos; leite tirado da vaca, ainda quentinho, para tomar no café da manhã; troca de olhares com garotos, justo durante as missas, que lhes enrubesciam as faces, agora que adentravam a puberdade...

Todos os dias o avô as levava para o Sítio dos Prazeres, uma pequena quinta onde ele e alguns de seus filhos plantavam de tudo, especialmente cana-de-açúcar. Havia também um engenho modesto, onde fabricavam cachaça e rapadura. O cheiro da garapa de cana fervendo, mesclado com o odor da lenha queimada e os vapores do destilado da aguardente, preenchia o ar. O brilho das chamas lambendo enormes tachos de cobre, repletos de caldo de cana, lentamente misturado com grandes colheres de pau, que mais lembravam remos de barcos, fazia prisioneiros os olhares das garotas.

Em um desses deslocamentos, o avô desviou-se do trajeto rotineiro e passou pelo centro da cidade. Encostou o carro no meio-fio, puxou o freio de mão – produzindo um rangido alto, como se os “travões” reclamassem da impressionante força do velho português – e desceu no mercado para comprar alguns itens.

Teresa, sentada na traseira do veículo, notou do outro lado da rua, defronte ao comércio, um casarão antigo, todo amarelo desbotado. Era um imóvel de época como muitos outros, é verdade, mas com uma sutil diferença. A casa de paredes grossas, telhado alto, fachada reta, tinha algo curioso: uma janela mais baixa do que as outras duas, um tanto deslocada e com dimensões desproporcionais às suas irmãs.

A estrutura arquitetônica parecia ter sido colocada posteriormente e destoava, ainda, pela rica ornamentação. O vão quadrado tinha as cantarias produzidas em blocos de pedras esverdeadas, finamente esculpidas. Havia uma jardineira incorporada ao parapeito, feita de cerâmica antiga, sem ostentar qualquer vida. O frontão era de uma pedra rosácea, em formato triangular, ricamente entalhada com motivos florais, conferindo graça e distinção ao elemento.

Abaixo do vão, destacava-se um pequeno avental da mesma rocha, tessellada por desenhos de hexágonos, quase hipnóticos. O caixilho, de madeira tão escura como se houvesse sido chamuscada, suportava pequenos quadrados de vidro, precisamente nove. Eles aparentavam ser grossos, diante dos fortes reflexos, e tinham discretas diferenças de tonalidade. Todo o conjunto indicava ser completamente fixo, como se trancasse ou escondesse algo do mundo.

A menina ficou tentada a se aproximar, mas o avô retornou com uma sacola cheia, embarcou e seguiram viagem. Ela procurou, em vão, tratar do assunto com Vanda, que fez pouco caso, e as duas acabaram curtindo o dia no sítio, como de costume.

Durante a noite, já de volta à cidade, começou uma chuva fina e fria, acompanhada de uma forte cerração. Os mais de novecentos metros de altitude do lugar propiciavam a formação de neblina durante o inverno, inspirando um clima de nostalgia e reflexão, arena propícia para que as conjecturas e a realidade se digladiassem. A imagem da janela povoou a mente de Teresa. “O que será que tem no cômodo atrás da janela? Talvez móveis antigos, apetrechos estranhos ou, melhor, saborosos livros? Quem vive ali? Por que a janelinha foi construída tão baixa? Será de uma criança ou de uma adolescente? Quem a teria feito de maneira tão minuciosa? Por que aparenta ser fixa?”

As indagações giravam em sua cabeça como um redemoinho de vento levantando folhas do chão, tal qual o das histórias de sacis contadas pela avó. Desde cedo foi criativa, o que, misturado com sua curiosidade, gerava tamanha ansiedade por respostas. Padeceu, contudo, de grave defeito: quase nunca se dispunha a aventurar-se. Dar o primeiro passo sempre lhe foi difícil, vivendo mais no plano das ideias, afastada da concretude das ações.

Sabia de tal limitação, mas não conseguia se ordenar de forma diferente — tal qual um pássaro que, mantido preso por muitos anos, não tivesse a segurança de novamente estender as asas por completo.

Naquele momento, no entanto, decidiu que seria diferente... Se desejava uma vida nova, não poderia continuar com a mesma postura.

– Vanda, tenho uma ideia!

Teresa contou todo o seu plano... Sabia que a caçula detestava as suas divagações, mas aquilo! A irmã suspendeu a leitura de um Machado de Assis e encheu o peito de ar, revigorada. Saírem escondidas no começo da noite, logo após o jantar, para ir até o casarão, era empolgante.

Como se houvesse sido desalojada do corpo e ali pairasse um espírito estranho, bem mais ousado, conseguiu contagiar a irmã. Vanda jantou com voracidade, enquanto Teresa, a cada mastigada, se detinha espalhando por sobre a mesa pequenos bilhetes invisíveis, onde trazia anotados todos os possíveis desenlaces do ato: os sentimentos de euforia, por fazer algo proibido; a dor do remorso, por desafiar a confiança dos avós; as descobertas imaginadas, trazendo luz para as trevas de sua curiosidade e quietude para seu espírito criativo.

Terminada a refeição, foram para o quarto. Vestiram roupas simples e escuras, a fim de se misturarem com a noite, conforme sugeriu Vanda. Teresa agia de modo mecânico e, apesar do frio, suave copiosamente “de nervoso”, como diria sua mãe. Se pensasse muito, por certo refluiria.

Abriram a janela do quarto. Ao fazê-lo, contudo, pareciam ter espremido as grandes nuvens negras estacionadas sobre aquelas paragens. De simples testemunhas, as cúmulos-nimbos passaram a protagonistas, impedindo a fuga das garotas. O que era um chuvisco transmutou-se em uma torrente de água barulhenta, cortante. Lufadas de vento entraram pela abertura e molharam o recinto, levando embora a ousadia das irmãs. Não havia mais clima. Trancaram a janela e se fecharam em si. Frustrada, Vanda simplesmente mergulhou nos livros. Teresa chorou de dor e de alívio. Não precisava decidir nada. O acaso, mais uma vez, tomara-lhe o arbítrio.

O dia seguinte era o da partida. Teresa amanheceu pesarosa. Arrumaram as malas, tomaram o café da manhã e os avós as levaram para a rodoviária. No caminho compraram lanche para as quatro horas de ônibus que as netas passariam na estrada. Pararam a meia quadra do casarão.

Apertada entre a irmã e a avó, na cabine do veículo, Teresa olhou para o desconcertante adereço e indagou:

– Vovó, podemos ir olhar aquela janelinha?

– É apenas uma janela, querida! — disse secamente, e seguiram.

Não insistiu... Em minutos a velha Rural chegou à rodoviária. Era a última vez que estariam juntas naquele carro, naquele lugar, na companhia umas das outras. Seus pais se mudariam a trabalho, indo todos morar no sul do país, onde as meninas constituiriam suas famílias.

Teresa primeiro enterrou os pais, depois o marido e a irmã. Décadas se passaram e, em breve, não pisaria mais o chão, qualquer que fosse. Tinha feito, contudo, uma

promessa à filha e à neta de um dia visitarem a terra de seus avós, a fim de conhecerem um pouco do campo e das origens daquela errante família.

Chegado o dia, estava de volta ao lugar de infância. O tempo já havia reclamado o Sítio dos Prazeres com seu engenho e alambique, mas os ares da cidade ainda se mantinham nas praças, casarões e mercado. Afora o trânsito e um sem número de motocicletas, no geral, a região não havia mudado muito.

Caminhando pelo centro, a neta puxou-lhe o braço.

– Olha, vovó, que janelinha engraçada!

Teresa acompanhou o dedo em riste da menina e esquadrinhou a pequena janela de outrora. Seus pelos da nuca, já parcos, eriçaram. Há muito não sentia aquilo. O impacto foi real, a imagem teve o poder de dilacerar o tecido do tempo, colocando a antiga menina, mais uma vez, defronte à cativante janela. Toda a experiência, serenidade, compostura e certezas se desvaneceram. Ali estava, novamente, a jovem de quatorze anos.

Ela sentiu um nó na garganta. “Como pode um objeto me desarmar assim?”, indagou-se. Em um átimo se viu em seu vestido rodado, sentada na caçamba da velha Rural com a irmã.

Deu dois passos adiante, quase colando o nariz em um dos quadrados de vidro. De fato eram espessos, antigos, translúcidos. Notou um cheiro de madeira intenso, fruto de uma leve chuva da madrugada. Algumas gotas de água ainda escorriam pelos vidros, como lágrimas, enquanto Teresa enxugava as dela. Estreitou um pouco os olhos para tentar focar melhor. Quase não conseguia enxergar, pois o material mais refletia do que revelava. Reparou a sua face talhada pelo cinzel do tempo, o brilho nos olhos já ausentes, e se perguntou onde havia se perdido no caminho.

Reviu em retrospecto toda a sua vida: as conquistas, os amores, os desafios, as perdas, as desilusões... Buscou se lembrar de tudo que fizera em sua trajetória. De repente não conseguia mais elencar o que construiu, apenas o que poderia ter feito. Esforçou-se para entender onde havia errado, mas foram tantas coisas... Sempre procurou a felicidade, mirando em um porto que nunca chegava, e se esqueceu de olhar pela escotilha do navio durante a travessia. Uma tristeza imensa a dominou, pois apesar de ter acumulado tantas alegrias, não foi feliz. Talvez, como dissera Vanda, já adulta: “Você precisa de um profundo propósito na vida”. Teresa nunca teve um. Viveu nas divagações de sua mente, nos planos bem delineados, mas jamais concluídos ou sequer iniciados. Eram como a pequena janela defronte de si. Não havia ousado, insistido, se superado.

Deu uma leve inclinada para o lado, trocando um quadrado por outro, um pouco mais transparente. Pôde, então, divisar o interior, com o auxílio da luz do sol da manhã rasgando a pequena janela e dissipando a curiosidade de quase três quartos de século. Os olhos se mantiveram arregalados, enquanto as lágrimas que continuavam a cair, viravam filetes. Depois de tanto tempo, tantas conjecturas, uma miríade de objetos, pessoas e histórias imaginadas dentro de um cômodo... Mas que cômodo? Tão apertado ficou seu coração quanto aquele vazio. “Será que foi sempre assim?”, soluçou. Imaginou mundos, enquanto atrás da janela havia um puro e simples nada! Apenas uma parede. Uma falsa janela sem um propósito claro, assim como sua passagem terrena.

– O que tem dentro, vovó?

– É apenas uma janela, querida! – viu-se repetindo secamente, e seguiram.

*Marcelo Mesquita Silva*

## O que nos desperta

Ninguém sabia o que tinha ocorrido há quinze dias, quando Laura foi encontrada desacordada em casa, pelo seu marido.

Os aparelhos da unidade de tratamento intensivo indicavam o mesmo prognóstico: coma profundo e, aparentemente, irreversível.

A aparência dela demonstrava claramente afecção sistêmica, com quadro de edema geral. Seus sinais vitais necessitavam de monitoramento constante, com frequência cardíaca e respiratória, pressão arterial e saturação de oxigênio do sangue medidos a cada quinze minutos. O monitor cardíaco fornecia um traçado tênue. As bombas infusoras injetavam insulina, antibióticos, diuréticos e drogas estabilizadoras de sua pressão arterial, ante a hipotensão persistente.

A intubação orotraqueal permitia a ventilação mecânica e a veia subclávia era ocupada por um cateter venoso central para nutrição parenteral. O tratamento de hemodiálise ainda não tinha sido acionado, mas a paciente já estava submetida a cateterismo vesical.

Laura era casada há dez anos, sem filhos, dentista, e, aos trinta e cinco anos, sempre tivera saúde sem maiores alterações e realizava seus exames com regularidade. Estava com peso normal para sua altura, sem alergias ou histórico na família de acidentes vasculares cerebrais.

Também não foi detectada nenhuma lesão que sugerisse traumatismo craniano.

Os vizinhos de apartamento no prédio de paredes finas relataram ter ouvido, durante a tarde, uma aparente discussão entre vozes femininas, mas nada mais souberam acrescentar.

Laura estava simplesmente em coma e a equipe multidisciplinar montada ainda não possuía sequer suspeita do que teria ocorrido.

– Talvez tenha tido alguma emoção muito forte ou coisa assim. Um quadro assim ser decorrente de algo emocional é raro, mas acontece – arriscou um dos médicos, mas ninguém da família sabia nada a respeito.

Testes toxicológicos foram realizados, na desconfiança de envenenamento, mas não descobriram nenhum indício de qualquer elemento sedativo e descartaram também a hipótese de overdose de cocaína ou outra droga ilícita.

O marido, representante comercial, relatou que viajava muito, deixando frequentemente a esposa sozinha, mas ela compreendia e nunca reclamou de nada.

Era bem sociável, mas não convivia com amigas íntimas a ponto de relatar confidências, podendo-se dizer que era uma pessoa discreta, afável, gentil e atenciosa, e até parecia gostar de um pouco de solidão.

Ante a piora do quadro, os médicos intensivistas e seus assistentes começaram a temer a ocorrência de falência múltipla dos órgãos e sistemas, ou a própria morte encefálica a qualquer momento, vez que os eletroencefalogramas diários indicavam a diminuição progressiva da atividade cerebral.

Por reacear que em pouco tempo nenhum estímulo conseguisse fazê-la retornar à consciência, a neurologista chefe da equipe, Dra. Caterina, pesquisadora do tema consciência e emoção, resolveu empregar uma técnica ainda sem comprovação científica, mas que, ante o quadro cada vez mais grave, poderia ser encarada como última e desesperada tentativa.

Pedi que o esposo reunisse os familiares e amigos para que, em uma sessão que deveria ser única, encontrassem algum estímulo mnemônico que a fizesse reagir emocionalmente. A médica achava que, mesmo em coma, o paciente pode apresentar algum nível mínimo de consciência, e esta pode ser acionada diante de um apelo íntimo relevante de alguma palavra significativa.

Ao final da tarde, reunidos ao redor da cama de Laura, na ala de isolamento para onde fora transferida, os pais, as duas irmãs, cinco colegas de faculdade e o marido começaram a relembrar nomes e fatos da vida conjunta, enquanto a equipe médica monitorava os aparelhos.

A mãe relatou o primeiro dia de aula de Laura quando criança, e sua felicidade ao chegar em casa contando todas as suas atividades, falando muito da professora Carminha, que a recebera tão bem. O pai comentou o primeiro dia de trabalho no consultório e que o primeiro paciente foi o filho da empregada que, de tão agradecido por ter obturado o dente que o torturava há dias, fez questão de tirar uma foto com a jovem dentista.

Nenhuma alteração foi detectada nos monitores.

As amigas recordaram do nome de professores, de outros colegas que ficaram pelo tempo, riram das farras que fizeram e lembraram dos apelidos que usavam entre si, como numa sociedade secreta.

Nada. Nenhuma reação.

As irmãs mencionaram sua paixão aos treze anos e como chegou decepcionada depois do beijo no primeiro namorado, mas também nada foi percebido.

O mesmo silêncio de duas semanas manteve-se nos aparelhos.

Todos estavam cada vez mais preocupados com a não alteração do quadro clínico, quando os médicos esclareceram que talvez o nome do grande amor de Laura pudesse fazer o efeito desejado.

Foi pedido silêncio absoluto. O marido se aproximou com cuidado do leito hospitalar e sussurrou seu nome. A expectativa era geral, mas também nada aconteceu.

– Vamos tentar o senhor falando mais alto, disse Dra. Caterina.

– Conrado!

– ...

– CONRADO!

– ...

– CONRADO!!!

Nada. Nenhum sinal diverso nos monitores. Nenhuma alteração. Nenhum traço diferente que sequer sugerisse que Laura teve alguma reação aos estímulos. Nenhum dos nomes apresentados causara-lhe qualquer efeito.

– Mas a senhora não disse que essas memórias afetivas poderiam fazê-la retornar, doutora?

– Na verdade, Sr. Conrado, como eu disse, esse procedimento é apenas experimental. Não sabemos ao certo como isso ocorre, mas há relatos indicando que, em alguns casos, o cérebro reage mais emocionalmente a esse estímulo que às drogas que usamos para estimular a saída do coma, ou seja, aparentemente uma espécie de choque emocional espontâneo e instintivo pode causar alguma reação química ou elétrica cerebral ainda por nós desconhecida, que faz com que o paciente comece o seu retorno à consciência. Mas nada é garantido.

– Pensei que a senhora tinha dito que essas memórias afetivas seriam a ignição desse processo.

– Sim, é justamente isso que a literatura médica ainda pesquisa, mas não sabemos como isso ocorre, nem se sempre ocorre.

– Mas por que ela não reagiu aos nomes? Todos são significativos da sua história de vida, e ela não reagiu a nada.

– Eu sinto muito. Infelizmente creio que não há mais nada a fazer, a não ser esperar. Devo ser sincera com os senhores. Devemos nos preparar para o pior. Já fizemos tudo, mas os exames indicam que a falência dos órgãos está próxima.

A emoção foi instantânea e conjunta. Não havia mais o que esperar. O silêncio no quarto só era cortado pelos sons lentos e monótonos dos aparelhos, que pareciam cadenciar a marcha da morte próxima.

Estavam todos se confortando mutuamente quando ouviram alguém bater delicadamente no painel de vidro que dava para o corredor.

Uma moça alta, esguia, de uns vinte e cinco anos, com os olhos vermelhos de choro, pedia para entrar.

– Quem é essa moça? – perguntou a mãe.

– É a vizinha do lado. Ela se casou no mesmo dia em que Laura entrou em coma. Fomos inclusive convidados para o casamento, mas não somos próximos. Tinha ido para a lua de mel e deve ter retornado hoje. Estranho ela aqui – disse o marido.

– Deixe a moça entrar. Parece muito aflita.

– Entre, Cintia.

E o monitor cardíaco apresentou um pico hipertensivo.

*Danilo Fontenele Sampaio Cunha*

# Indicados para Publicação

## **Dois Elefantes**

Carolina Nabarro Munhoz Rossi | São Paulo – SP

## **O casamento dos sonhos**

Flavia Fabiane Nascimento Figueira | Recife – PE

## **Esboço de Severino**

Luiz Carlos Ribeiro Borges | Campinas – SP

## **Moleques de brinquedo**

Bruno André Silva Ribeiro | Brasília – DF

## **O Julgamento de Friedrich Nietzsche**

Fabricio Reali Zia | Campinas – SP

## **Boiadeiros**

Edmeu Carmesini | Dois Córregos – SP

## Dois Elefantes

Mariana vai descendo a escada o mais rápido que pode, desviando das pessoas que parecem não ter nenhuma pressa, tentando não ter um ataque de pânico nem derrubar ninguém e desejando ter superpoderes para poder simplesmente pular os obstáculos, como em algum filme de herói, daqueles que Márcio costumava gostar tanto, quando ainda assistiam filmes juntos. Afasta uma lágrima que insiste em atrapalhar sua visão ao pensar nele. Agora não é hora para isso.

Lembra daquele filme daquele ator que se suicidou, como é mesmo o nome? Aquele que parecia tão feliz e na verdade se matou por não suportar a tristeza, ela leu em algum lugar. Por que nessas horas a memória simplesmente some? Qual a importância disso agora, também. Nenhuma. Mas distrai. Robin qualquer coisa.

Aquela cena dele pisando no mar de cabeças para chegar até o Inferno e resgatar a esposa que se matou. Se ela pelo menos pudesse sair pisando nessas cabeças...

Vai pedindo licença, tentando desviar das pessoas que estão subindo. Pelo menos está no contrafluxo. Não conhece muito ali. Não costuma andar de trem. Sempre lotados, caindo aos pedaços e atrasando por conta dos surfistas de trem. Jovens que estão em busca de alguma emoção e encontram a morte.

Sente um aperto no peito, uma urgência, pensando no bilhete ali em cima da mesa, onde ele sabia que ela ia encontrar. Não tinha assinatura, mas ela sabia que era dele. Um pedaço de agenda rasgado. 15h. Estação de Trem.

Começou a cantarolar a música Dois Elefantes, dos Paralamas do Sucesso, sem nem perceber:

*Não sei se hoje é ontem ou anteontem. E do seu telefonema eu não vi nem a cor. Existe uma coisa que me dói perder, existe. Uma coisa que eu custei a ganhar.*

De repente está na praia, ouvindo essa mesma música no seu MP3 Player. Márcio flutuando em cima da prancha, com aquele olhar que passou a ser seu caminho para casa.

*Meu rosto e teu rosto, rindo. Dois elefantes, no fundo do mar.*

Ver gente a deixa um pouco zozna. Tanta fantasia de que era a presença dele o problema, para se sentir assim ali, perdida sem ele no meio de uma estação. Como se

tivesse entrado em um táxi e não soubesse mais dizer o endereço da sua própria casa.

Precisa comprar logo o bilhete e descer. 14h30 já. Devia ter saído mais cedo de casa. Sabe o quanto ele é pontual. Para que tanta gente comprando bilhete? Para onde vão essas pessoas?

Fica olhando em volta e observa uma mulher, sentada no chão com o filho no colo, pedindo esmola. Se incomoda com o aspecto da criança, suja, nariz escorrendo. Deus e o senso de humor de suas escolhas. Não consegue evitar o pensamento.

Finalmente chega sua vez.

– Um bilhete de ida, por favor. – Dá uma nota de R\$50 para a bilheteira.

– A senhora não tem troco?

Ela não tinha. Essa nota é a única. A espera pelo troco parece uma eternidade. Mariana pega o bilhete, o troco, e sai quase correndo.

No caminho, passa pela mulher.

– Senhora... – A mulher não ouve. – Senhora! – A mulher olha para ela. – A chupeta do seu filho caiu no chão.

A mulher agradece e pega a chupeta que ela entrega, limpa na blusa e coloca na boca da criança.

– A senhora não devia fazer isso. São muitas bactérias. O menino pode ficar doente.

– Olha, moça, obrigada pela chupeta, mas quando você tiver seus filhos, você cria do seu jeito. O que não mata, engorda – ela fala, com os olhos cerrados, virando para a frente.

Antes fosse – pensa Mariana, sem dizer –, esses bichinhos são frágeis. Hoje ele é tão seu, você se sente dona dele, acha que vai ser para sempre. Ouve o barulho do pneu derrapando, tentando frear. Esse barulho que não sai do seu ouvido. Tantas bactérias...

Deixa o troco no pote da mulher, sem conseguir evitar as lágrimas que enxuga rápido, com vergonha das pessoas ao redor, que sequer parecem enxergá-la.

De novo a vertigem. Foco. Precisa seguir.

Finalmente consegue chegar até a cancela e passa por ela, chegando à última escada, de onde enxerga Márcio lá embaixo, sentado no chão, encostado na parede.

O tempo não o castigou. Já não descolore mais o cabelo, a palidez do escritório de contabilidade tomou conta do corpo dourado de sol, mas mesmo com essa camisa, com a gravata meio solta, calça jeans, ele tem a mesma elegância, o mesmo jeito descolado e livre que a conquistou tantos anos atrás.

*Existe uma coisa que eu queria esquecer, existe. Uma coisa que me dói lembrar – segue cantando Herbert Vianna na cabeça dela.*

Só o rosto tem algo diferente. Não são as olheiras que ela nem viu aparecerem. Esse ar de quem não dorme há muitos dias – 294, ela contou. Não. São os olhos, logo eles. Vazios. Não tem mais ninguém ali.

Ele olha na direção dela. Faz um sinal no chão do lado dele. Ela se deixa cair. Tudo sujo, mas quem se importa. Não tem ninguém para proteger ali.

– Você veio.

– Achou que eu não viria.

– Não sabia, na verdade.

Os dois olham para a frente. A estação ali é aberta. Dá para ver um campo verde mais adiante. Está um dia bonito e a claridade e as cores chegam a doer nos olhos de Mariana, depois da escuridão do labirinto por onde veio.

Sente-se tonta novamente e percebe que não comeu nada ainda. Estranho. Não ela não comer, mas se dar conta disso.

– Por que você me chamou aqui?

– Eu estava pensando nisso quando você chegou.

Ela olha na direção dele e, pela primeira vez, ele olha diretamente para ela. Ela sente aquele mesmo puxão e uma dor dilacerante que a faz desviar o olhar, rápido, antes que seja tarde demais.

– Não sei bem. Acho que apesar de tudo ou talvez por causa de tudo, eu não posso fazer isso sem você.

– Já pensou em simplesmente não fazer? – Ela quase se distrai com o horizonte. Tinha esquecido que ainda havia um horizonte. – Estou um pouco brava por você me fazer sair de casa.

– Isso não é vida.

Ela olha na direção dele com um meio sorriso retorcido.

– Você quer mesmo falar de vida?

– Não, não quero. – Ele suspira – Quem sou eu para te falar qualquer coisa...

– O amor da minha vida? – Ela quase só mexe os lábios, mas ele entende perfeitamente e pega a mão dela.

– Eu sei, eu sei. O que aconteceu com a gente?

*Meu rosto e teu rosto roxos* – Porcaria de música...

– O Felipe – Ela fala mais para dentro que para fora, mas ele entende perfeitamente.

As lágrimas simplesmente caem, misturando outra vez os olhos dela e os dele. Pela primeira vez. Porque homem não chora.

– Mariana, ele...

– Não fala. – Ela coloca as mãos nos ouvidos – Dói ouvir. Não quero mais ficar revivendo a história, revendo a cena, procurando um botão de rewind que me faça poder fazer o tempo voltar até antes de descer do carro e deixar ele lá, buscando um final diferente – ela engole, seco – Já nem como mais pizza... mais nada. E se? E se e se e se e se... Eu estou exausta, Márcio.

– Eu sei.

– Para de falar eu sei. Você não sabe de nada! É uma exaustão em cada parte do meu corpo, cada célula. Na minha alma.

– Mas eu sei! Eu sinto isso também.

– Não parece. Você seguiu vivendo...

Ele olha para ela. Ela segue olhando para frente. Felipe no meio dos dois.

– Não é porque eu levanto todos os dias, escovo os dentes e vou trabalhar que tudo é como antes, que eu não sinto nada. Eu só não consigo ficar parado. Eu tenho que seguir fazendo as mesmas coisas que fazia antes daquela noite. Eu sinto falta dele em cada pedaço do meu corpo. Se eu parar para pensar nele, sinto falta de ar, parece que não consigo respirar.

– Bem-vindo ao meu mundo.

– A gente tinha que ter ficado junto.

Ela olha na direção dele e faz que não com a cabeça.

– Tudo em você para mim é ele. E você... Pai protege.

– Eu sei.

– Mãe também. Os dois se olham.

– Por isso. Você ainda é a minha melhor parte. Mas já não faz mais sentido. Não consigo viver com você – ele pausa e fala quase para ele mesmo –, nem sem você.

– Eu já nem sei se vivo.

Ela lembra do nome do filme.

– Então vem comigo. Você vem? Comigo?

Os dois se olham e se veem. Ela com seu MP3, de biquíni, cabelo ao vento. Ele de cabelo oxigenado, roupa de Neoprene, carregando sua prancha.

*Meu rosto e teu rosto roxos. Dois elefantes sem respirar.*

Os dois se dão as mãos e seguem em direção ao trilho do trem.

*E o tempo, o tempo, é o trem que vai passar, alguém te viu, eu tava longe, um elefante para lá, outro para cá – a música acaba.*

O trem apita. São 15 horas.

## O Casamento dos Sonhos

Maria acordou atrasada, quase às seis da manhã. Esqueci de ligar o despertador, pensou. Com sentimento de culpa e com uma rapidez que a fez esquecer de escovar os dentes e os cabelos, desceu da cama e foi acordar seus filhos, Betina e Pedro, de três e quatro anos de idade. Roberto, seu marido, já está na cozinha, impaciente, reclamando que a mesa não está posta e que, por isso, chegará atrasado naquela reunião marcada há duas semanas. Resmungou, dizendo que Maria deveria ter acordado mais cedo. Era o combinado. Maria, que também tinha uma reunião de trabalho, desculpou-se pelo descuido. Estranhou, porque tinha quase certeza que conferiu o alarme antes de dormir. O relógio despertador era antigo, presente de aniversário de Roberto. Mas estava em perfeito uso.

Maria e Roberto são casados há mais de vinte anos. Conheceram-se na faculdade de Medicina. Maria é médica cirurgiã e ministra palestras e aulas na faculdade de Medicina da cidade. Roberto também é médico, mas com uma carreira um pouco mais estagnada. Trabalha em uma clínica mais modesta, próxima de sua casa. Apesar de Roberto ter mais disponibilidade de horário, ele gostava que a esposa preparasse o café da manhã, porque este, segundo ele, era um momento íntimo, em que ela poderia conectar-se aos filhos e à família, já que estava tão ocupada na maior parte do tempo. Gostava de enfatizar que Maria tinha um dom natural para cuidar dos afazeres domésticos, mas que estava sempre ausente por causa do excesso de trabalho.

Certa vez, Roberto sugeriu que ela parasse de trabalhar. Disse que falava isso porque lhe amava, porque queria lhe ver feliz e mais participativa na vida familiar. Maria não conseguiu. A Medicina era seu sonho. Isso gerou muitas brigas no casal. Roberto dizia que Maria era egoísta, teimosa, recusava-se a aceitar seus conselhos e que estava abandonando a família. Maria sentia-se culpada todos os dias.

Antes de sair, Maria e Roberto combinaram o jantar. “Posso trazer pizza hoje, querida, não se preocupe!”, disse Roberto, com uma voz gentil e suave. Maria tinha muita sorte de ter Roberto em sua vida. Sim, uma mulher de sorte. Mesmo com uma carreira de sucesso, Maria tinha uma dívida de gratidão com Roberto. Porque Roberto sempre lhe lembrava que ela só conseguiu ascender na carreira graças ao seu apoio e dedicação como marido. “Você só é uma médica conceituada hoje por minha causa, nunca se esqueça disso!”, era o que Roberto sempre dizia. Maria ficava muito grata ao marido que tinha.

Mas Roberto também tinha alguns comportamentos invasivos. Maria se recorda de todas as vezes em que ele se mostrou irritado, grosseiro e com um ciúme incontrolável. Roberto não gostava que Maria tivesse muitas amigas. Ele dizia que isso tirava o foco

do que era, de fato, importante: a família. Maria ouvia, atentamente, o que Roberto lhe dizia. Afinal de contas, ele sempre falava como um bom conselheiro, ressaltando que se preocupava com ela e que só queria o seu bem estar.

Certa vez, Maria flagrou Roberto olhando suas mensagens de celular, mas ele disse que foi um simples equívoco. Maria acreditou. Afinal, ambos possuem aparelhos celulares de modelos muito semelhantes. Maria também tomava cuidado com o que vestia. Roberto não gostava de roupas curtas ou decotadas. Maria achava que não valia a pena provocar brigas e sempre cedia. Roberto faz isso porque se preocupa com Maria, e isso não é amor? Isso tudo é amor, pensava Maria.

Mas uma situação em especial nunca saiu da cabeça de Maria. Após chegar em casa tarde da noite, depois de realizar uma difícil cirurgia, Maria foi surpreendida por Roberto aos gritos, irritado porque ela não estava em casa. Xingou-a e humilhou-a. E, em certo momento, empurrou-a contra a parede. A força foi tanta que Maria chegou a ficar duas semanas com um hematoma nas costas. Maria nunca ficou tão assustada. Não sabia o que fazer. O que aconteceu com seu marido tão gentil? Maria não contou para ninguém esse episódio. Ficou envergonhada. Mas, no dia seguinte, Roberto era uma outra pessoa. Arrependido, Roberto lhe presentou com flores. Pediu desculpas. Chorou. Jurou que não faria de novo. Maria aceitou. Roberto não era como esses maridos que vemos na mídia, que espancam ou assassinam suas mulheres. Roberto é zeloso, cuida da família e é um excelente pai.

Maria também não queria se expor. Era uma médica conhecida e bem sucedida. As pessoas elogiavam seu potencial. O que seus colegas diriam? E seus filhos? As crianças são tão pequenas. Imagina se as mães da escola começarem a comentar nos corredores. Maria precisava preservar sua família e seu casamento. Ah, o casamento! Foi um casamento lindo, uma celebração dos sonhos. Maria não conseguia acreditar que Roberto, aquele rapaz tão lindo e gentil, tinha se apaixonado por ela. E seus pais? Ah, seus pais estavam muito orgulhosos. Sua família é bastante tradicional, dá muito valor aos laços familiares. “Casamento é pra sempre!”, dizia seu pai. Sim, Maria também acredita nisso. Seu casamento era, sim, uma união dos sonhos. Maria precisava preservar isso. E Roberto se arrependeu do que fez. Disse que perdeu a cabeça. Ele está trabalhando muito. Deve ser isso.

A agressão foi há cerca de duas semanas. Roberto continua reclamando das amizades de Maria e tentando controlar seus horários, mas é porque ele é um marido muito preocupado, justifica Maria. Agora, mais do que nunca, Maria precisa de Roberto. Porque Maria, ultimamente, anda muito distraída e confusa. Está esquecendo das coisas. Como o despertador. “Como fui esquecer de acionar o alarme?”, pensou Maria. Não conseguia

entender. Mas Roberto foi compreensivo com esse episódio. Até se comprometeu a comprar pizza para o jantar. Maria se revigorou.

Fim de tarde, quando voltou para casa, após buscar os filhos na escola, Maria ficou feliz porque não teria que cozinhar. Abrindo a porta, Roberto já estava há horas em casa, assistindo televisão e tomando cerveja. “E a pizza?”, perguntou Maria. Roberto, com olhos assustados, virou-se para Maria e respondeu: “Querida, não há pizza, você disse que iria cozinhar, não se lembra?”. Maria, subitamente, ficou confusa. Tinha plena certeza que Roberto havia prometido comprar pizza para o jantar. Lembrou-se até que ele usou aquela voz suave, que lhe é peculiar. Mas Roberto insistiu em sua negativa. Disse que estava preocupado com sua saúde, pois não era a primeira vez que ela estava se esquecendo das coisas. Mais uma vez, voltou a sugerir que ela abandonasse o trabalho. Afinal, precisava tratar sua saúde mental. Deveria ser prioridade. Maria começou a suar frio. Não conseguia pensar direito. Será que ela se confundiu? Será que, em algum lugar de seu inconsciente, entre as trocas de roupas das crianças, o preparo do café e uma breve lembrança de seus compromissos médicos, ela criou uma frase inteira na sua cabeça? “Posso trazer pizza, hoje, querida, não se preocupe!”. Foi isso que ouviu de Roberto. E ele estava ali, na sua frente, com um semblante preocupado, afirmando que não havia dito nada daquilo.

Rapidamente levou as crianças para o banho. Tentou não pensar nisso por um instante. Mas tinha uma angústia em seu peito, uma inquietude. Tinha algo errado acontecendo com ela. Não estava bem. Depois foi para a cozinha, lavou a louça, preparou um lanche rápido, torcendo para que Roberto não tocasse mais no assunto. Ficou com medo de Roberto se irritar e culpá-la. Então, Maria debruçou-se sobre o material do trabalho, separou alguns relatórios e se comprometeu a acordar mais cedo no dia seguinte, dizendo que iria conferir o despertador para não se atrasar novamente. Roberto, com um olhar preocupado, disse: “Querida, nós não temos despertador!”.

Maria saiu correndo para o quarto, olhou para o lugar onde, em sua cabeça, sempre houve um despertador. Um aparelho pequeno, de cor vermelha, com a tinta desgastada. Presente de aniversário de Roberto. Não estava lá. Maria ficou desesperada. Maria não sabia o que pensar. Começou a chorar copiosamente. Estava enlouquecendo. Vendo coisas. Imaginando coisas. Roberto, então, exigiu que Maria pedisse demissão para tratar da saúde mental. A situação estava crítica, segundo ele. Não podia ficar assim. Maria, com muita tristeza, concordou. Achou que era o melhor para ela e para a família. Em seguida, Roberto acalmou Maria e saiu de casa, dizendo que iria comprar um calmante. Maria tinha muita sorte de ter Roberto. Não imaginava a vida sem ele. Dependia dele.

De repente, um celular começa a tocar de forma insistente. Era o celular de Roberto.

Ele havia deixado em casa. Maria atendeu. Uma voz do outro lado da linha disse: “É o celular do Sr. Roberto Medeiros?”. “Isso mesmo”, respondeu Maria. Então a pessoa continuou: “Boa noite, senhora, aqui é do restaurante ‘Lua Nova’. O Sr. Roberto Medeiros esqueceu um documento aqui conosco, quando veio almoçar com sua noiva, a Sra. Lívia. Parece ser um crachá médico. Como o casal é cliente usual, estamos fazendo a gentileza de avisar!”. Maria não estava entendendo nada. Conversou por vários minutos com a pessoa do restaurante, achando se tratar de um trote. Mas o documento deixado no restaurante tinha todos os dados de seu marido.

Maria estava atônita. Roberto chegou em casa. Maria o confrontou. Roberto, de forma muito paciente e calma, disse que ela havia imaginado o telefonema. Disse que a história era fantasiosa, que o telefone nunca tocou. Maria tentou ligar, novamente, para o número registrado, mas foi surpreendida por Roberto, que não só arrancou o celular de sua mão, como a estapeou no rosto. Assustada, correu para o quarto onde se encontravam seus filhos, pegou-os, trancou-se no banheiro e, com o seu celular que estava no bolso, ligou para seus pais. Não queria envolver a polícia. Estava envergonhada. Poucos minutos depois, os pais de Maria apareceram na casa. Roberto não se encontrava no local. Maria fez uma mala e foi embora.

Roberto ainda foi por diversas vezes à casa dos pais de Maria tentar buscá-la. Em certa ocasião, ele chegou a dizer: “Você acabou de me ligar para eu te buscar, querida, você não se lembra?”. Mas Maria não havia telefonado para ele. Disso ela sabia. Em outras ocasiões, ele mandou flores, mensagens e declarações de amor. Mostrou-se arrependido. Chorou. Maria ainda se sentia culpada e, sobretudo, confusa. Pensou em dar uma segunda chance a Roberto, pai dos seus filhos. Mas quis um tempo para refletir melhor.

Algum tempo depois, Maria tomou conhecimento que Roberto lhe traía há anos. Ninguém nunca desconfiou. Roberto era tão gentil e educado. Maria, mesmo sendo médica, não conhecia todas as nuances de uma violência familiar. Ao estudar sobre o assunto, ficou conhecendo termos como “manipulação emocional”, “controle”, “abuso psicológico” e “gaslighting”. Chorou quando viu que os sinais da violência abusiva estavam todos lá.

Depois de algumas semanas conseguiu voltar para sua antiga residência, quando se sentiu mais segura. Encaixotando algumas coisas da casa, Maria sucumbiu. Não conseguiu parar de chorar. Sentia-se fragilizada, culpada, confusa e com medo. Seu coração palpitou. Deitou-se ao chão.

De repente, seus olhos foram captados por alguma coisa que estava embaixo da

cama das crianças. Lá embaixo. No fundo. Embrulhado em um papel. De início, não consegui distinguir. Depois, pôde identificá-lo. O despertador. Vermelho, com a tinta desgastada. Presente de aniversário de Roberto.

*Flavia Fabiane Nascimento Figueira*

## Esboço de Severino

Faça-se a escuridão. E, em torno, faça-se a caverna. E no ar, dentro do vazio do vento, faça-se o castelo; o apartamento.

Que sejam povoados por uma criatura singular, concebida à imagem e semelhança do demiurgo, obra do mesmo prestidigitador que com um estalar dos dedos criou o universo – e que no sexto dia a resgatou da umidade onde havia proliferado, erguendo-a da lama primordial, tornando-a erecta, falante, pensante.

E que lhe seja outorgada uma função: de caçador, guardião ou zelador. Então inventará o fogo, em que se aquece e que afugenta as feras que à noite rondam sua moradia; ou do alto da torre soprará, arauto, uma trompa, anunciando o alvorecer ou a aproximação de obscuros viandantes; ou, alojado na portaria do edifício, zelará pela parcela do mundo e da humanidade posta sob seus cuidados.

E lhe será designado um nome, que poderá ser Kngrh, Godofredo ou Severino.

Pois seja: Severino. E que esteja em todo e em nenhum lugar, que percorra indistintamente todos os calendários e de todos se ausente, e que se identifique simultaneamente como um tosco troglodita, um arauto solitário e o habitante de um conglomerado urbano feito de um milhão de severinos.

No momento, subiu ao apartamento da cobertura, para reparar o vazamento que surgiu num dos banheiros. Está há muito tempo no prédio, desdobra-se em múltiplas atividades e goza da inteira confiança dos moradores. Por isso, os proprietários o consultam: irão empreender uma longa viagem e precisariam que ele comparecesse diariamente ao apartamento, forma de se precaverem contra algum incidente elétrico ou hidráulico e de assegurarem a alimentação devida a um animal doméstico: um gato.

Dois dias depois, retorna ao apartamento para dar início às suas ocupações. Confere o conserto do vazamento e acha-o bom; dá de comer ao Gato, que não lhe agradece com algum sorriso, um balançar do rabo, algum olhar que não fosse de indisfarçável menosprezo. Findas as tarefas, ingressa na sacada, e deslumbra-se com o panorama visto do vigésimo andar, a inteira arquitetura do mundo, ao mesmo tempo em que o assalta uma desalentadora suspeita: não pertence àquele mundo, que não lhe acena com qualquer gesto de convite, sedução ou desafio: o mundo há muito (desde a origem e o berço?) o condenou à exclusão.

Procura de imediato fazer dissipar essa sensação incômoda: tem muitas outras obrigações a cumprir fora da cobertura.

Para sua surpresa, no entanto, as portas se encontram trancadas; busca, em vão, as chaves nos bolsos: as teria esquecido do lado de fora e alguém inadvertidamente (ou intencionalmente?) girou as chaves, fechando-o no apartamento?

Zeferino se filia a uma linhagem familiar que ao longo dos séculos cultivava as virtudes da resignação, da aceitação fatalista das coisas tais como são e dos fatos tais como acontecem; não indaga suas razões ou suas causas; há divindades obscuras, situadas num plano inacessível ao nosso conhecimento, cujos desígnios são igualmente imperceptíveis pelas frágeis antenas humanas; temos que depositar nossa confiança nelas; se, em virtude de alguma falha de conduta nos sobrevém algum castigo, as próprias divindades saberão o momento certo para sobrestá-lo, as circunstâncias propícias ao perdão: assim como a sua cólera, também a clemência dos deuses é imperscrutável.

Outro pensamento contrastante o apazigua: a própria providência divina o trancou, para resguardá-lo, para evitar que pela porta penetrasse algum inimigo externo.

Porém, de cima do sofá o Gato o espia com indissimulada astúcia, arrogante em seu escárnio e desdém.

No que resta do primeiro dia, certo de que o confinamento apenas perdurará por breves horas, trata de suas obrigações: alimenta o Gato, molha as plantas dispostas em vasos na sacada, vistoria o funcionamento de canos, torneiras e fios elétricos. Depois, se imobiliza diante do aparelho de TV e ali permanece até adormecer.

Desperta no dia seguinte, com o alívio de quem sai de um pesadelo; mas confirma, consternado, que a situação não se alterou: a porta permanece trancada, ninguém veio acudi-lo, saber dele, e se convence da necessidade de estabelecer uma rotina a ser observada pelos próximos dois ou três dias. Dar comida ao Gato; preparar sua própria refeição (a dispensa está, felizmente, repleta de alimentos; descobre na adega uma centena de vinhos, com nomes exóticos como chateau e domaine; lá pelo sétimo dia decide experimentar um deles, e se extasia, como se fosse outra dádiva concedida pela facção benfazeja das deidades).

Setembrino, porém, não se acomoda a tais divinas dádivas; suas origens rurais o inspiram a remover as plantas exóticas do interior dos vasos da sacada e em seu lugar lançar na terra sementes dos tomates acondicionados no freezer, já visando prudentemente a um abastecimento futuro, quando cessarem as provisões.

Atinge um momento (no décimo, no vigésimo dia? aos poucos vai perdendo a noção do tempo) em que sequer deseja ser libertado do cativeiro; percebe que a inércia se converte em ócio e se reflete na rotundez do ventre.

Sobrevêm, todavia, novos imprevistos: a energia elétrica é cortada; as provisões de gás se esgotam, e ele tem de recorrer ao improviso para cozer os alimentos e iluminar os recintos à noite. Apenas o Gato não sofre com essas vicissitudes, na despensa ainda abundam os sacos de ração; apesar do zelo de Saturnino, a atitude do bicho em nada se altera, seu olhar preserva o mesmo ar de menosprezo e escárnio, nele não brilha sequer uma centelha de gratidão.

“Hei de comer esse gato” – murmura Sulferino, movido por certo azedume ou irritação, não por algum articulado cálculo (ou sim?).

Murmura-o e em seguida se arrepia internamente, como se o tivesse roçado a sombra de um demônio; se convence da necessidade de manter aprisionados (entre as grades dos parênteses) tais pensamentos malsãos.

Ainda uma vez ele recupera as habilidades de seus antepassados: com o auxílio de duas estranhas pedras que ornamentam a sala de visitas, através de sua fricção ele consegue obter faíscas que, alimentadas por restos de jornais, logo se transformam numa fogueira, instalada na sacada: ali se aquece, prepara suas refeições, e obtém, ainda que parca, iluminação noturna.

Não tarda a constatar que os alimentos escasseiam. Pior, na fruição dos tomates passa a enfrentar a concorrência de pássaros que voam até o vigésimo andar. Prudentino não se desespera jamais, tem sempre o recurso de suas memórias ancestrais; lembra-se das quinquilharias depositadas no interior de um baú, num dos dormitórios; abre-o, vasculha e encontra o que almejava: um boneco, um palhaço de nome Scaramouche. Retorna com ele à sacada e o pendura, pelos braços e pelo pescoço inexistente, na luminária do teto. O corpo balouçante do espantalho, simultaneamente enforcado e crucificado, com suas vestes coloridas e extravagantes, olhos e boca arregalados, cumpre sua missão de aterrorizar e afugentar os pássaros, que renunciam a frequentar os tomateiros. O próprio Severiano passa a reverenciar e venerar o palhaço Scaramouche.

O tempo, porém, é inclemente. Quando do trigésimo dia (ou seria o centésimo?), ambos começam a mostrar sinais de decadência, o palhaço e o zelador. Ainda que a constituição física do boneco, pele de pelúcia e vísceras de algodão, seja menos corruptível, o gradual desbotamento de suas cores e o esbeçar-se do sorriso o tornam inapto a produzir o mesmo terror inicial. Os pássaros voltam a beliscar os tomates.

Novamente ameaçado em sua subsistência (então já se encontra compartilhando as rações do Gato), Zé Felino caça outros meios com que se defender do ataque das aves. Retira da parede da sala uma espada ornamental e passa a transitar com ela na cintura; uma das pedras lhe revela outras utilidades além da produção do fogo: na realidade, na primeira oportunidade em que as vira, sequer conseguira atinar com sua utilização para fins de adorno; eram foscas, grosseiras, desprovidas de brilho ou mesmo de alguma minúscula cintilação, cujo encanto talvez fosse a só ancianidade, retiradas que foram de lavas vulcânicas ou colhidas de alguma cova pré-histórica. De qualquer modo, uma delas era comprida e pontiaguda, e nessas propriedades manifestava sua mais legítima função.

Assim armado, Zé Ferino oculta-se atrás dos tomateiros e quando alguma ave se atreve a pousar na sacada, ele se ergue do esconderijo e a degola com um golpe de espada ou, arremessando a pedra, lhe esmaga o diminuto crânio, e depois a almoça.

Quando chupa o último tomate até às sementes e os pássaros desaparecem, Severino tem enfim de reconhecer que os deuses ou fados o abandonaram. Ao lado das chamas hesitantes da fogueira, jazem os ossos do Gato e os restos do couro de sapatos e dos assentos de cadeiras. Só então, à vista dos ossos, lhe vem a suspeita de que o Gato seria, na realidade, a personificação da divindade e que assim se predestinasse a ser cultuado, venerado – e devorado.

Severino cantarola os versos de uma antiquíssima melodia, enquanto o fogo aos poucos esmorece. Recolhe-se a um sofá da sala antes que se apague a última fagulha. Adormece aos derradeiros e quase indistintos sons da cidade noturna; um lamento longínquo, como os estertores de alguma criatura sufocada pela solidão, o esvoaçar sinistro de um pássaro notívago, como se o mundo se desintegrasse. Como se a vida se dissolvesse, devagar se esvaziando de sua pulsação vital.

*Luiz Carlos Ribeiro Borges*

## Moleques de brinquedo

O ônibus acelerava e parava numa constância que lembrava a sua vida. Além das subidas e descidas, que mais pareciam os altos e baixos da sua existência, tinha as freadas bruscas quando se estava para chegar ao tão esperado destino. E hoje não parecia ser diferente. Acordou, deu um beijo na testa de sua pequena, leve o suficiente para não acordá-la, mas o profundamente necessário para satisfazer o seu amor. Ainda se despediu respeitosamente da sua mãe e tomou o rumo do cotidiano. Após as exaustivas horas de trabalho, estava já agora naquele coletivo recuperando as energias necessárias para o próximo turno, com a cabeça encostada à janela que, daquela vez, conseguira pegar, o que inclusive lhe permitia um alarme natural quando seu corpo cedia ao cansaço.

Sempre no percurso de volta para casa, podia refletir sobre a sua vida e a sorte que tivera. De fato, tinha a mais linda das filhas, cuja relação se fortalecera após a morte prematura da mãe, levada ainda cedo pelo câncer implacável. Tinha, ainda, uma mãe que, se não era um primor de carinho, correspondia mais que o suficiente com dedicação e cuidados a ambos. Sequer imaginava o que seria deles sem a presença fundamental e oportuna de sua mãe. De certo modo, achava que aquela ocupação familiar servia a ela até mesmo como uma válvula de escape às próprias agruras que a vida havia lhe imposto. Ou, ainda, quem sabe, talvez as vicissitudes tenham moldado o seu caráter, seco e rude, mas sempre solícito. Logo cedo perdera dois filhos, um para o tráfico e o outro para a polícia. Mais tarde, foi-se o marido, seu pai, que agonizara por horas em um hospital público sem atendimento. Enfim, era uma mãe brasileira, como tantas outras por aí.

Já agora, pegou-se nas lembranças de seu pai. Recordou-se, aliás, de que ainda conseguira segurar a mão justamente no último suspiro. Essa lembrança, às vezes, aliviava a saudade. Outras tantas, a agravava. Mas, enfim, agora as coisas pareciam se ajustar, pois já há algum tempo as tragédias familiares tinham tirado férias.

Entre devaneios, cochiladas e empurrões, perdeu a parada e, graças ao alarme de sempre, qual seja, a batida da cabeça no vidro da janela, deu um salto e logo estava na porta pronto para descer num caminho que, se por um lado não era o seu, certamente convergia para o seu destino. Em face dos acontecimentos, agora teria que refazer um caminho não desejado, àquela hora da noite, após um dia extremamente cansativo. Com um pouco de sorte, conseguiria uma carona; com um pouco de azar, seria assaltado. Mas, apesar de tudo, não se extraía do seu semblante nem de sua mente queixas sobre a vida. A esperança de ver sua filha, ao término de cada dia, inteirando-se sobre os detalhes da escola, do dever de casa, das notas, tudo isso compensava qualquer dissabor.

De todo modo, ao passar naqueles arredores, não podia evitar, por vezes, de sentir

um desconforto lhe tomar a alma. O caminho de volta não era longo, mas o perigo rondava cada viela. O tráfego, as bocas de fumo, os acertos de contas, a exploração sexual, as armas à mostra, mormente àquela hora, deixavam o ambiente inóspito e, ao mesmo tempo, faziam pairar uma sensação difusa de insegurança. Foi então que ouviu aquele barulho que lhe era tão peculiar. Pelos seus cálculos, três tiros haviam sido disparados. Quase que simultaneamente, um carro cantou os pneus e gritos desesperados por ajuda romperam na noite. Alguns corriam em direção ao evento, enquanto outros fechavam as portas e janelas. Até então, apenas mais uma noite comum na comunidade. Era possível escutar, a cada passo que dava, as sirenes da polícia em aproximação. Não via a hora de chegar em casa, virou à esquerda e pegou um beco para encurtar o caminho e chegar logo em casa.

Percorreu metade do beco, sentindo fortemente algo muito ruim no ar. E não era apenas o fedor das lixeiras e da urina que contaminava o ambiente, até porque quanto a isso já estava acostumado. Logo pôde perceber, no horizonte, uma abordagem policial. Muito provavelmente em face dos acontecimentos. Ironicamente, pensou que poderia conseguir uma carona com os policiais. Sorriu para si mesmo. Um dos policiais, contudo, o avistou e não parece ter gostado do que viu. Numa atitude defensiva, pensou rápido e resolveu dar meia volta, numa atitude certamente imprudente, que apenas reforçou a sua atitude suspeita. Em poucos segundos os suspeitos iniciais estavam liberados e os policiais já lhe faziam uma abordagem de praxe, à qual estava familiarizado desde bem cedo. Apesar de saber o procedimento de cor, ainda se indignava com o empurrão arremessando-lhe contra a parede e um leve chute de autoridade abrindo-lhe mais ainda as pernas. Mas daquela vez foi diferente: os policiais puxaram primeiro uma mão e, depois, a outra para baixo, passando-lhe as algemas. Sem absolutamente nenhuma explicação, estava preso. Não perdera a parada. Em absoluto. O ônibus realmente o havia levado ao seu destino.

Aquele momento ficou gravado em sua mente durante todo o período da prisão. Já não podia sequer imaginar quantas vezes o havia repassado nos mínimos detalhes. Desde o momento que acordou com a cabeça contra a janela, até o inexplicável olhar de ódio do policial, passando pelo odor do beco. Tudo isso estava gravado em sua consciência, e talvez nunca lhe deixasse. Já indagara a Deus, milhares de vezes, o motivo daquilo. Sem respostas, indagara a si mesmo. Soubera tempos depois, no decorrer do processo, que fora reconhecido por populares como um dos autores do disparo fatal. A descrição era certa: um negro com uma arma na mão. Uma rua sem iluminação. Um acerto de contas entre gângues rivais. Da arma, nada se sabia. Mas os depoimentos foram convergentes quanto à familiaridade dos traços com o assassino. E não havia dúvidas sobre a cor do suspeito. Todo o conjunto da prova convergia para si. Como era um sujeito de sorte, conseguiu um defensor público combativo, com quem inclusive fez amizade. Se

é que se pode falar em amizade naquelas circunstâncias em que se encontrava. A situação era mais para um estado de necessidade.

Mas, enfim, conseguiu provar a sua inocência. Na verdade, tecnicamente, o juiz havia lhe advertido que estava absolvido por falta de provas. O promotor protestou ao júri, indignado com o veredicto da maioria dos jurados. Ainda conseguiu sussurrar ao seu ouvido: – Escapou dessa, mas te pego na próxima. Gente assim não tem conserto. A justiça tarda, mas não falha.

O importante é que chegava ao fim a sua sina. Há mais de um ano encontrava-se detido por um crime que não cometera. Não via sua filha, que não tinha autorização para visitá-lo. De sua mãe, não tinha notícias. Em uma das audiências, chegou a vê-la. Depois não mais.

Agora, voltara a agradecer a Deus pela nova oportunidade e pela Justiça ter sido feita. Abraçou efusivamente o seu amigo defensor. Olhava para o juiz como um cachorrinho que fixa o seu dono aguardando uma migalha de compaixão, seja carinho ou comida. No seu caso, desejava apenas obter uma autorização formal para ir embora.

Ainda com a roupa de presidiário, todo de branco, uma havaiana aos pés, também branca, não conseguia conter a satisfação e a alegria. Pensou na sorte que tivera em conseguir provar a sua inocência e em quantos outros presidiários, em semelhante situação, estavam recolhidos na prisão. E por lá ficariam.

O juiz logo percebeu a ansiedade e o liberou, não sem antes fazer a advertência de praxe: – Fique longe de confusão de agora em diante! Certamente seguiria o conselho. Mas, ainda na dúvida, indagou ao juiz se podia se retirar, só para ter certeza. O juiz respondeu-lhe que sim e que estavam apenas finalizando os trâmites burocráticos do processo. Indagou-lhe o juiz se queria levar o alvará de soltura em mãos, não que fosse necessário, mas certamente poderia conseguir uma carona grátis no ônibus. De fato, era de comum nos arredores do fórum que os recém libertos apresentassem o alvará ao motorista do coletivo, no que lhes era facultado o ingresso sem pagamento. Até hoje não se sabe precisar o fundamento dessa deferência, se solidariedade ou receio, mas, certamente, lei não era. De todo modo, respondeu ao juiz em alto e bom som que não precisa do alvará: – O ônibus demora, senhor. E eu preciso ver a minha filhinha. Nenhum ônibus vai permitir esse encontro tão rápido quanto as minhas próprias pernas. Em seguida, depois de quase um ano, sorriu de novo. Enfim, era um homem livre. Poderia receber de sua filha um abraço e de sua mãe, quem sabe, uma migalha de carinho.

No dia seguinte, o juiz realizava as audiências de praxe quando viu ser apresentado,

ainda de branco, aquele mesmo homem que libertara na véspera. Não podia acreditar que já havia se envolvido em confusão. Fez um leve sinal ao promotor, que correspondeu num típico aceno de “eu já sabia”. Ordenou à escolta que mantivesse o homem na carceragem enquanto terminava as audiências do dia. Finalmente, ao anoitecer, mandou trazê-lo à sua presença. Rispidamente, indagou o que tinha acontecido. Foi então que o policial explicou que se tratava de um homem negro correndo, desesperadamente, com roupas de presidiário, nas proximidades do fórum. Ao fazer a abordagem de rotina, em razão da atitude suspeita, verificou tratar-se de um sujeito que respondia por um homicídio na região. Não teve dúvida alguma e lhe deu voz de prisão. Uma vez recolhido, estava sendo apresentado ao juiz do caso no dia seguinte aos fatos. Era essa a história.

O juiz olhou no sistema informatizado do tribunal e logo percebeu que os expedientes de soltura ainda não haviam sido encaminhados à polícia que, assim, não tinha ciência do resultado do julgamento na noite anterior. Tratava-se, para todos os efeitos, de um foragido perigoso correndo aparentemente sem motivos no centro da cidade. Tudo preto no branco. Havia, de fato, fundadas razões para a abordagem. Não houve culpa dos policiais, nem do juiz, nem dos servidores. O sistema, enfim, estava absolvido. Tanto quanto o suspeito. Chamaram, então, o destino de azar ou de equívoco. Quando todos são culpados, em verdade, ninguém é culpado. O sistema sempre encontra uma solução sistêmica e teleológica para se preservar. É assim que o injustificável e o ignóbil se transformam em explicações tautológicas de uma lógica interna invencível.

Depois de tudo explicado, o juiz mandou que retirassem as algemas e, desta vez, entregou-lhe o alvará de soltura em mãos. Orientou-lhe, porém, a não mais correr pelas ruas, explicando que caminhar seria mais prudente. Recomendou-lhe, ainda, que, por algum tempo, sempre que saísse de casa, levasse consigo o seu alvará, o qual deveria apresentar sempre que, eventualmente, fosse parado pela polícia. Ninguém precisou explicar o porquê daquela cautela. Ele entendeu. O juiz entendeu. O promotor entendeu. Os policiais entenderam. Todos concordaram.

De resto, com um ar de humanidade peculiar diante da situação, perguntou-lhe o juiz se o réu chegara a ver a sua filha, pois se lembrava da história do dia anterior. O homem respondeu que não e começou a chorar. Desta vez, não perguntou ao magistrado se podia se retirar. Continuava com a cabeça baixa e as mãos para trás do corpo, como que ainda detido. Foi o próprio juiz que, já agora, lhe disse para ir, advertindo-o, contudo, a não mais agir em atitude suspeita, em especial naqueles trajés, vestido de branco.

Ouvindo este último conselho, decidiu tomar o rumo de sua casa e enfrentar o seu destino mais uma vez. Estava convencido, embora sem coragem ou ânimo para retrucar, que a questão certamente não era, ou pelo menos não era apenas, a cor da roupa. Mas

engoliu em seco e passou pela porta do fórum remoendo o sentimento de injustiça. Mas o que de fato lhe corroía a alma era a angústia gerada pela separação de sua filhinha que aumentava a cada passo, firme e lento, que dava, de modo que cada movimento passou a ser milimetricamente calculado, de modo a não externar, aos olhos dos cidadãos de bem, o que aquela alma negra de branco mais desejava: correr em direção à sua filha para enfim matar a infinita saudade.

Mas seus passos eram errantes, tendo percorrido todo o caminho sem esboçar qualquer naturalidade. Se corria, temia ser preso; se andava, calculando os passos, também. Apavorava-o a possibilidade de adiar, uma vez mais, o encontro tão esperado, mas pior seria um novo recolhimento à prisão. Sentiu-se um fantoche, na medida em que os outros podiam lhe determinar os gestos e os próprios movimentos. Ponderou em sua própria mente que, assim como se entregavam, por azar do destino, moleques de brinquedos aos sinhozinhos da casa grande, os azarados de hoje eram entregues ao sistema de justiça criminal. Sentia-se como um “leva-pancadas”. Conhecia muito bem as histórias da nossa gente, até mesmo porque as coisas não haviam mudado tanto assim. Algo lhe parecia muito errado. Mas o fundamental é que estava livre, sabe-se lá até quando, diante das provas inconclusas da sua inocência.

Mas não havia mais tempo para reflexões inúteis. Era um homem livre e já podia construir, em sua mente, o tão esperado retorno à sua casa e o encontro com a sua família. Sem dúvida era um homem de sorte. Estava no caminho certo. Só precisava conter-se ao passar pelo beco. Antes de atravessá-lo, vacilou. Fechou os olhos e toda a sua tragédia percorreu-lhe o corpo e a mente. Mas agora era diferente, estava solto e já podia sentir o calor do abraço de sua filha dizendo “papai” ao seu ouvido. Não conseguiu conter o sorriso. Abriu os olhos e, ainda sem conseguir disfarçar aquele sorriso, deu um passo adiante. E cada passo mais firme que o anterior. Em pouco tempo, contrariando todas as recomendações, estava de novo em disparada. O seu destino lhe aguardava. Foi então que ouviu um barulho que lhe era bem peculiar.

*Bruno André Silva Ribeiro*

ενα-001 - 2022 d.C.

**Ofensor:** *Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 d.C – 1900 d.C)*

**Ofendido:** *Sócrates – Σωκράτης (470 a.C – 399 a.C)*

*Ofensa contra a honra*

**Objeto Material:** *obra Crepúsculo dos Ídolos, 1888*

*Considerai o seguinte e só prestai atenção a isso: se o que digo é justo ou não; essa, de fato, é a virtude do juiz, do orador – dizer a verdade.*

(Platão, Apologia de Sócrates)

### Vistos.

Cuida-se de exame que tem por objeto a apuração de suposta ofensa contra a honra praticada por **FRIEDRICH WILHELM NIETZSCHE** em face de **SÓCRATES**, na obra *Crepúsculo dos Ídolos* (1888), no capítulo que denominou “O problema de Sócrates”. Nietzsche teria ofendido a honra de Sócrates em diversas passagens, destacando-se dentre elas:

“3. Por sua origem, ele pertencia ao povo mais baixo: Sócrates era plebe. Sabe-se, pode-se ainda ver, como ele era feio. Mas a feiura, em si uma objeção, para os gregos é quase uma refutação. Era Sócrates realmente um grego? Com bastante frequência, a feiura é expressão de um desenvolvimento cruzado, *inibido* pelo cruzamento. Em outro caso aparece como evolução *descendente*. Os antropólogos entre os criminalistas dizem que o criminoso típico é feio: *mostrum in fronte, monstrum in animo* (*monstro na face, monstro na alma*). Mas o criminoso é um *decadent*. Era Sócrates um criminoso típico? – Ao menos isso não seria contrariado pelo famoso juízo fisionômico que pareceu chocante aos amigos de Sócrates. Ao passar por Atenas, um estrangeiro que entendia de rostos disse a Sócrates, na cara deste, que ele era um *monstrum* – que abrigava todos os vícios e apetites ruins. E Sócrates respondeu apenas: “O senhor me conhece”.

4. Não apenas a anarquia e o desregramento confesso dos instintos apontam para

a *décadence* em Sócrates: também a superfetação do lógico e a *malvadez de raquítico* que é sua marca<sup>1</sup> (...).”

À medida que tomamos conhecimento das palavras e das ideias que elas representam, parece existir uma desarmonia dos elementos em relação à **Justiça** que, na filosofia antiga, significa *virtude suprema*, aquela que tudo abrange, sem distinção entre o direito e a moral.

A defesa que se levanta em favor de **Nietzsche**, não se olvidando de quem ele representa na história do pensamento, é o vigor de sua filosofia. A sua criação é de fato **enérgica – vontade de potência** é a sua **inspiração**. Em “Assim Falou Zaratustra”, a filosofia do martelo mais se revela: “*Por que tão duro? – falou certa vez ao diamante o carvão de cozinha; não somos parentes próximos? Por que tão moles? Ó meus irmãos, assim vos pergunto; pois não sois meus – irmãos?*”.

Sob essa perspectiva, apresentando-se como **estilo** de *inspiração* esta forma mais contundente, certas reflexões devem ser feitas: o *martelo*, ou qualquer **licença** poética (**forma** de materialização do divino), **faculta** – em razão do conteúdo – o uso de qualquer construção literária, mesmo que dela resulte ofensa? E embora haja, de fato, contundência nas palavras, houve excesso a ponto de significar **ofensa**? Se a filosofia é com o *martelo*, e **Sócrates** um *ídolo* que **Nietzsche** pretendia vilipendiar, essa criação mais enérgica poderia ter sido desdobramento necessário para a formulação do pensamento, acobertado por alguma causa justificante? Partindo-se dessas reflexões, que são relevantes para o exame **jurídico** do tema, **passo a examinar a questão**.

Desde a mitologia, **Themis**, filha de Urano e Gaia, é a deusa da **Justiça** e guardiã da Lei e dos *juramentos* dos homens. À deusa, prestei o juramento por ocasião de minha *investidura* na **jurisdição** da República. De mim, portanto, foi *tomado* o compromisso. Por essa razão, da deusa eu tenho a espada e a força necessária para estabelecer este julgamento. Fincada neste solo a **jurisdição**, preenchido está o pressuposto processual de **existência**. Sob a tutela do **Direito**, e tendo como fonte a Filosofia, examinarei o fato em confronto com o justo. E na ausência de conflito positivo de jurisdição, firmo a **competência** e a fixo por **prevenção**.

E filósofo ou o poeta, como se diz, é todo aquele que *busca a verdade e se propõe a refletir sobre o objeto*, contemplando-o e, por **inspiração** divina, após apreender certas

---

1 - Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. *Crepúsculo dos Ídolos, ou Como se Filósofa com o Martelo*; tradução de Paulo César de Souza – 1. Ed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

características da **coisa**, a *reproduz na realidade*, como um conto, por exemplo. Há quem tenha enunciado *que os poetas não são mais do que intérpretes dos deuses* (**Platão**, Íon – *theía dýnamis*).

E todos devem respeitar a representação da **Justiça** e submeter-se a ela, tendo como maior exemplo **Sócrates**: sereno e equilibrado, respeitou a corte, o Estado e aqueles que o condenaram. E *independentemente* de submissão voluntária, a **Justiça** é de imposição **coercitiva**, *materializando-se* de inúmeras formas. Logo, quem está submetido à Lei é o vulgo – não o divino – sem nenhum temor reverencial por parte de quem prestou o juramento de representar a **Justiça** e, *sob ordem* de Themis, diz o **divino**. Passo, por isso, a examinar o *mérito*.

As ideias que têm por predicado a ofensa deverão se submeter ao esquadrinho da balança de **Themis**. Saliente-se que o legado de **Nietzsche** atravessará gerações e permanecerá – séculos, quiçá milênios – sendo objeto de estudo e influência. Há, por isso, a necessidade do reconhecimento da *imprescritibilidade do exame* do fato: os efeitos da conduta transcendem a vida do *homem* e se perpetuam enquanto viva for a sua filosofia. E a **honra** é bem imaterial – *a honra também se perpetua no tempo*, sobretudo daqueles que **ainda vivem** entre nós em razão de seu *pensamento (divino) sobreviver ao próprio homem*, não existindo corpo físico para, por meio dele, interpor queixa perante a República. A **vítima** passa a ser toda a coletividade, que tem interesse difuso sobre o bem tutelado – **que é a honra de quem ainda sobrevive em nosso tempo**, objeto de proteção **coletiva**, por *ordem* de Themis.

Quanto ao **tipo jurídico do injusto**, o elemento principal é a *ofensa* que viola a dignidade ou o decoro, mediante xingamento ou atribuição de qualidade negativa, ou seja, o **insulto** deve ser dirigido com a finalidade de ofender os aspectos **físicos** ou um dos dois tipos de virtude assinalados por **Aristóteles**: a **intelectual** ou a **moral**. Não cabe, por isso, a exceção da verdade, pois não se pode pretender provar um *insulto* ou uma *afronta*. A **literatura** do Direito é pródiga em exemplos, como chamar a pessoa de “desonesta”, ou de “feia”. A **jurisprudência** é pacífica neste mesmo sentido.

Ao se examinar com cuidado as palavras, como sustentar que a afirmação feita a **Sócrates**, o chamando de *feio e criminoso típico*, guarda correspondência com a *filosofia do martelo* e escapa do conceito de ilícito? Ao falar sobre **Sócrates**, afirmou, dentre outras coisas, que *“a malvadez do raquítico é a sua marca”*. No capítulo inteiro, como se extrai da transcrição parcial feita na inauguração desta peça, há pensamentos semelhantes com palavras ofensivas que atentam contra quem ele elegeu, por si mesmo, como alvo. Rememore-se que **Sócrates** não é inimigo senão pelos olhos de **Nietzsche**.

Sabendo que a cultura grega valorizava a beleza física, a posição social e a sabedoria, **Nietzsche** fez uso de todos esses elementos para proferir ofensa contra a honra de **Sócrates**. Fez, ainda, juízo axiológico especulativo do ilícito: “*era Sócrates um criminoso típico?*”, chegando à conclusão de que “*se dependesse de sua fisionomia, isso não seria contrariado*”. Ora, toda *manifestação humana* do divino submete-se à **Justiça** e do justo não pode resultar ilícito. **Aristóteles** foi enfático ao afirmar que não existe *qualquer mediania, nem excesso, nem deficiência nos atos [viciosos] que, uma vez praticados, estão errados!* (Ética a Nicômaco, L.II, 6).

Mesmo com a ampliação do conceito das palavras de significado imediato – aquelas que estão escritas e possuem o seu significado próximo da ideia que cada uma representa por si mesma – enfatizando-se, ainda, o *estilo* de **Nietzsche**, ou seja, mesmo que nos esforcemos na transliteração do significado das palavras e do conjunto a que elas pertencem, não é possível conferir licitude ao que ali está escrito. Nem a mais favorável hermenêutica jurídica abriga esse tipo de conduta. O que está em julgamento não é a *filosofia de Nietzsche*, tarefa não afeita ao Magistrado, mas a *submissão* do **vulgo à Lei**, sobretudo quando pretende manifestar algo do **divino**. Como sustentar que essas ofensas se inserem dentro do desdobramento do raciocínio que ele desenvolveu e seriam necessárias, tendo agido nos casos **estritos** de *permissão do injusto*? Como admitir que por meio do estilo poético mais duro, vigoroso e contundente, **alguém** possa ter liberdade para **macular** a honra de outra pessoa de forma voluntariosa?

A *prática* da filosofia deve observar rigorosamente o *justo*, pois à **Justiça** *se submete!* Sob essa imposição, a resposta a cada uma das perguntas acima **condena** as palavras de **Nietzsche usadas contra a honra de Sócrates**. Mesmo se acolhêssemos a dureza do martelo e sua acidez característica – inclusive que estava se valendo de elementos materiais em contraposição ao metafísico, inspirando-se nos conceitos de *niilismo e amor fati* –, o **estilo literário** não confere causa excludente ou mesmo dirimente ao agente; não há *liberdade* para **ofender** terceiro. **Nietzsche** transformou **Sócrates** em caricatura por meio de elementos ofensivos, agindo com evidente *animus injuriandi* com desiderato de subjugá-lo, depreciando a honra por meio de sua aparência, especulando ao ter por termos coisas do gênero “*monstrum in fronte, monstrum in animo*”, ou seja, desenvolveu ideia ofensiva fundamentada em elemento material para depreciar o imaterial, *combinando entre si duas ofensas* que agrediam bens distintos.

Ao ofender e, ainda, sobre a ofensa exercer juízo de valor, manifestou vontade deliberada e consciente – **dolo** – contra a dignidade daquele a quem, por si mesmo, arvorou-se em posição de algoz, **agindo em desconformidade com o justo**.

**Dito isso**, passo a verificar as circunstâncias.

O **injusto** deve ser **qualificado** pelo *preconceito*, consistente na utilização de elementos referentes à raça, etnia ou origem. Como **agravante**, anoto que a ofensa foi praticada em desfavor daquele “*que entre todos que nos foi dado conhecer era o melhor e também o mais sábio e mais justo*”, no relato da testemunha Fédon, que esteve com ele em seu momento derradeiro (**Platão, Fédon**). A ofensa, por isso, ganha maior proporção em face da natureza do bem tutelado e contra *quem* foi desferida.

Por fim, presente duas **atenuantes**. A primeira, quanto à questão de **estilo (filosofia do martelo)**, diminui-se o juízo de reprovação sobre a ofensa dado que o excesso proveio daquilo que era característica de sua criação, fruto da *potência de agir*. A segunda atenuante diz respeito à data da ofensa. Segundo os registros, fora praticado um pouco antes da perda da lucidez, o que também acarreta diminuição do juízo de reprovação da conduta pela possibilidade de algum reflexo anterior daquilo que lhe sobreviria. Na dúvida, impõe-se o reconhecimento desta causa a seu favor.

Isso posto, fruto de exame de minha alma sob ordem da deusa da **JUSTIÇA**, *com a força de sua espada*, **CONDENO** as **palavras proferidas por Friedrich Wilhelm Nietzsche** em face de **Sócrates** no capítulo II, da Obra o Crepúsculo dos Ídolos – “O caso de Sócrates” pela **ofensa da honra sem permissão para o injusto**.

Posto isso, **DECLARO a inexistência** de qualquer **divino** que derive desta base estruturante *por não ter harmonia* com o **justo** e dele não participar. O capítulo ofensivo à honra de **Sócrates** não encontra fundamento na **Justiça**.

**DECLARO**, por fim, paz em minha *alma* pelo julgamento.

**Dê-se ciência** a todos. **Registre-se o justo**, à margem de sua escrita.

Vigoraré enquanto viva for sua palavra. **Publique-se** para a produção de seus efeitos.

Vincit Omnia Veritas  
**Juiz de Direito sob ordem da deusa Themis**

*Fabricio Reali Zia*

## Boiadeiros

“A mineira me pediu / um vestido delicado / eu virei disse  
pra ela / esperar vender meu gado / a mineira  
arrespostou / boiadeiro tá quebrado (de uma moda caipira)”

Muitos não sabem, mas no meio rural a discriminação é significativa. A classe dos boiadeiros não tolera quem se dedique a outros misteres, sejam quais forem eles, e principalmente os enxadeiros, que são desconsiderados e tratados com maior desprezo. Os boiadeiros são nobres, corajosos, sujeitos aos maiores perigos, desde a domaço de um cavalo xucro até a arte de, gloriosamente, laçar um garrote sobreano ou meio erado bravo, imobilizá-lo e operar a castração, principalmente se o fizer sozinho. Segura-lhe as calças sempre largas, uma guaiaca de fino lavor de seleiro e ali ele deposita vários objetos, como, por exemplo, um canivete enorme e bem amolado para as práticas de um campeador de truz e também dinheiro para quando for à cidade ou ao lupanar onde se sente rei, não é como aqueloutro que tem um cinto de pano feito em casa com o propósito de evitar que lhe fiquem à mostra as ceroulas, estas feitas com sacos de farinha, além de portar como arma uma prosaica lima, com que afia sua enxada. Cobre-se de louros o impávido ginete se raptar uma morena cor de sapoti e a levar na garupa de seu corcel para prados distantes e depois, sem pejo e nem remorso e sem rebaixamento moral, abandoná-la quando achar que já satisfaz a sua valentia de macho. Quando muito, dedica-lhe uma moda caipira para dar satisfação do que decidiu e, assim, se redime. Emociona-o até o fundo de sua alma aventureira a tarefa de colocar uma boiada inteira no estradão e andar com ela trinta ou quarenta marchas e de, muitas vezes, rejuntar os bois após inesperado estouro. O repouso debaixo do baixeiro e do pelego nas noites frias daqueles campos sem fim após o repasto do feijão tropeiro e da apetitosa carne seca bem gorda, o que vai repor as suas energias gastas em razão daquela vida de frenética agitação. Não se dorme antes de “fazer o quilo”, com medo de alguma congestão. O lazer nessas ocasiões se faz através do prosear dos peões, das vantagens de cada um relatadas com minúcias para que não pareçam gabolices, sendo certo que todos sabem que o são. E vem o violeiro da comitiva com seu instrumento e já se ouvem os desafios e os curucus rimados forçosamente, pois ninguém é repentista. Assim, matam saudade do rincão e da companhia, mas a catira não pode fazer, pois o chão de terra não permite sapateado e, sem ele, catira não tem graça. Dura, mas invejável vida. O boiadeiro é superior àquele que lida com enxada, triste criatura despida de emoções e pobre de assunto, pois que assunto pode ter, que mundo conhece ele, se limita a puxar o cabo de uma humilde ferramenta cujo enfadonho monólogo não passa de um rap-rap o dia todo? Não se lhe pode, pois, dar confiança, que é o mesmo que se rebaixar.

Arlindinho denominava-se boiadeiro. Em suas veias corria o sangue do solerte

centauro. Nascera, a bem dizer, com as pernas tortas, já prontas para se adaptarem à sela, e sorria com desprezo quando os amigos diziam que aquilo, na verdade, era consequência de um simioto, mal que aflige os recém nascidos desvalidos de nutrição intrauterina e que, apresentados à parteira, guardam semelhança a macacos de cambitos curvos, só sobrevivendo à custa da caridade alheia e notadamente de benzimentos fortes, sem o que não vingam... Depois, criado, fortalecido em sua coragem por todos admirada, desprezando em suas disparadas ao enalço de alguma rês alongada os aspectos penetrantes de mamicas-de-porca ou arranha-gatos, jamais descansava enquanto não a conduzisse ao curral, andando ou, se fosse o caso de extrema precisão, arrastada. Em seu proseado típico, sempre mastigando um palito ou um fio de capim, ar de despreocupação, isento de emoções na narrativa demorada, com chapéu de bico inclinado sobre a testa, repetia jargões da nobre profissão e desfiava suas aventuras. Compunha comitivas para além-Pantanal, donde ajudara, com decisiva e efetiva participação a trazer compridas boiadas. Uma de suas missões era a de vigiar os bugres mercenários para que não furtassem bens dos boiadeiros e que, sem trocar prosa, acompanhavam a lenta procissão indicando os atalhos, pois só eles, com acurado faro e senso de direção, sabiam das traições das cheias e da mudança constante da paisagem, de modo a enganar o condutor da boiada. Uma simples guinada do lado errado faria a comitiva se perder naquela imensidão e nunca mais achar a rota para destino mais civilizado e conhecido. Estranhos pios noturnos no silêncio sepulcral da noite significavam comunicação dos ariscos guias com seus irmãos, os quais, mesmo a distância, não perdiam o rastro. Desconfiavam que, além de não receberem o soldo pelo trabalho, fossem, ao fim, trucidados, o que mais de uma vez acontecera naqueles ermos onde a impunidade reinava como a coisa mais natural do mundo, por isso mesmo, ocultos, davam sinais de sua discreta vigilância. Em sua longa vida de culatreiro, Arlindinho por duas ou três vezes via o dia amanhecer e... nem sinal dos guias, que debandavam à noite, renunciando à paga que fizeram por merecer, temendo, por algum falso ou verdadeiro aviso de traição dos brancos, perderem a vida, mais valioso bem. Outra de suas funções era a de orientar a retranca. Sempre vigilante, percebia pelo voo inusitado das aves no céu próximo o aviso de inquietação da boiada e, assim, convocando os companheiros, evitava muitas vezes o estouro tão temido pelo trabalho que dava para reagrupar e a perda de algumas cabeças.

Porém, sua vida de moço já era do passado. Laçador implacável, escolhia imobilizar a rês pelos chifres ou pelo pescoço com seu laço de doze braços feito do couro de uma novilha. E, cravando o salto de suas botas no chão do curral, derrubava o bicho, daí porque todos diziam que ele era como um palanque. Animal no chão, estendido, os companheiros o peavam e, assim, curavam a bicheira, e arrancando o carnegão com os bigatos ainda pululando, aplicavam o desinfetante creolina e o destino que fizesse o resto. Arlindinho não participava desse serviço, tinha nojo. Invejavam-no também pela guaiaca de pelica, pelas botas sanfonadas, pelo chapéu de fina palhinha e pelo lenço

“joão vaine”, que ganhara dos herdeiros do finado fazendeiro Vadinho do Tijuco Preto. Mas, um dia, quebrou o braço e não houve santo que fizesse o milagre da recuperação. Braço torto e dolorido nos dias frios, acabou por vender o laço e limitava-se a participar de comitivas de boiadeiros. Lamentava não estar sendo procurado, os negócios estavam fracos, mas, se o fosse, sua bunda ainda aguentava muitas marchas de sela.

Verdade, verdade, é que tudo isso era farofada. Sempre bêbado como um gambá, não havia notícia de que o proseador, algum dia, peara uma vaca mansa para lhe apartar o bezerro e iniciar a ordenha. Se lhe dessem um cavalo velho para arrear, colocaria a sela ao contrário ou deixaria a barrigueira solta. Mandassem-lhe enrolar um laço e, aí, o trabalho era sem préstimo. Não por ser cachaceiro inveterado, mas porque não sabia mesmo. Suas patranhas eram recolhidas no meio dos boiadeiros e muitas vezes frequentava as pousadas onde eles descansavam após a longa marcha do dia, e, aí, assimilava aquela tertúlia, devorava as aventuras contadas e as espalhava como se delas tivesse participado, temperando-as com graça invulgar e o sal de sua fértil imaginação, dado que, aliado à sua paixão pelo assunto, seu dom de memorizar era surpreendente, ainda que embriagado.

Vivia de expedientes. Seu contato com a aristocrática arte não passava de se ocupar em abrir a porteira para que estropiadas reses doadas para o leilão da quermesse – e por doadas, já se vê que eram restolhos da criação de sitiante – fossem recolhidas ao cercado armado para a festa. Ou então para transmitir recados de negócios entre boiadeiros, recados sérios, diga-se, pois se fossem para as mulheres do “casão” não aceitaria nunca, pois não era rufião. Também servia para encomendar marcas para ferrar os bovinos, palpitando ao ferreiro sobre o desenho mais adequado. E assim, sozinho, ia vivendo, beneficiário de caridade e dos muitos que lhe pagavam bebida para se divertirem com suas parolices. Sinceramente convicto e com completo envolvimento nos assuntos de pecuária, dominador de seus segredos, iludia-se a si próprio. Imaginava-se boiadeiro vinte e quatro horas por dia, sonhava com isso.

Decidiu um dia desfazer dúvidas e dizer por que veio ao mundo. Tendo sido presenteado por criador condoído de sua miséria com dois capadetes, encheu-se na chácara de um compadre. Não suportando ter à sua disposição tamanha fortuna, destinou os bacorinhos já bem criados a uma permuta com uma potranca lobuna, ainda redomona, manca e meio cega, e mais a tralha velha, resultando que, já na estreia, ou porque ela passarinhasse ou porque estranhou as esporadas do peão, que lhe pareceu ingênuo e vacilante, arremessou-o do lombo para que sorte, num gramado macio à beira da estrada. Não houve machucadura, mas o presenteador, preocupado no que pudesse acontecer de mais grave no futuro, não querendo humilhar o pobre coitado desmerecendo a sua qualidade de cavaleiro experimentando, convenceu-o a desfazer o negócio, apontando os defeitos da montaria e reclamando que presente dado não era de

ser desprezado mas, no caso, se repassado fosse, só quando os suínos atingissem quatro arrobas de peso e toucinho de três dedos, condição mínima para a venda, oferecendo-lhe até o milho e farelo, que Arlindinho aceitou, mandou carroceiro amigo buscar, guardou o alimento no paiol do chacareiro e pediu à mulher dele que tratasse dos bichos, dado que ele, Arlindinho, era muito ocupado.

E assim, não tendo o que fazer, negócios com gado parados, nenhuma condução de boiadas em pauta, concorrência de caminhões, preços oscilando, desorientando os pecuaristas, enquanto confiava em que, assim que tudo melhorasse, seria procurado, pois nunca comitiva alguma bem se formaria sem a sua participação. Esperava no botequim de Seu Quero, espanhol dos bravos que sempre repetia a mesma ameaça a quem o ouvisse, numa mistura ibérica: “quando pienso que soy espanhol, tengo medo de mim mismo e non traigo comigo toda la água del mar que é para non atrapalhar a navegación de Espanha”. E, assim, pensava atemorizar os fregueses de boteco, amigos do fiado. E Arlindinho, servido de um martelo que lhe pagaram, esperto, viu que o barista depositou a garrafa atrás de um balcão que continha doces, desses de fabricação duvidosa, meio falsificados, emborcou depressa a bebida, acompanhou o espanhol com os olhos e vendo-o ocupado em servir outros fregueses, pensou-o distraído, debruçou-se sobre a vitrina para alcançar a garrafa e se servir de mais um gole, quando escorregou e foi cair por cima do móvel, espatifando-o e espalhando pelo chão os docinhos de abóbora, queijadinhas, batata-roxa e o que mais ali se continha. Sofreu cortes profundos no peito e nos braços, logo tratados na farmácia do Seu Ramon, espanhol dos mansos, alguns pontos sem anestesia e álcool e iodo por cima, gaze e esparadrapo.

Dia seguinte, desanimado e parecendo mais uma múmia de tão enrolado, sentado de lado num banco de pracinha, abordado pelo pároco, que muito dó tinha dele:

– Que foi isso, Arlindinho?

– Pois é, Seu Padre, quem lida com gado bravo está sujeito!

*Edmeu Carmesini*

# DEPOIMENTO

**Estupro de vulnerável e o aborto | Primeiro lugar**

Paula Fernanda de Souza Vasconcelos Navarro | São Paulo – SP

**É como andar de bicicleta | Segundo lugar**

Juliana Pinheiro de Toledo Piza | Rio de Janeiro – RJ

**Esmalte nas unhas e justiça no coração | Terceiro lugar**

Genaceia da Silva Alberton | São Leopoldo – RS

## Estupro de vulnerável e o aborto

Judicar em localidades com graves carências de recursos financeiros e poucas condições de atendimento das demandas sociais certamente foi um dos maiores desafios de minha carreira como juíza de direito, além de uma experiência de vida que só a magistratura é capaz de trazer.

A cidade de Francisco Morato tem um dos menores índices de desenvolvimento humano (IDH) do Estado de São Paulo e, em razão de fatores sociológicos, aliados à pobreza, marginalização e falta de assistência adequada dos organismos públicos, há um número muito expressivo de crimes de estupro de vulnerável, que é o chamado abuso sexual contra menores de 14 anos.

Em razão dessa triste realidade, semanalmente eu enfrentava a árdua missão de julgar acusações desse tipo, com imensos desafios a serem superados, entre eles a mais tocante dificuldade era fazer com que a vítima se sentisse à vontade para contar a história, que eu chamava de “a sua história”, para que aquele ser humano ainda em formação se sentisse seguro em me confiar o seu segredo.

Algumas vezes os depoimentos envolviam crianças pequenas e o relato ocorria sem a assistência de psicólogos ou assistentes sociais. Para isso, a maternidade me deu as ferramentas necessárias para acolher e ouvir aquelas crianças tão pequenas vítimas da violência brutal que o mundo dos adultos lhes impunha.

Outras vezes as crianças eram maiores, mas seus olhinhos demonstravam vergonha do ocorrido, sentimento de culpa, trauma pela violência sofrida, medo do abusador, o qual invariavelmente é um parente ou conhecido; intimidação pelo ambiente formal da audiência e pela presença de pessoas estranhas. Sempre foi um desafio!

Era esse o cenário para o triste julgamento de casos que exigiam muito mais do que o preparo jurídico feito para o concurso público. Entre tantos, houve um caso que marcou a minha vida de forma muito significativa.

Em uma tarde quente de verão uma mocinha muito bonita de 13 anos de idade entrou na sala de audiência acompanhada de sua mãe, também jovem. Ambas assustadas com aquele ambiente formal, logo se sentiram mais confortáveis ao perceberem que havia apenas mulheres na sala. Tratou-se de boa coincidência que os momentos difíceis por ora nos proporcionam. Eu, mulher e juíza. Ao meu lado a escrevente de sala, na mesa central a promotora de justiça e a advogada do réu, além da depoente, a mãe da vítima. Todas

mães, jovens, todas sentindo a mesma dor, todas com o coração apertado aguardando o relato que se seguiria.

Sabíamos que aquele depoimento seria marcante. A menina foi estuprada pelo avô de 65 anos, que morava na mesma residência, para a nossa maior tristeza era o avô materno: A violência sexual perdurou por mais de 3 anos. Ela contou que o estuprador lhe ordenava à prática de atos sexuais de diferentes tipos, sendo que, caso revelasse os fatos à sua mãe ambas seriam mortas. Contou que sempre que a mãe saía ele se aproximava e exigia que ela praticasse sexo e fizesse outros atos libidinosos. Em razão do estupro, a menina acabou por engravidar. Foi quando a mãe descobriu os fatos e os levou à polícia, sendo o criminoso preso. Houve autorização judicial para que a menina realizasse um aborto e, nas palavras daquela criança, “foi tudo bem”.

Prosseguimos a audiência com a oitava da mãe da vítima. Uma mulher jovem, bonita, cheia de vida, mas que mostrou a marca terrível que aquele crime deixou na sua família. Foi repetindo as palavras da filha que iniciou seu depoimento, fornecendo detalhes ainda mais estarrecedores, como as ameaças que a menina sofreu, a atitude sorrateira do seu pai, que nunca agiu dessa forma anteriormente, além de externar uma enorme culpa por não ter percebido os fatos mais cedo. Trabalhava fora para sustentá-los, era enfermeira, passava o dia nos hospitais e não percebeu o que ocorria dentro de sua casa. Contou que se sentiu dilacerada no momento em que soube da gravidez e acolheu sua filha, denunciando seu pai à polícia. Ambas mantinham acompanhamento psiquiátrico desde o ocorrido.

Passei a perguntar sobre o momento do aborto, já que esse fato é importante no momento de fixação da pena do acusado, na medida em que o Código Penal determina ao juiz que leve em consideração as consequências do crime para a vítima, algo que eu sempre procurei observar nas minhas sentenças criminais, uma vez que a pena fixada também é uma resposta do Estado dada à vítima do crime.

Nesse momento a mãe começou a chorar e disse que a filha não teve coragem de contar os detalhes do aborto, mas que o faria em seu nome.

Aquela mulher jovem e bonita, com anos de vida pela frente, iniciou o relato mais triste que colhi em anos de carreira da magistratura e que certamente marcou sua existência e a de todas as pessoas que o ouviram.

Disse que na época do aborto a gravidez já estava adiantada, o feto contava com 8 meses. Era, portanto, uma criança formada. A vítima foi internada no hospital Perola Byton para realizar o procedimento e foram ministrados remédios abortivos para que aquela criança perdesse a outra criança que carregava em seu ventre.

Após um dia inteiro de tentativas e com a equipe médica mobilizada para a tarefa, a criança por vir não perdeu os seus sinais vitais e não faleceu no ventre daquela pretensa mãe que a carregava. Foi necessário interromper os medicamentos, em virtude dos riscos trazidos também para a menina que carregava o bebê, ambos lutando pela vida.

Os médicos então decidiram submeter a menina a uma cirurgia cesariana, pois entenderam que induzir um parto normal seria ainda mais traumatizante. A menina foi sedada e sua mãe, segurando-a firmemente, acompanhou todo o procedimento, transmitindo à sua filha a confiança que já não possuía.

O parto foi realizado e aquele pequeno ser humano abriu os olhos e chorou, nasceu com vida. Uma vida curta, breve e indesejada, pelo menos por aqueles que teriam supostamente o dever de amá-lo. Passou pelo mundo como um sopro e seguiu para outra sala, onde o procedimento abortivo foi concluído.

Fiquei em dúvida se deveria perguntar como o aborto foi concluído, afinal, esse detalhe já não era mais relevante para o processo. Decidi não perguntar, não era mais necessário submeter aquela mulher à lembrança do sofrimento que lhe acompanharia para além da vida.

Ao final do relato, ainda aos prantos, o depoimento foi encerrado. Eu me segurava para também não chorar quando olhei para o lado, pedindo para a escrevente pegar um copo de água no intuito de acalmar a mulher que, ainda bela, emanava uma tristeza profunda e dilacerante.

A escrevente chorava copiosamente e não conseguiu atender ao meu pedido. Olhei para o outro lado para tentar não me comover ainda mais e a promotora de justiça se esvaía em lágrimas silenciosas. Estava estática, com olhar profundo, pensativa. Ao final, direcionei-me para a advogada do réu que, de cabeça baixa, procurava um lenço para conter também o seu choro, demonstrando que nem mesmo a paixão pelo direito poderia superar a paixão pela vida.

Fiz uma pausa e a audiência foi suspensa, todas precisávamos de alguns minutos para nos recompor.

Retornamos com o interrogatório do réu. Tratava-se de um homem idoso, com a cabeça quase calva, conservava uns raros cabelos já grisalhos. Com vestes imundas e mal cheiro, mantinha no olhar a expressão da loucura. Veio preso não só pelas algemas de ferro, mas pelas correntes da vida desgraçada que levava na cadeia. Questionado, negou todas as acusações. Disse que jamais bolinou sua neta. Aquela menina mentia,

transava com o namorado, era uma pervertida aos 10 anos de idade. Embora a menina manifestasse interesse sexual em sua pessoa, nunca a violou. Amava-a profundamente.

O exame de DNA do feto confirmou a paternidade do avô. Confirmou também que aquele feto era saudável e viável.

O réu foi condenado. Fixei a pena máxima de 30 anos de reclusão em regime fechado, posteriormente confirmada pelo Tribunal de Justiça de São Paulo.

No dia daquela audiência não chorei, era meu dever agir com imparcialidade e zelar para que a solenidade se cumprisse até o final. Hoje, ao escrever esse relato, fiz as mesmas pausas para respirar que naquele dia, mas reservei-me ao direito de chorar aquilo que ficou engasgado todos esses anos.

Do episódio, não sei o destino do réu, se ainda está preso, quanto cumpriu da sua pena, sequer se vivo está. Lembro-me bem da sua face, mas não do seu nome. Também não conheço o destino da vítima ou da sua mãe, se encontraram ou não meios de superar aquele trauma. A única certeza que sobejou é que uma das vítimas não teve chances de sobreviver e seguir seu malfadado destino.

Sobre o direito à vida e ao aborto, prefiro deixar o debate a cargo dos experts. Como juíza, não me sinto à altura de julgar as escolhas de cada ser humano, já me basta o encargo do julgamento dos fatos à luz do direito. Nas palavras de John Keynes: “a tarefa de modificar a natureza humana não deve ser confundida com a de administrá-la”.

*Paula Fernanda de Souza Vasconcelos Navarro*

## “É como andar de bicicleta”

Já passava das cinco da tarde quando chamei as partes para a audiência, a última daquela semana. Era uma quinta-feira plúmbea e chuvosa. Eu estava um pouco cansada e passava os olhos no processo para lembrar do que se tratava.

Primeiro entrou um senhor idoso, bastante magro, um pouco abatido, acompanhado de seu advogado, um homem de meia idade. Os dois se sentaram. O senhor idoso olhou para mim e baixou a cabeça.

Em seguida entrou um homem jovem, trajando um terno elegante, acompanhado de uma mulher, que chamava a atenção por ser muito bonita. Os seus cabelos longos e escuros contrastavam com os olhos azuis, que, de tão transparentes, era possível enxergar uma tristeza através deles.

Percebi uma rápida troca de olhares entre o idoso e a mulher triste. Perguntei aos advogados se havia alguma possibilidade de acordo.

O jovem advogado, ativo e falante, imediatamente respondeu que não haveria acordo porque tudo o que era devido, em razão do término do contrato de trabalho, tinha sido pago. Disse que o zelador precisava desocupar o imóvel imediatamente, um apartamento conjugado localizado no térreo do edifício, onde tinha residido nos últimos trinta e cinco anos em razão do seu trabalho.

O advogado do idoso ponderou que após tantos anos de serviços prestados naquele edifício familiar, o zelador merecia ser tratado com mais consideração, porque embora os salários pagos em dia tivessem permitido que ele vivesse com dignidade ao lado de sua esposa durante quase uma vida, podendo desfrutar até mesmo de uma nesga da vista da Lagoa Rodrigo de Freitas, não foi possível formar uma poupança para a velhice. Viúvo, aposentado e agora desempregado, o zelador não tinha onde morar.

O senhor idoso permanecia quieto e cabisbaixo enquanto ouvia tudo e parecia resignado com o seu destino incerto.

Diante daquelas considerações, comecei a entabular uma proposta de acordo. Sugeri que o zelador continuasse no apartamento por três ou quatro meses, a título de comodato, até que pudesse encontrar uma solução para o seu problema de moradia.

O advogado do condomínio do edifício se mostrava irredutível e a mulher triste permanecia calada.

Enquanto eu ditava a ata para a secretária de audiência, já me preparando para encerrar os trabalhos e levar o processo para sentença, porque nenhuma prova seria produzida, o zelador olhou para mim e perguntou se podia falar. Eu assenti com a cabeça. Ele me olhou fixamente e disse que ficaria muito satisfeito com a minha proposta porque já tinha um pequeno terreno, no mesmo quintal de uma irmã mais nova que morava em Xerém, e que só faltava a quantia de dez mil reais para que pudesse construir um quartinho com banheiro.

O jovem advogado, já um pouco irritado, de forma açodada e rude, falou que infelizmente não seria possível aquela avença, que nada era devido e que não havia previsão em lei para que o zelador permanecesse no edifício. Foi então que a mulher bonita fez um gesto com mão, interrompendo a fala do seu advogado, e disse:

– Seu Antônio, o senhor pode ficar no conjugado do edifício enquanto constrói o seu quartinho e faço questão de arcar com o custo dessa obra. Isso não é nada perto de tudo o que o senhor fez pelos moradores, sempre tão prestativo e atencioso. E o senhor era a alegria da criançada.

Com os olhos marejados, a mulher estendeu os braços em direção ao idoso, que retribuiu o gesto, e entrelaçaram as mãos. O zelador, desprovido de qualquer armadura ou formalidade, e olhando nos olhos do jovem advogado, disse:

– Meu filho, a lei não sabe que eu ensinei essa moça a andar de bicicleta.

O acordo foi celebrado e o senhor idoso saiu da sala caminhando ao lado da mulher bonita, que agora já não me parecia triste.

Durante a minha vida, tenho revisitado o que aconteceu naquela tarde. É como andar de bicicleta, a gente nunca esquece.

*Juliana Pinheiro de Toledo Piza*

## Esmalte nas unhas e justiça no coração

Após 40 anos de Magistratura, no momento da aposentadoria, sentia pulsar a alegria do dever cumprido, mas lembranças me vieram à mente.

Recordei o olhar de desconfiança ou incredulidade quando, nos primeiros anos escolares, afirmava que seria advogada, e não médica ou professora “normalista.” Isso porque era o sonho daquela época usar o anel de pedra azul e uma estrela de diamante no centro, ostentado pelas educadoras.

Para mim, era o símbolo da balança que me seduzia, desde o dia em que ouvi de meu pai a explicação de seu sentido e que poderia ser uma advogada se assim o desejasse. O atuar com o tema justiça já era exercido empiricamente, quando eu questionava as distorções dos anos 60 em termos de gênero ou de fé. Mas precisava levantar a voz para que ela fosse ouvida e levada em consideração nas discussões de grupo. O que era visto como petulância pelas religiosas da Ordem de Notre Dame, para mim era o exercício do justo direito de discordar.

Passados os anos, quando já aspirante à carreira jurídica, percebia que a barreira à mulher era uma realidade; havia o temor de que não desse conta de uma carreira frente à natural situação de mãe. Mas isso não aconteceu. A mulher demonstrou a possibilidade de ser uma profissional, esposa, mãe, amiga ou líder.

Superado o desafio de ingresso, outro foi o de chegar ao topo da carreira. A título de brincadeira, ao ser eliminado o Tribunal de Alçada, em velada discriminação, dizia-se que haveria uma invasão feminina no Tribunal. Haveria gabinetes plenos de flores e, nas gavetas, vidros de esmalte. A realidade superou as expectativas e as mulheres não precisaram se masculinizar para serem desembargadoras.

As discriminações diminuíram, mas a Resolução 255 do Conselho Nacional de Justiça sobre o incentivo da participação da mulher na administração do Judiciário, emitida pela Ministra Carmen Lúcia, denota que ainda há um caminho a percorrer na valorização feminina no Poder Judiciário.

Não é preciso dar luzes às diferentes iniciativas de magistradas no Judiciário, porque as realizações são conquistas sociais alcançadas com uma única preocupação, que é a própria justiça.

É certo que, nas causas envolvendo o universo feminino, e não apenas neste, o olhar da mulher tem sido muito eficaz. Dê-se como exemplo as causas envolvendo violência doméstica e abuso sexual.

O preconceito cultural em relação à mulher, num ambiente que era predominantemente masculino, vem sendo superado, tanto que temos, pela primeira vez, uma mulher na liderança de uma entidade de classe da magistratura em nível nacional.

Embora em meu estado as mulheres tenham sido eleitas para a área de administração do Tribunal, sem qualquer rechaço dos colegas, em outros não ocorre o mesmo.

Mais mulheres na administração proporcionará a continuidade competente do exercício na área não jurisdicional, haverá lentes humanas para aqueles que, muitas vezes, são invisíveis na estrutura organizacional. Refiro-me aos terceirizados, especialmente na limpeza. Nesse setor há um grande contingente de mulheres e jovens, geralmente negros e pobres, que merecem receber um apoio de orientação na área da saúde. Se a terceirização se faz por motivos financeiros, isso não impede a atenção em termos de justiça social aos que, diuturnamente, dão o melhor de si para o atendimento e conforto dos magistrados.

A aposentadoria chega para finalizar uma carreira. Os anos passaram. Os gabinetes sempre estiveram plenos de flores e folhagens. Nas unhas, o esmalte, mas, no coração, o foco e o intransigente amor à ética e à justiça, servindo a uma sociedade que nela crê.

*Genaceia da Silva Alberton*

## Menções Honrosas

**De Antiguidades Judicantes**

Getúlio Marcos Pereira Neves | Vila Velha – ES

**O juiz que falou demais**

Otávio Tioiti Tokuda | São Paulo – SP

**Mãe nossa de cada dia**

Joana Sarmento de Matos | Boa Vista – RR

## De Antiguidades Judicantes

Sabemos que atingimos uma certa antiguidade na atividade a que nos dedicamos quando somos procurados para “prestar depoimento”. A minha primeira vez não deixou de ser um susto, mas logo me acostumei com a ideia e procurei colaborar. Minha interlocutora se tratava de uma repórter da Assessoria de Comunicação do meu Tribunal de Justiça, pelo que me dei conta de que o público para quem falava entenderia o que eu tinha a dizer.

Gravando a conversa no celular, um aperfeiçoamento do gravador digital, a pergunta que me lançou de cara foi como eram os tempos do ofício no século passado, isto é, antes dos anos 2000. Ora, pensei eu, tanta gente ingressada na magistratura nos anos 90 ainda em atividade, e por que era eu o escolhido para o tal depoimento? Desconfiei que a barba que ando cultivando e me emoldura de branco o rosto deve contribuir para um ar mais *retrô*, a critério dela. O fato de eu me mostrar sempre acessível ao pessoal da Comunicação deve ter a ver também, vá lá.

Mas então pus-me a matutar na pergunta, e a recordar fatos e pessoas que permearam minha trajetória de quase três decênios de trabalho judicante. Jurisdicionados também, que no final das contas casos e casos nos marcam de alguma maneira. Sim, quase três decênios de atividade judicante significam alguma coisa. Principalmente para quem, como minha interlocutora, não os tinha sequer de vida.

Entretanto a moça me fitava e esperava que eu iniciasse a narrativa. O momento de silêncio, se gastava memória do aparelho, servia para ativar a minha. De fato, eu não cheguei a viver os tempos em que o juiz trazia de casa a minuta de sentença rascunhada à mão, que entregava ao escrivão para que alguém do cartório a datilografasse. Geralmente o próprio escrivão o fazia, já que era a pessoa de confiança dos juízes. Chegávamos ao interior e nos dirigíamos exatamente ao escrivão, o servidor que sabia de todo o serviço na Comarca. Por óbvio, passavam os juízes e promotores, ficavam as lides, os processos (não necessariamente as lides eram todas judicializadas naquele tempo, meios alternativos de solução de litígios eram aplicados, mesmo que não institucionalmente) e a vida da comunidade seguia seu curso.

Recordo-me da minha chegada à Vara militar para assumir a titularidade. Perguntei pelo escrivão, que me foi apontado. Sentado estava, sentado permaneceu. Disse-lhe que estava assumindo a titularidade, e que desejava conhecer as dependências da unidade judiciária. Olhou-me e perguntou meu nome, ao que lhe apresentei a carteira funcional.

Conferiu o ato do presidente do Tribunal de Justiça determinando minha remoção, e

então levantou-se e enquadrrou-se como só um oficial PM “das antigas” é capaz de fazer. Foi o início de uma grande colaboração em matéria de serviço e de uma amizade que se manteve ao longo do tempo.

Deixando de lado a figura imprescindível dos escrivães (hoje chefes de secretaria), o fato é que eu particularmente não cheguei a levar minutas rascunhadas à mão para digitar no cartório: logo depois da posse adquiri um microcomputador, um avançado 386 – que nos meus tempos de curso de Engenharia no Rio de Janeiro eram usados na Faculdade pelos estudantes de mestrado. Nós, graduandos, nos virávamos para os trabalhos obrigatórios com as perfuradoras de cartões – os cartões que traduziam em linguagem de máquina o nosso programa, e que deveriam ser entregues na ordem correta para inserção no cérebro eletrônico. Que avanço incrível, pensei na época, em menos de 10 anos aquelas maquininhas deixarem os laboratórios dos centros tecnológicos mais avançados para serem usadas ali da mesa do meu escritório!

Devido à sedução que sobre nós exercem os avanços tecnológicos foi que resolvi levar para a sala de audiências um microcomputador, no intuito de facilitar os trabalhos. E levei um 286, que se prestaria muito bem ao serviço. Opinião que, logo percebi, não era partilhada pela escrevente que me fazia as audiências: em vias de ser avó, era-lhe exigido que trocasse por aquele aparelho a máquina de datilografia que a acompanhou em toda a carreira no serviço público! Não adiantou chamar-lhe a atenção para o fato de que os teclados de ambas as geringonças eram iguais: dias depois, a gentil senhora preferia passar a atuar processos no cartório a aprender a utilizar os recursos que a tecnologia passaria então, e inexoravelmente, a disponibilizar.

A propalada explosão de litigância se deveu também às facilidades que a tecnologia introduziu nos vetustos serviços judiciários. Tantos recursos – memória para acessar os intermináveis repositórios de jurisprudência, um editor de texto que permitia deletar trechos inteiros sem borrar a folha com borracha ou corretor, comunicação pela rede mundial de computadores (algo que, se nos punha em contato com o mundo todo em segundos, imagine com o juiz ali da minha cidade) –, tudo num aparelho só, por certo chacoalhou a nossa visão de mundo. Por isso lembro com carinho da minha escrevente que não se adaptou aos novos tempos, e que, felizmente para ela, logo se livrava da maçada pelos braços afáveis da aposentadoria.

Esse olhar sobre o que se passava à volta, e não apenas sobre o que ia nos autos, passou-se a exigir cada vez mais do juiz desde então. Ao “juiz técnico” dos anos 90, o craque em filigranas processuais civis, passava-se a exigir que adquirisse conhecimentos de gestão – de pessoas e de processos –, a fim de administrar uma massa processual que passou a se multiplicar exponencialmente. Por outro lado, a sociedade, alertada dos seus

direitos e consciente da função desempenhada pelo Judiciário, passou a exigir respostas rápidas às demandas que se punham, algumas delas impensáveis na época das Olivetti cartorárias.

– Contando assim parece lamentação – sorri para a repórter –, e, no entanto, foi o que passamos todos nós que ingressamos no serviço judiciário no início dos anos 90. “Aqueles para quem as regras de aposentadoria se alteram tanto”, pensei, mas guardei comigo.

A vida das pessoas mudou, e muito. A relação do público com agentes e servidores públicos da mesma forma. Lembro-me, por exemplo, dos cartazes em repartições públicas reproduzindo o texto do art. 331 do Código Penal: desacatar funcionário público..., sobre o que, hoje em dia, se veem debates, jurídicos e não, quanto à descriminalização da conduta. Para os colegas que adentraram há pouco, a vida sem o processo judicial eletrônico parece impensável. Eficiência, presteza, esses adjetivos cuja perseguição diária é exigência inerente à função judicante, nem sempre foram percebidos da maneira como os percebemos hoje. De juízes do meu Tribunal de Justiça que em tempos recuados portaram armas por conta de disputas lindeiras envolvendo a sua Comarca a outros, que na calada da noite iam para a beira de rios coibir pesca ilegal, num prenúncio das lides ambientais que então ainda não se punham, esses “antepassados” eram também eficientes e prestos. Prontos a responder às demandas que a eles chegavam, na forma que a sociedade deles exigia à época.

É por isso que, ao acompanhar pela internet sessões de tribunais em que o julgador se faz acompanhar de um assistente que liga e desliga o microfone, penso comigo que aquele agente público viu o mundo mudar muitas vezes no espaço de tempo da sua carreira. Que o aperfeiçoamento constante não é acompanhado no mesmo ritmo por todos, e que as exigências que sobre ele recaem serão certamente supridas, como deve ter se acostumado a fazer por todo o tempo em que vem desempenhando o serviço.

No caso da entrevista, creio que acabou bem. Não é que a repórter não sabia usar a plataforma na qual passei a realizar audiências diariamente desde a pandemia? Passei-lhe uns macetes para operar a sala.

Ou terá se tratado de simples delicadeza de parte dela? Será que o embranquecer da barba já começa a me atrair delicadezas? Vou começar a pensar nisso, mas em todo caso, fica aí o registro.

*Getúlio Marcos Pereira Neves*

## O juiz que falou demais

Numa tarde quentíssima de cidade do interior paulista, no ano de 1999, um juiz substituto, no auge dos seus 25 anos de idade, com aquela sede de ser justo e fazer cumprir a lei, preparava-se para sua primeira audiência de tráfico de entorpecentes.

O processo era volumoso, vários réus, envolvendo até mesmo investigação da Polícia Federal, já que a droga vinha de Pedro Juan Caballero, Paraguai.

Processo estudado de cabo a rabo, o jovem juiz, vestindo um terno bem cortado por alfaiate, imaginava qual postura deveria tomar na sua primeira audiência de tráfico de entorpecentes. Postura sisuda, para camuflar a pouca idade e o rosto imberbe, ou postura amigável, com o objetivo de quebrar a tensão no ambiente? O juiz escolheu a segunda...

Apregoados o representante do Ministério Público, os réus e seus advogados, o novel juiz coloca aquele seu sorriso mais brilhante no rosto e convida os presentes a tomarem assento junto à mesa de audiências.

O jovem magistrado, que estava há uma semana na comarca e ainda não conhecia a comunidade jurídica, percebe que o Advogado de um dos réus claudicava com auxílio de muletas. Eis que o juiz, na ânsia de ser mais do que cortês, pergunta ao ilustre Advogado: machucou-se no futebol, doutor? E o Advogado, com um sorriso sem graça no rosto, responde: paralisia infantil, Excelência...

O juiz, já vermelho de tanta vergonha, tira o sorriso do rosto, desculpa-se com o Advogado e, adotando postura mais solene, dá início à audiência.

O incidente serviu de lição de vida a este magistrado, que deixa aqui o seu registro.

Moral da história: bom senso não se aprende na Escola de Magistratura...

*Otávio Tioiti Tokuda*

## Mãe nossa de cada dia

Dona X (a chamarei assim para preservá-la), toda franzina, estatura baixa, voz quase imperceptível, coração apertado, entra no Gabinete.

– Então, dona X, o que faz a Senhora vir aqui?

– Doutora, é meu filho. Sei que parece esquisito, mas preciso. Não sei como falar com uma Juíza. Preciso que meu filho fique recolhido.

Um silêncio incomum: não se escuta isso sempre. Estranho. Minha cara denuncia o estranhamento.

– Pois então, é para o bem da filha dele, minha e dele, porque sei que se não for assim, vão matar meu filho, Doutora.

– Então como é isso, Dona X?

Vou abrindo o processo do filho dela: indivíduo com várias medidas protetivas, vários crimes contra Dona X e sua neta – a neta de 8 anos, relata Dona X, morre de medo do pai. Esteve internado algumas vezes: medicado, tem melhoras. Mas está sem a medicação e com o uso de drogas ilícitas.

– Pois então, não sei como falar, Doutora. Mas preciso que meu filho fique recolhido, porque vão matá-lo, Doutora. Prefiro ele preso e vivo do que morto.

Escuto aquela senhora. Não sei nem o que fazer, responder. Combino com Dona X:

– Hoje tenho várias pessoas para atender. Gostaria de dar uma atenção melhor à Senhora. Pode voltar na sexta-feira.

No tal dia lá está a senhora franzina... isso anos atrás. Escuto, fico pensando na ambiguidade de uma mãe (prefere o filho preso, mas vivo).

Tento todas as medidas possíveis, juridicamente falando: internação em hospital de custódia. Não há hospital de custódia. Determino recolhimento prisional, correndo o risco de responder por abuso. Determino isolá-lo. Que tenha acesso a medicamentos. Funciona por um tempo, após internado em hospital normal, já que não tem o de custódia. E assim vai nesse ciclo.... Por anos.

Feito pedido de extinção da medida de segurança. O filho já estava submetido há anos à medida de segurança. Parecer favorável pela extinção. Estudo dias esse processo.

Não há saída a não ser extinguir. Faço a extinção da medida. Dona X, quando fica sabendo, vai ao Gabinete desesperada:

– Doutora, por favor, não matar meu filho, ou ele vai nos matar, só tivemos sossego no tempo que a senhora o manteve na Unidade, por favor.

Explico para Dona X:

– Não posso fazer isso. Se algo acontece com seu filho dentro da unidade, eu estou frita. Perco meu cargo.

Explico, explico, tento explicar... depois de muito tempo ela “entende”, ou, como diz, “se conforma”.

Esta semana Dona X liga na VEP. Rosana atende. Dona X parece querer somente desabafar. Diz que sabe que não podemos fazer nada por ela. Que tudo que podíamos, fizemos. Diz que não teve sossego desde que ele saiu... Ouvimos, ouvimos e só isso podemos fazer por Dona X. Fico pensando em Dona X... véspera do Dia das Mães...

Véspera do Dia das Mães em maio de 2020.

*Joana Sarmiento de Matos*

